

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

MATEUS EDUARDO DA ROCHA

**A PROFANAÇÃO DA CIS-HETERONORMATIVIDADE DE PABLO VITTAR E SUA
INFLUÊNCIA NA AUTOACEITAÇÃO DE HOMENS GAYS**

ERECHIM

2024

MATEUS EDUARDO DA ROCHA

**A PROFANAÇÃO DA CIS-HETERONORMATIVIDADE DE PABLO VITTAR E SUA
INFLUÊNCIA NA AUTOACEITAÇÃO DE HOMENS GAYS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo José de Souza

ERECHIM

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Rocha, Mateus Eduardo da

A profanação da cis-heteronormatividade de Pablo Vittar e sua influência na autoaceitação de homens gays / Mateus Eduardo da Rocha. -- 2024.
116 f.

Orientador: Doutor Reginaldo José de Souza

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Erechim, RS, 2024.

1. Diversidade Sexual e de Gênero. 2. drag queen. 3. Pablo Vittar. 4. Teoria queer. 5. Preconceito. I. Souza, Reginaldo José de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MATEUS EDUARDO DA ROCHA

**A PROFANAÇÃO DA CIS-HETERONORMATIVIDADE DE PABLO VITTAR E SUA
INFLUÊNCIA NA AUTOACEITAÇÃO DE HOMENS GAYS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas defendido em banca examinadora em 08/07/2024.

Aprovado em: 08/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reginaldo José de Souza – UFFS
Presidente da banca/orientador

Prof. Dr. Douglas Alves dos Santos – UFFS
Membro titular externo

Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza – UFPR
Membro titular interno

Prof. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo – UFFS
Membro suplente

Erechim/RS, julho de 2024.

Dedico este trabalho aos meus pais,
que me auxiliaram em todo o percurso
até aqui, especialmente nesta jornada
acadêmica; meu namorado, que esteve
comigo em vários momentos difíceis
e à Pablo Vittar, que tem papel
fundamental na luta pelos direitos
das pessoas LGBTQ+. A vocês,
minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

Não é fácil ser *gay* e nunca foi. Meu desejo pela conquista de direitos relacionados à população LGBTQ+ é crescente. Assim como muitos, já me senti de lado devido à sexualidade, já sofri *bullying*, já me senti julgado no trabalho, tantas situações... Essa dissertação materializa todo o meu desejo pela evolução social no aspecto preconceito. Essa dissertação é vida. É a minha vida. Escrevê-la, fez eu me sentir mais leve e mais consciente de que eu posso ter um papel ainda maior para lutar pelos direitos da comunidade.

Levando isso em consideração, nada mais justo do que começar por quem me deu esperanças de um futuro melhor: Pablo Vittar. Após me assumir, não foi fácil, sabe? Percebi que tive que realizar um processo de autoconhecimento constante. Ingênuo fui eu ao pensar que já tivera feito isso ao longo de meus 18 anos. Pablo foi luz, Pablo foi reflexão. Ver que um *gay* nordestino e afeminado estava nos holofotes, sendo quem era e propagando aceitação e resistência me fez ver o mundo de outra forma. Por isso e por outros diversos motivos, os quais poderia listar em várias páginas, obrigado, Pablo!

Meus sinceros agradecimentos vão também ao meu orientador. Sei que não foi fácil a trajetória até aqui. Foram muitas e muitas reuniões de alinhamentos, de reflexões, de crescimento. Tenho muito a agradecer por permitir que isso se tornasse realidade, por aceitar as ideias referentes a esse estudo e por acreditar em mim. Obrigado, meu orientador!

Agradeço também meus pais. Nossa relação nem sempre foi fácil. Percebo que após me assumir, após eu mostrar realmente quem sou, as coisas melhoraram. Agradeço muito por se permitirem pensar sobre tópicos de diversidade sexual e refletirem sobre os preconceitos que carregavam por muitos anos e hoje, serem pais incríveis e que respeitam e aceitam seu filho do jeitinho que ele é. Obrigado pai e mãe, esse estudo só foi possível com a ajuda de vocês!

Ainda, quero agradecer meu namorado. Que orgulho poder escrever isso abertamente em uma dissertação, inclusive. Obrigado, Daniel, pela paciência, pela empatia nos momentos difíceis, por ser meu conforto em situações complicadas. Você foi a melhor pessoa que poderia estar neste momento comigo, obrigado por tudo!

Por fim, quero fazer um agradecimento final a todos. Quando eu falo todos, me refiro a todos que me auxiliaram neste processo, a todos que apoiam a diversidade, a todos que lutam pelos direitos da população LGBTQ+. A todos. Obrigado por permitirem que eu viva esse momento, afinal, como disse inicialmente, isso é a minha vida e sempre será. Obrigado!

*“A gente tem que lutar sim todos os dias, passar nosso
blush, nosso glitter, sair na rua e não ter vergonha do
que a gente é”*

(Pabllo Vittar)

RESUMO

Sabe-se que a falta de respeito às diferenças é uma problemática bastante agravante na sociedade. Dessa forma, possuir uma orientação sexual diferente dos padrões estabelecidos, ter outra identidade de gênero que não a de seu nascimento, entre outros possíveis exemplos, acabam por causar estranhamento em indivíduos que acreditam em normas pré-estabelecidas socialmente, iniciando-se, assim, a construção do preconceito. Levando isso em consideração, o presente trabalho, realizado na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Erechim, entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2024, consiste em investigar as vivências de pessoas ao se assumir *gay* e promover reflexão sobre as influências que a *drag queen* Pablio Vittar têm neste contexto e/ou em como a pessoa lida com sua identidade sexual e de gênero. Tem como objetivos secundários apresentar o histórico da homossexualidade e das *drag queens*, enfatizando os aspectos que corroboram com a permanência do preconceito na atualidade e criticar as atitudes preconceituosas contra as pessoas LGBTQ+ a partir de fundamentos da teoria *Queer*. Em relação à metodologia utilizada, optou-se pela pesquisa bibliográfica, qualitativa e de campo, à medida que serão mencionados diversos autores que estudam a temática em pauta, de distintas áreas, promovendo um estudo interdisciplinar e exposição à campo para coletar dados em uma entrevista com administradores de fã clubes da *drag queen* Pablio Vittar, que aconteceram de forma virtual, pelo *Google Meet*, com fãs residentes no Brasil. Para análise desses dados, será empregada a análise de conteúdo de (1977), associada, ainda, com a teoria *Queer*. A dissertação será desenvolvida em três blocos de revisão de literatura: o primeiro, sobre aspectos da homossexualidade e da trajetória das *drag queens*; o segundo, sobre a questão da música e sua relação com o sujeito LGBTQ+, além de informações relevantes sobre a artista Pablio Vittar; e o último, sobre a teoria *queer* e as dificuldades de se assumir LGBTQ+ no mundo contemporâneo. No próximo momento, são apresentados os resultados e discussões acerca da entrevista realizada. Por meio desta pesquisa, percebeu-se que a artista Pablio Vittar possui influência no ato de assumir-se ou aceitar-se por parte dos administradores de fã clubes, mostrando-se um fator benéfico que pode melhorar, de forma individual, o âmbito familiar, social, profissional, entre outros.

Palavras-chave: Diversidade sexual e de gênero, *drag queen*, Pablio Vittar, teoria *queer*, preconceito.

ABSTRACT

It is known that the lack of respect for differences is a significant issue in society. Thus, having a sexual orientation different from established norms, having a gender identity other than one's birth gender, among other possible examples, causes estrangement in individuals who believe in socially pre-established norms, thereby initiating the construction of prejudice. Considering this, the present work, conducted at the Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Erechim campus, between the second semester of 2022 and the first semester of 2024, aims to investigate the experiences of individuals when coming out as LGBT+ and to promote reflection on the influences that drag queen Pabllo Vittar has in this context and/or how the person deals with their sexual and gender identity. Its secondary objectives are to present the history of homosexuality and drag queens, emphasizing the aspects that contribute to the persistence of prejudice today, and to criticize prejudiced attitudes against LGBT+ people based on Queer theory. Regarding the methodology used, a bibliographic, qualitative, and field research approach was chosen, as various authors who study the subject from different areas will be mentioned, promoting an interdisciplinary study and field exposure to collect data in an interview with administrators of Pabllo Vittar's fan clubs, which took place virtually, via Google Meet, with fans residing in Brazil. For the analysis of these data, content analysis from (1977) will be employed, also associated with Queer theory. The dissertation will be developed in three blocks of literature review: the first on aspects of homosexuality and the trajectory of drag queens; the second on the issue of music and its relationship with the LGBT+ individual, as well as relevant information about the artist Pabllo Vittar; and the last on Queer theory and the difficulties of coming out as LGBT+ in the contemporary world. In the next section, the results and discussions about the interview conducted are presented. Through this research, it was observed that the artist Pabllo Vittar influences the act of coming out or self-acceptance among the fan club administrators, proving to be a beneficial factor that can improve, individually, the family, social, professional, and other environments.

Keywords: Sexual and gender diversity, drag queen, Pabllo Vittar, Queer theory, prejudice.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Blocos das entrevistas	21
Tabela 2 – Conceito de transexual, travesti e <i>drag queens</i>	35
Tabela 3 - Sugestões de Fã Clubes (<i>Instagram</i>)	67
Tabela 4 - Sugestões de Fã Clubes (<i>X</i>)	68
Tabela 5 - Perfil dos Entrevistados	70
Tabela 6 - Apresentação geral das categorias, unidades temáticas e unidades de registro	72
Tabela 7 - Unidades de Registro do tema: “O preconceito e o contexto local”	74
Tabela 8 - Unidades de Registro do tema: “As concepções sobre assumir-se <i>gay</i> ”	77
Tabela 9 - Unidades de Registro do tema: “O papel da Arte, figuras públicas e influências para a comunidade”	80
Tabela 10 - Unidades de Registro do tema: “As concepções de fã clubes”	85
Tabela 11 - Unidades de Registro do tema: “ <i>Influências da Pablllo Vittar ao assumir-se e/ou lidar com identidade sexual ou de gênero</i> ”	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BR	Brasileiro
GLF	<i>Gay Liberation Front</i>
LGBT+	Lésbicas, <i>gays</i> , bissexuais, transexuais, <i>queer</i> , intersexuais, assexuais, entre outros.
PDF	Formato Portátil de Documento
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
+18	Maior de 18 anos

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Artistas que colaboram positivamente para a comunidade LGBT+	81
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Julian Eltinge	37
Figura 2 – Rogéria	38
Figura 3 – Laura de Vison	39
Figura 4 – Kaká di Polly	40
Figura 5 – Dolly & Dolly	41
Figura 6 – RuPaul's	41
Figura 7 – Ney Matogrosso	45
Figura 8 – Angela Ro Ro	46
Figura 9 – Cazuza	47
Figura 10 – Renato Russo	48
Figura 11 – Pabllo e sua família em uma entrevista televisiva	52
Figura 12 – Phabullo Rodrigues e Pabllo Vittar	55
Figura 13 – Publicação realizada nas redes sociais do autor	67

LISTA DE SÍMBOLOS

+ Mais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Metodologia	17
1.1.1 Pesquisa Qualitativa	18
1.1.2 Pesquisa de Campo	19
1.1.3 Aspectos éticos da pesquisa	24
1.1.4 Análise de dados	25
2 REVISÃO DE LITERATURA	27
2.1 Para início de conversa...	27
2.1.1 Homossexualidade: entre preconceito, leis e direitos por reconhecimento	27
2.1.2 Conceitos iniciais e breve histórico das drag <i>queens</i>	34
2.2 A emergência de artistas <i>queer</i> no Brasil - breve considerações	42
2.2.1. Pabllo Vittar: um K.O. no preconceito	52
2.3 Teoria <i>queer</i> , preconceito e representatividade LGBTQ+	56
2.3.1 Teoria <i>Queer</i> e contribuições para a ascensão de artistas como a Pabllo Vittar	62
3. ANÁLISES E DISCUSSÕES	66
3.1 As entrevistas	66
3.2 Perfil dos Entrevistados	70
3.3 Constituição das categorias da Análise de Conteúdo	71
3.4 Interpretação das categorias de análise	72
3.4.1 Categoria 1 - “Assumir-se <i>gay</i> nunca é fácil”	73
3.4.1.1 Preconceito no contexto local	74
3.4.1.2 As concepções sobre assumir-se <i>gay</i>	78
3.4.1.3 O papel da Arte, figuras públicas e influências para a comunidade	81
3.4.2 Categoria 2 - “Minha história com Pabllo Vittar”	85
3.4.2.1 Concepções, motivações e papel do fã clube	85
3.4.2.2 Influências da Pabllo Vittar ao assumir-se e/ou lidar com identidade sexual ou de gênero	89
4. CONCLUSÃO	95
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	104

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de dissertação vincula-se ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), estruturando-se como uma pesquisa interdisciplinar.

O preconceito é um aglomerado de crenças, atitudes e comportamentos que se embasam em conceder a qualquer indivíduo de determinado grupo humano uma característica negativa, simplesmente pelo pertencimento dele àquele grupo. A característica amplificada é observada como essencial e definidora da natureza do grupo e dessa maneira, representa permanentemente todos os sujeitos que o formam (MEZAN, 1998).

Ressalta-se que dentro da sociedade, é possível identificar diferentes tipos de grupos, dentre eles, muitos são ignorados devido aos seus aspectos culturais, físicos, religiosos ou sociais. A palavra minoria refere-se a um grupo de indivíduos que de alguma forma, ou devido às suas relações sociais encontram-se em uma situação de desvantagem diante a sociedade ou dependência de outro grupo (ANTUNES, 2016).

Sabe-se que a falta de respeito às diferenças é uma problemática bastante agravante na sociedade. Dessa forma, possuir uma orientação sexual diferente dos padrões estabelecidos, ter outra identidade de gênero que não a de seu nascimento, entre outros possíveis exemplos, acabam por causar estranhamento em indivíduos que acreditam em normas pré-estabelecidas socialmente, iniciando-se, assim, a construção do preconceito.

Com isso, identifica-se a população LGBTQ+, que é um grupo que busca sua independência e igualdade social diante a outros grupos julgados como majoritários. Assim, fica notório que esta não é somente uma luta dos integrantes destes movimentos, mas de todos aqueles que se preocupam com uma sociedade mais justa e livre de preconceitos. Dessa forma, buscam-se também reconhecimento, empatia e respeito, mostrando que não há um padrão de sexualidade, de amar e existir (RIBEIRO, 2018).

Dinis (2008) menciona que este é um tema que vem sendo muito discutido nas mídias sociais, programas de televisão, como novelas, filmes, publicidade, entre outros. Muitas vezes, esse assunto não apresenta resultados de diminuição dos sintomas de homofobia, gerando muito debate e preconceito. Na escola, por exemplo, vemos muitos padrões normativos que influenciam na sexualidade dos estudantes,

difícultando a liberdade dos mesmos em idealizarem sua relação com o outro, ficando notório como é preciso cada vez mais trazer esse tema para debate, para desmistificar a ideia do preconceito.

Diante do exposto, torna-se imprescindível debater a temática e trazê-la como pauta de discussão em trabalhos científicos. É importante que a sociedade entenda o que a população LGBTQ+ passa cotidianamente devido ao preconceito, que é passado de geração para geração, além de que reflita sobre falas e atitudes que contribuem para que o preconceito e o sofrimento destes sujeitos perdure socialmente. Dados do Grupo Gay da Bahia, publicados em 2023, acerca do ano anterior, a cada 32 horas morreu uma pessoa no Brasil pelo fato de ser da população LGBTQ+, o que torna-se preocupante socialmente.

A escolha do tema, também ocorre por meio da história de vida do autor, que faz parte da comunidade, representando o G da sigla, *gay*. Ao longo da vida, percebi que os comentários preconceituosos e uma estrutura comportamental de como agir diante das situações era constante, tendo comportamentos considerados masculinos e outros femininos, o que impediu que me expressasse de uma forma mais livre. Aos 18 anos, já assumido, fui me inteirando da temática e hoje, aliada à Graduação de Psicologia e cursos sobre o tema, gosto muito de estudar sobre o assunto e vejo a necessidade do debate e o surgimento de representatividades, como a Pablla Vittar, que aparece neste estudo, associadas ao momento de assumir-se *gay*. É importante você ver em outra pessoa a motivação para conseguir passar por esse processo de uma forma mais tranquila.

Destaca-se que para Pablla Vittar surgir e se tornar uma representatividade, com toda visibilidade que apresenta hoje, outras muitas pessoas foram imprescindíveis para o início do movimento LGBTQ+ e foram responsáveis também por trilhar caminhos para que isso, hoje, se tornasse realidade. Além disso, ressalta-se que quando a artista é abordada como representante da população, não é algo generalizado, pois, leva-se em consideração a realidade intergeracional e que há um processo de identificação muito maior com os jovens.

Em âmbito acadêmico, pesquisou-se na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações que existem nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras e que estimula também o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico sobre os estudos publicados sobre o tema de pesquisa desta dissertação.

Escolheram-se como denominadores de pesquisa os termos Pabllo Vittar, LGBT e preconceito, nos últimos cinco anos (2018-2022) e não obteve-se nenhum resultado de pesquisa com estes denominadores neste período na plataforma, o que ressalta a importância de mostrar por meio de pesquisa científica como artistas da comunidade podem auxiliar no processo de assumir-se, além de entender melhor este processo todo.

Assim, destaca-se que o conservadorismo apresenta grande atitude punitiva frente à população LGBTQ+ e torna-se fundamental investigar a presente pauta. Contudo, verificar as consequências presentes na realidade dos indivíduos que decidem se assumir parte desta comunidade e até mesmo a influência que uma representante tão importante para a comunidade como a *drag queen* Pabllo Vittar tem neste contexto é de suma relevância e auxilia a entender este processo.

Consoante a isso, justifica-se a pertinência da pesquisa, que tem caráter qualitativo, para disseminação de informações acerca da temática e para a reflexão sobre a importância que representantes da população LGBTQ+ podem ter em períodos delicados, como o de assumir-se uma pessoa pertencente à comunidade.

Dessa forma, tem-se como objetivo geral, investigar as vivências de pessoas ao se assumir *gay* e promover reflexão sobre as influências que a *drag queen* Pabllo Vittar têm neste contexto e/ou em como a pessoa lida com sua identidade sexual e de gênero.

Quanto aos objetivos específicos, têm-se três. O primeiro é apresentar o histórico da homossexualidade e das *drag queens*, enfatizando os aspectos que corroboram com a permanência do preconceito na atualidade; o segundo trata de investigar as vivências de pessoas ao se assumir *gay* e promover reflexão sobre as influências que a *drag queen* Pabllo Vittar têm neste contexto; e o terceiro, visa criticar as atitudes preconceituosas contra as pessoas LGBTQ+ a partir de fundamentos da teoria *Queer*.

A dissertação será desenvolvida em três blocos de revisão de literatura. O primeiro, sobre aspectos da homossexualidade e da trajetória das *drag queens*, traçará uma breve linha do tempo mencionando como foi que a diversidade sexual começou a ser observada socialmente, quais consequências tiveram os sujeitos da comunidade ao longo dos períodos históricos e como foi a construção das conquistas de direitos por meio de leis e as conquistas de espaços.

Em um segundo bloco, será discutida a questão da música e sua relação com o sujeito LGBTQ+. Este espaço será dedicado à discussão da dificuldade que as pessoas da comunidade têm para ingressar no mercado musical e permanecerem estáveis, além dos empecilhos de sustentar sua carreira e como é a reação do público em relação a esses artistas.

Na terceira parte da revisão de literatura, será debatido sobre a teoria *queer*. Aqui, será explorado o *queer*, termo que vem recebendo notoriedade e sendo discutido pela própria teoria *queer*, mas que entra em um conflito social quando é discutida, pois as consequências ao falar sobre diversidade ainda são enormes e muitas pessoas não conseguem ser quem são devido às crenças heteronormativas que insistem em permanecer.

Posteriormente, haverá uma parte relacionada à análise de dados que foram coletados na entrevista que será realizada para este estudo e que será detalhada a seguir, na parte metodológica. Para executar esta análise, serão utilizados vários estudiosos citados ao longo do trabalho que conversarão intimamente com os dados coletados.

Assim, Fazenda (2008) afirma que a interdisciplinaridade resulta no envolvimento de mais de uma disciplina, envolvendo metodologias comuns a todas, além de promover integração dos resultados obtidos e buscar a solução de problemáticas por meio de correlações entre as disciplinas, preservando os interesses de cada campo disciplinar.

Os campos disciplinares embasados nesta pesquisa perpassam a Psicologia, Ciências Sociais, Direito, Artes e Geografia. Psicologia por promover o entendimento da mente humana e análise acerca do preconceito; Ciências Sociais que auxiliam a refletir sobre os processos sociais que corroboram com a dificuldade de um indivíduo LGBTQ+ se inserir na sociedade; Direito, pois, vários direitos humanos são feridos constantemente no presente tema; Artes pelo fato de envolver uma artista e os efeitos de sua representatividade para a comunidade; Geografia pela reflexão das territorialidades e questões LGBTQ+. Durante a dissertação, pode-se observar que todas contribuem e se complementam no debate acerca da temática de estudo, que é relacionada às consequências de assumir-se *gay* e o papel da *drag queen* Pablio Vittar neste contexto.

1.1 Metodologia

Minayo (2001) menciona que a metodologia é a via do pensamento e da prática, é o aglomerado de técnicas que possibilitam a composição da realidade e do potencial de quem investiga. Enfatiza, também, que a pesquisa é o exercício básico da ciência e que toda investigação se inicia com um problema, uma hipótese ou um questionamento. Dessa forma, se faz necessária uma construção coerente e concisa deste processo.

Nesta parte será sistematizado os delineamentos metodológicos da pesquisa. Inicialmente será abordado teoricamente a pesquisa qualitativa, explicando os direcionamentos iniciais da pesquisa e o processo de seleção dos sujeitos que participarão da pesquisa. Em seguida, apresentam-se o contexto da pesquisa e os procedimentos metodológicos, além de explicitar-se o percurso da análise dos dados, que segue a abordagem de análise de conteúdo, segundo Bardin.

1.1.1 Pesquisa Qualitativa

A pesquisa constitui-se qualitativa devido ao seu objetivo, que almeja cercar o objeto de investigação sob diferentes aspectos da realidade social e humana a ele inerentes. No entanto, não desconsidera-se a relevância dos elementos quantitativos, muitas vezes também necessários para a compreensão do objeto investigado (MINAYO, 2001). A pesquisa é guiada pelo objetivo de investigar as consequências de se assumir *gay*, devido à constante heteronormatividade difundida pela sociedade e as influências que a *drag queen* Pablllo Vittar possui neste contexto, associando estes fatores às relevantes visões de autores que se debruçam sobre o estudo da teoria *Queer*.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa, a mais adequada para este estudo, segundo Bauer e Gaskell

fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (2002, p.65)

Godoy (2005) aborda alguns pontos essenciais para se ter uma pesquisa qualitativa adequada, tais como: credibilidade, no sentido de validade interna, ou seja, apresentar resultados confiáveis; transferibilidade, não se tratando de generalização,

mas no sentido de realizar uma descrição densa do pesquisado que permita ao leitor refletir o estudo em outro contexto; confiança relativa ao processo desenvolvido pelo pesquisador; confirmabilidade (ou confiabilidade) dos resultados, que se refere à questão da verificação de que a avaliação dos resultados estão fazendo sentido com os dados coletados; explicitação cuidadosa da metodologia, detalhando de forma minuciosa como a pesquisa foi executada e, por fim, relevância das questões de pesquisa, em relação a estudos anteriores.

Tendo como referência estes pontos, espera-se que o ato de pesquisar não seja compreendido como um meio meramente técnico e objetivo, mas como uma atividade que é relacionada também às subjetividades do pesquisador e dos sujeitos que estão sendo estudados (GODOY, 2005).

Quanto aos autores que estarão presentes na pesquisa bibliográfica, ressaltam-se: Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Mary Neide Figueiró, Jaqueline de Jesus, Nicolas Wasser, Thiago dos Santos, Pedro Paulo Antunes, entre outros renomados autores do campo da diversidade sexual e de gênero.

1.1.2 Pesquisa de Campo

Percebe-se a pesquisa de campo como um tipo de pesquisa muito relevante para se inserir no contexto do que está sendo investigado. Minayo (1994) ressalta que a pesquisa de campo é como um recorte que o investigador faz na perspectiva espacial, salientando a realidade empírica a ser estudada a partir de visões teóricas que fundamentam o objeto de investigação.

A presente pesquisa possui como orientação de estudo as consequências do assumir-se *gay*, devido à constante cisheteronormatividade difundida constantemente pela sociedade e as contribuições que a *drag queen* Pablllo Vittar têm para que algumas pessoas superem parte de suas angústias e temores no processo entendimento de sua própria orientação e busca de liberdade de expressão. Para isso, além da revisão de literatura, serão analisadas entrevistas realizadas aos administradores de fã clubes da artista Pablllo Vittar que já passaram pelo momento de assumir-se e verificar quais as consequências de assumir-se e quais são as influências da *drag* neste momento e/ou em lidar com sua identidade sexual e de gênero.

A observação e a entrevista são os elementos da abordagem técnica de campo mais usados. São técnicas que contribuem significativamente para a pesquisa qualitativa, que será utilizada neste estudo e a seguir, serão elencadas características relevantes sobre essas técnicas de pesquisa.

Segundo Lakatos e Markoni (2003) a observação é considerada uma coleta de dados que permite adquirir informações sobre determinados fenômenos da realidade. Ela contribui para que o pesquisador identifique e obtenha provas sobre os objetivos que os sujeitos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento. Ela obriga o investigador a ter um contato maior com a realidade em que seu objeto de pesquisa está inserido.

Sobre a entrevista, aponta-se que ela é uma das técnicas de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Lakatos e Marconi (2003) mencionam que é muito relevante para se obter informações, sendo que possui abrangência, eficiência na obtenção de respostas, classificação e quantificação, sendo que, se comparada aos questionários, capta aspectos culturais do entrevistado, possuindo maior flexibilidade e permitindo ao entrevistador que observe outros tipos de comunicação, como a comunicação não-verbal, demonstrada por expressões e sentimentos.

As entrevistas serão individuais e semiestruturadas com administradores de fãs clubes da artista Pablo Vittar. O pesquisador postará em suas redes sociais (*Instagram* e *X*) duas publicações em cada rede social durante o período de quinze dias, sendo uma publicação por semana em cada uma das redes mencionadas. Na publicação, pedirá para que seus seguidores mencionem o nome de fãs clubes da artista Pablo Vittar pertencentes ao *Instagram* e ao *X*. Com essa lista, os sete fãs clubes serão selecionados a partir dos seguintes critérios, sendo filtrados cinco fãs clubes de cada uma das redes sociais. Para ser selecionado, o fãs clube deve se enquadrar nas questões abordadas posteriormente.

Assim, o convite dos participantes para a entrevista se deve a: -Menção na lista de sugestões de fãs clubes sugeridas por pessoas com acesso às publicações do pesquisador em suas redes sociais; -Ser brasileiro e maior de 18 anos de idade; -ser indivíduo LGBTQ+; -já ter se assumido parte da comunidade LGBTQ+; Estar entre os cinco maiores número de seguidores do *Instagram* ou cinco maiores do *X*, de acordo com a lista de sugestões; - Estar entre os cinco maiores tempos de atuação no fãs clube do *Instagram* ou os cinco maiores do *X*, que será verificado de acordo com a criação da conta nas redes; -Frequência mínima semanal de postagens, nos últimos

90 dias, demonstrando-se ativos na rede social e em contato frequente com informações sobre a artista, podendo responder as perguntas com maior propriedade e riqueza de detalhes.

Os critérios serão seguidos de forma rigorosa, levando-se em consideração que, em caso de similaridade de dados em determinados itens, prevalecerá o primeiro item sendo como o mais importante e responsável como desempate, mantendo-se o empate, o segundo item se torna desempate e assim consecutivamente. Se algum fã clube permanecer em empate mesmo com todos os itens abordados, as vagas restantes serão selecionadas por meio de sorteio. Será feita uma tabela que demonstrará de forma organizada todo o processo de seleção e anexada na Dissertação. Os critérios de exclusão se darão pelo fato de não responder aos critérios de inclusão elaborados para a entrevista ou não responder aos contatos do pesquisador na rede social do fã clube.

Posteriormente a este levantamento, será feito contato com os participantes pelas redes sociais do fã clube, que serão convidados e verificado se gostariam de participar da entrevista, que será gravada, com a temática elencada anteriormente. Se algum dos possíveis participantes preferir não conceder a entrevista, serão contatados os demais fã clubes, seguindo os critérios mencionados. Depois das entrevistas, será realizada a análise de dados.

Ao todo, serão entrevistados sete administradores de fã clubes da artista Pablio Vittar. Esse número se justifica pelo fato da pesquisa se caracterizar como qualitativa e dessa forma o número de sete entrevistas consegue possibilitar dados satisfatórios para a análise de dados da pesquisa.

Em relação à entrevista, será dividida em blocos que estarão descritos na tabela abaixo:

Tabela 1 – Blocos da entrevista

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Formulário de perguntas	Tempo previsto*
Bloco Introdutório: “Vamos iniciar?”	Legitimar a entrevista, motivar o/a entrevistado/a e fazer sua identificação	-Informar o/a entrevistado/a sobre o trabalho de investigação a ser desenvolvido; -Declarar a importância do depoimento do/a entrevistado/a para o sucesso da pesquisa;	5 min

		-Certificar o/a entrevistado/a da confidencialidade das suas informações; -Solicitar ao/à entrevistado/a autorização para citar, no todo ou em partes, trechos do seu depoimento; -Levantar possíveis dúvidas;	
Bloco : “Faço parte da população gay e agora?”	Compreender como foi o processo de assumir-se gay e as consequências desse momento.	As questões norteadoras desta etapa serão: -Em que cidade você mora? Percebe muito preconceito no local? -Quando você se assumiu como integrante do universo LGBT+? -Quais foram os desafios/dificuldades que você enfrentou na ocasião? -Qual a importância de se assumir LGBT+? -Você considera que figuras públicas podem influenciar uma pessoa a ter coragem para “sair do armário”? Por quê? -Qual o papel da Arte, dos artistas para a luta por direitos e ao enfrentamento do conservadorismo? -Que artistas você observa que conseguem estar fazendo a diferença para o público LGBT+? De que forma?	10 min
Bloco: “Minha história com a Pabllo Vittar”	Conhecer os impactos - ou não - da <i>drag queen</i> Pabllo Vittar no processo de assumir-se gay do/a entrevistado/a.	-O que é um fã clube pra você e qual seu papel quanto fã clube na sociedade? -Indagar o/a entrevistado/a sobre como a <i>drag queen</i> Pabllo Vittar surgiu na sua história de	10 min

		vida e como foi motivado para a criação de um fã clube para a artista, além de que papel acredita que desempenha com o fã clube. -Questionar se a artista Pablo Vittar teve influência no ato de assumir-se e se auxiliou ao longo deste processo, além de como enxerga o papel da cantora no universo LGBTQ+ e se considera que ela pode influenciar as pessoas a “saírem do armário” e o porquê.	
Bloco final: “Finalizando”	Finalizar a entrevista.	-Perguntar se o entrevistado gostaria de acrescentar algo em relação aos assuntos debatidos; -Realizar um agradecimento e ressaltar a importância da participação do entrevistado/a.	5 min

*Ressalta-se que o tempo de 30 minutos é apenas uma previsão. A entrevista pode ser estendida ou reduzida, conforme cada participante.

Menciona-se que em a entrevista pode apresentar riscos, como evocação de memórias íntimas e de momentos difíceis ou desconforto. Medidas que visam reduzir os riscos: são: Ambiente acolhedor e privativo, possibilitando conforto aos participantes; estar atento aos sinais verbais e não-verbais de desconforto para impedir que problemas se agravem; liberdade em interromper a participação, possibilidade de recusa a responder a qualquer pergunta, permitindo, assim, a integridade dos participantes; sigilo dos dados, utilização de nomes fictícios ou outra forma de manutenção do anonimato, assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades e não expor imagens que possibilitem a identificação do participante, seguindo preceitos éticos. Esta

condição de cuidado com os dados será devidamente apresentada para cada entrevistado no início da formalização do contato e por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, documentando todos estes critérios de redução de riscos a partir dos relatos pessoais do entrevistado. Ressalta-se também que o mestrando é psicólogo e poderá utilizar técnicas advindas da Psicologia, como a escuta especializada e olhar atento aos comportamentos. Caso algum dos riscos se concretizem, as instituições envolvidas serão informadas sobre o ocorrido.

Em relação à devolutiva, ressalta-se que para a Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, será realizada por meio da entrega da Dissertação de Mestrado e defesa pública. Para os participantes da entrevista, serão convidados para assistirem à defesa da Dissertação e serão encaminhados via e-mail o trabalho finalizado.

1.1.3 Aspectos éticos da pesquisa

A adequação da pesquisa às diretrizes do Comitê de Ética é um aspecto que receberá um olhar criterioso. O registro do consentimento se dará, efetivamente, durante o primeiro contato via rede social (*Instagram* ou X) do fã clube selecionado a partir dos critérios de inclusão e exclusão deste estudo, a fim de apresentar a pesquisa e verificar interesse em participar da entrevista. Diante disso, será disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice A) para a assinatura do entrevistado e, ao mesmo tempo, serão tiradas as dúvidas sobre a pesquisa e a entrevista. Será garantido o anonimato, utilizando, também, pseudônimos na apresentação dos dados.

Lakatos e Marconi (2003) corrobora afirmando que para a realização de uma entrevista bem sucedida, se torna indispensável criar um ambiente amistoso e de confiança, não contrapondo as opiniões do participante, mantendo neutralidade. Eminentemente, a confiança, alinhada à ética deve ser fator primordial para o sucesso da entrevista.

As entrevistas para a pesquisa acontecerão de forma virtual via ferramenta *Google* (*Google Meet*) em horários sugeridos pelos participantes e serão gravadas por meio de aplicativo específico para esta tarefa. A entrevista será executada pelo pesquisador Mateus Eduardo da Rocha e deve ser realizada em local privativo e sem perturbação sonora, da preferência do participante, já que é uma entrevista virtual.

Será realizada em data e hora proposta pelo participante, de acordo com sua disponibilidade, em até três meses após aprovação em Comitê de Ética do projeto. O conteúdo original das entrevistas, após sua transcrição e análise, de acordo com o TCLE, será guardado por um período de cinco anos em sigilo de dados.

Em resumo, ressalta-se que, ao findar o recolhimento de dados, o material constituído será armazenado em local seguro. As gravações em vídeo das entrevistas e as transcrições correspondentes serão armazenadas em arquivos digitais (computador pessoal e drive online) sendo ambos protegidos por senha, disponíveis apenas para o pesquisador e o orientador. Esses materiais permanecerão arquivados por um período máximo de cinco anos, conforme normativa do comitê de ética e pesquisa da UFFS e normatização superior, após esse período serão excluídos em sua totalidade.

1.1.4 Análise de dados

Posteriormente à coleta de dados por meio dos instrumentos referidos, o pesquisador precisa se organizar para analisá-los. Bogdan e Biklen (1994, p. 205) afirmam que “a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros”. Assim sendo, o processo de codificação na organização dos dados é fundamental, uma vez que a formulação de categorias de codificação “constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu [...]” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 221).

Dessa forma, considera-se a análise de conteúdo uma excelente metodologia. Segundo Bardin (1977) análise de conteúdo é

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise do conteúdo é estruturada em torno de três polos: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. O primeiro tópico objetiva organizar as ideias, de modo a estabelecer um esquema preciso do desenvolvimento das etapas posteriores. Neste primeiro momento também

ocorre a escolha documental, formulação de hipóteses e a construção de indicadores que baseiam a interpretação final (BARDIN, 1977).

O segundo elemento, a exploração do material, busca codificar, decompor ou enumerar as informações por meio de regras (itens) preliminarmente determinadas. O último, denominado tratamento dos resultados, inferência e interpretação abrange os resultados encontrados e por meio deles há possibilidades de propor inferências e interpretações acerca do objeto estudado (BARDIN, 1977).

Dessa forma, vê-se que a análise de conteúdo requer grande exigência do pesquisador a fim de conseguir captar e interpretar o subjetivo exposto pelo material analisado. Assim, para a realização de uma análise coesa e coerente, serão transcritas as entrevistas provenientes das gravações na íntegra por meio do software Microsoft Word 2016.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Para início de conversa...

Nesta parte, será abordado um breve histórico da homossexualidade, tratando desde tempos remotos até as conquistas de direitos LGBT+ atuais e das *drag queens*, mencionando sinteticamente como foi a construção dessas pessoas tão importantes ao movimento e alguns nomes que auxiliaram fortemente neste processo.

2.1.1. Homossexualidade: entre preconceitos, leis e o direito de reconhecimento

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, tem como objetivo proteger os direitos e deveres dos cidadãos e fornecer diretrizes sobre a organização do país. No seu artigo 3º, inciso IV, a Constituição estabelece como um dos princípios fundamentais da República a busca pelo bem-estar de todos, sem discriminação com base em origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras características.

No entanto, mesmo após três décadas desde a sua criação, ainda é evidente que os objetivos fundamentais descritos na Constituição não foram plenamente alcançados no que diz respeito aos direitos dos indivíduos homossexuais, devido à predominância da heteronormatividade imposta pela sociedade em geral. Em seu livro "Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade", Figueiró (2007) menciona a necessidade de reformular e abordar essas questões de forma mais inclusiva. A autora destaca que

[...] homens ou mulheres, quando começam a perceber que são homossexuais, sofrem, lutam contra esse sentimento, porque aprenderam, desde pequenos, que nossa sociedade aprova apenas o padrão de relacionamento homem-mulher. Sentindo-se "diferentes", sabem que terão que enfrentar dificuldades e temem perder o amor dos pais, dos irmãos, amigos [...] Se a homossexualidade fosse aprovada socialmente, tanto quanto a heterossexualidade, não haveria sofrimento em perceber-se uma pessoa homossexual (FIGUEIRÓ, 2007, p. 29)

A autora argumenta que desde o momento do nosso nascimento, somos expostos a uma aprendizagem que nos diz que existem apenas dois gêneros -

masculino e feminino - e que se uma pessoa possui um pênis, ela deve se identificar como masculina, e se possui uma vagina, ela deve se identificar como feminina. Além disso, somos ensinados que a atração física e sexual deve ser exclusivamente direcionada ao sexo oposto, que namorar e ter filhos é a única forma aceitável de relacionamento íntimo. No entanto, está sendo construída a ideia de que cada vez mais a temática da atração e do desejo sexual não se limita a essa concepção restrita.

Atualmente, reconhecemos que existem pessoas que sentem atração afetivo-sexual por indivíduos do sexo oposto, do mesmo sexo ou até mesmo por ambos os sexos. Essas orientações sexuais são conhecidas como heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. Em outras palavras, está sendo demonstrado que as orientações sexuais podem variar e não se encaixam necessariamente nos padrões ensinados e adquiridos socialmente (FIGUEIRÓ, 2007).

No Brasil, a Lei 9.278, promulgada em 10 de maio de 1996, define o conceito de família em vigor. Em seu primeiro artigo, ela estabelece que uma entidade familiar é reconhecida como a convivência duradoura, pública e contínua entre um homem e uma mulher, com o objetivo de formar uma família (BRASIL, 1996).

No entanto, é importante ressaltar que outras configurações familiares são observadas na sociedade, e essa definição tornou-se insuficiente para abranger os diversos grupos que constituem uma família. Atualmente, podemos ver casos de pais solteiros, avós que criam seus netos independentemente e até mesmo pessoas que, devido à sua orientação sexual, estabelecem relacionamentos homoafetivos. Essas mudanças têm transformado significativamente o contexto familiar, e a família de hoje não é mais a mesma de anos atrás (OLIVEIRA, 2009).

Para entender este contexto, inicialmente, se faz necessário compreender o vocábulo “homossexualidade”, que está ligada ao tema da pesquisa. De acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa, a expressão é relativa a quem se sente atraído, seja de maneira sexual ou emocional, por outro sujeito do mesmo sexo (DICIO, 2023).

Ressaltando brevemente a questão histórica, alguns pontos que podem ser ressaltados são associados à origem do tabu. Em seu estudo, Mott (2001) explora em detalhes a origem do tabu da homossexualidade, que ainda perdura fortemente na sociedade contemporânea. Sua raiz, segundo narrativas religiosas, remonta a aproximadamente quatro mil anos atrás, quando Abraão, um pastor idoso, afirmou ter recebido revelações divinas e ter sido escolhido para fundar um povo predestinado. A partir desse momento, surgiram diversos mitos e crenças amplamente conhecidos,

especialmente nas principais religiões da sociedade moderna, como o islamismo, o cristianismo e o judaísmo.

Assim, Abraão revela a ordem divina de "crescer e multiplicar", estabelecendo a abominação de qualquer forma de atividade sexual sem fins reprodutivos. Consequentemente, observou-se o aumento de países que puniam de forma severa os indivíduos homossexuais, considerando essa prática como um crime passível de pena de morte em certas comunidades. Além da homossexualidade, outras ações, como masturbação, coito interrompido e bestialismo - relações com animais, também eram penalizadas (MOTT, 2001).

No século XIX, a Psiquiatria começou a estudar a temática da homossexualidade. A ciência, na época, considerava que sentir atração por pessoas do mesmo sexo era uma anomalia, ou seja, os profissionais da área defendiam a ideia de que a saúde mental desses pacientes estava comprometida (GARCIA, 2001).

Nesse contexto, surgiram várias propostas de tratamento e cura, que incluíam desde castração e hipnose até terapias com efeitos aversivos e reparativos. Tudo isso com o objetivo de suprimir e direcionar o indivíduo a se adequar às normas morais estabelecidas pela sociedade (MARQUES, 2014).

Mott (2001) destaca que foi em 1969 que ocorreu um dos marcos mais significativos da história da população LGBTQ+, em um bar na cidade de Nova York. Conhecido como rebelião de Stonewall, foi um acontecimento em que pessoas LGBTQ+ questionaram e entraram em atrito com policiais que eram contra a diversidade sexual e de gênero. A partir desse momento, os protestos públicos exigindo o fim da criminalização dos homossexuais ganharam força, criando movimentos como os propostos pelo grupo *Gay Liberation Front* (GLF), traduzido como "A frente de libertação gay", que defendeu a liberdade sexual e organizou marchas para findar a perseguição aos homossexuais.

Assim, a concepção equivocada da Psiquiatria, que tratava a homossexualidade como uma patologia, foi reconsiderada. A Associação Psiquiátrica Americana e a Organização Mundial da Saúde (OMS), que anteriormente haviam incluído a homossexualidade no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e na Classificação Internacional de Doenças (CID), removeram essa classificação de seus materiais nos anos de 1987 e 1992, respectivamente, passando a reconhecê-la como uma variação normal da sexualidade a partir da edição revisada

do DSM-III R e da CID-10. Entretanto, essa remoção não aconteceu com a transexualidade neste momento (GARCIA, 2001).

No Brasil, em comparação com outros países, ainda existem muitas barreiras a serem superadas quando se trata desse assunto. No entanto, aos poucos, importantes leis que garantem os direitos das relações homoafetivas estão surgindo no país. Um exemplo é a Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013, que estabelece a obrigatoriedade das autoridades competentes de realizar casamentos civis entre pessoas do mesmo sexo ou dissolver essa união, se assim desejarem (BRASIL, 2013).

Outra legislação importante no país é a Lei 7.716/89, que inclui a homofobia e a transfobia como crime na Lei do Racismo, até que o Congresso Nacional promulgue uma lei específica sobre o assunto. No entanto, apesar das conquistas gradualmente alcançadas pela população LGBTQ+, muitos direitos ainda estão defasados, e as mudanças devem continuar.

Destaca-se que leis muito recentes - o que gera tristeza pela demora da criação das mesmas devido à história de luta e dor desses sujeitos - emergem no Brasil colaborando com a proteção às travestis e trans. Benevides e Nogueira abordam que

Somente a partir de 1º de março de 2018 que travestis e transexuais passaram a ter reconhecido o direito ao nome, que é um dos principais direitos da personalidade. Isto porque, após nove anos de tramitação, a Ação Direta de Inconstitucionalidade – ADI nº 4.275 foi julgada pelo Supremo Tribunal Federal – STF, que entendeu ser possível a alteração de nome e gênero no assento de registro civil mesmo sem a realização de procedimento cirúrgico de redesignação de sexo. Pela decisão do STF, o procedimento deve ser feito diretamente nos cartórios, sem necessidade de judicialização ou apresentação de laudos médicos ou psicológicos, por autodeclaração da pessoa interessada. Ainda, no dia 18 de junho de 2018, foi retirada da categoria de transtornos mentais da Classificação Internacional de Doenças – CID-10 a classificação de travestilidade e transexualidade, deixando também de ser vista como uma patologia (2020, p. 45-46).

Assim, é evidente que os indivíduos homossexuais enfrentam diversas dificuldades devido ao preconceito existente. Esse preconceito faz com que a heterossexualidade e a homofobia sejam externalizadas por aqueles que têm atração afetiva e sexual por pessoas do mesmo sexo desde cedo, devido à supremacia que o heterossexismo e a heteronormatividade exercem na sociedade. Assim, as pessoas preconceituosas acabam, em certo grau, reproduzindo essa extensa construção histórica da homofobia (ANTUNES, 2016).

Nesse sentido, são identificados elementos que contribuem significativamente para a perpetuação da homofobia, tais como misoginia, patriarcado, machismo, homonegatividade, heterocentrismo, heteronormatividade, heterossexismo, heterossexualidade compulsória e normas de gênero, além das instituições, que contribuem com mecanismos e dispositivos materiais e ideológicos que perpetuam a opressão. Esses componentes representam formas totalitárias que mantêm e moldam os sistemas de poder e o funcionamento da sociedade, permitindo a continuidade da homofobia (ANTUNES, 2016).

No que se refere ao machismo e à dicotomia sexista, é possível observar que ambos têm sido impostos ao longo do tempo. Historicamente, percebe-se que os homens passaram por grandes transformações devido aos avanços sociais, enquanto as mulheres começaram a assumir papéis que antes eram restritos aos homens. No entanto, ainda há várias questões que precisam ser revisadas, tanto no âmbito profissional quanto nas relações interpessoais, para que a figura feminina deixe de ser considerada inferior à figura masculina (OLIVEIRA, 2009).

É possível perceber que as funções atribuídas a cada sexo são estabelecidas muito antes do nascimento das crianças, devido ao contexto cisheteronormativo existente. Dessa forma, as pessoas assimilam que as manifestações de afeto e o lidar com sentimentos e emoções estão ligados ao feminino, enquanto a racionalidade, a economia e a competição são associadas ao masculino (OSÓRIO; VALLE, 2009, p. 436).

Consequentemente, de acordo com a cultura machista, os indivíduos homossexuais são vistos como algo fora do padrão, pois rompem as fronteiras de gêneros preestabelecidas e, por consequência, são inferiorizados, assim como as mulheres. Benevides e Nogueira (2019) afirmam que a lógica patologizante que incide sobre aqueles que desafiam as normas cisgêneras resulta em exclusão, discriminação, estigmatização e violência.

É importante destacar que as novas configurações familiares buscam obter maior visibilidade, uma vez que fazem parte do cotidiano de todos, e não se pode ignorar sua existência. No entanto, percebe-se que ainda não são socialmente aceitas, pois há um conflito entre a ideologia predominante e a realidade, o que impede a superação por parte da maioria dos indivíduos (OLIVEIRA, 2009).

Borges (2009), em seu estudo sobre a homofobia, identifica sete mecanismos pelos quais as pessoas perpetuam a opressão contra os homossexuais. São eles: 1)

Conspiração do silêncio, que consiste em ignorar as questões desse público; 2) Negação da cultura, que envolve descartar referências positivas no campo político, artístico, entre outros; 3) Negação da força popular, que é o desconsiderar o tamanho da população LGBTQ+ e sua importância; 4) Medo da visibilidade, que surge ao falar sobre a temática; 5) Demarcação de espaços públicos específicos, que são áreas designadas para a manifestação de comportamentos e atitudes homossexuais; 6) Negação da autodenominação, que persiste em usar termos pejorativos para se referir aos homossexuais; 7) Simbolismo negativo, que é a representação negativa das atitudes, comportamentos e crenças desses indivíduos.

Além disso, existem questões biológicas que dificultam o reconhecimento de expressões de gênero como diferentes do sexo biológico. Essa perspectiva acaba reforçando a percepção de como é ser uma verdadeira mulher ou um verdadeiro homem, sustentando a hierarquia entre os sexos com base em uma compreensão hegemônica de corpos e gênero fundamentada na genitália (BUTLER, 2019).

Essas situações contribuem para que os indivíduos homossexuais se sintam segregados. Osório e Valle (2009) afirmam que essa divisão não favorece o sentimento de pertencimento, mas sim facilita a sensação de inadequação e exclusão social, levando alguns desses indivíduos a se isolarem para evitar os julgamentos sociais tão presentes no cotidiano. Nessa perspectiva, é fundamental que haja uma mudança na forma de enxergar as configurações familiares, visando a compreensão de que as influências da sociedade afetam os indivíduos homossexuais tanto na vivência familiar quanto nas relações interpessoais (OLIVEIRA, 2009).

Por exemplo, casais homoafetivos têm como referência para seus relacionamentos seus pais ou outros casais heterossexuais, ou seja, padrões culturais e sociais que foram estabelecidos. No entanto, a falta de modelos de dinâmicas conjugais homoafetivas faz com que muitos sintam dificuldade na identificação ou na criação de novas alternativas para a sustentação de seus relacionamentos afetivos (OSÓRIO; VALLE, 2009).

Karen Barad (2021), em seu artigo nomeado “Performatividade *queer da natureza*”, discorre sobre variados conceitos inerentes ao presente estudo. Sobre o preconceito, a autora reflete que

[...] são atos sexuais específicos que são criminalizados e taxados como imorais, enquanto o extermínio em massa de animais sequer é digno de nota ou de punição, mas, antes, normalizado, naturalizado e higienizado como

parte “inescapável” da produção de comida. Se a lógica falha, que dificuldade na divisão natureza/cultura está sendo indicada neste momento em que a teoria queer e a crítica ecológica se encontram?

Uma matéria *online* do Jornal Estadão¹, publicada neste ano, 2023, aborda países em que são criminalizados atos homossexuais, punidos com pena de morte. Os sete locais relatados são: Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Nigéria, Mauritânia, Brunei e Uganda. Além destes, cinco outros países - Afeganistão, Paquistão, Catar, Somália e Emirados Árabes- apresentam leis dúbias relativas à pena de morte para relações entre sujeitos do mesmo sexo, ainda que não apareçam registros de execuções de pessoas da população LGBTQ+ nos últimos anos.

A matéria também informa que outros países insistem na criminalização da homossexualidade. Segundo a Associação Internacional de Gays e Lésbicas, em relatório publicado em 2020, existem 69 países-membros das Nações Unidas que perpetuam o preconceito, sendo 31 da África, 21 na Ásia - especialmente no Oriente Médio -, 9 no Caribe e outros 6 na Oceania.

Contudo, se faz necessário refletir acerca destes dados e perceber a importância da discussão do tema. Dessa forma, torna-se imprescindível também debater sobre uma breve trajetória das *drag queens*, que participam da luta pelos direitos ao LGBTQ+ por muito tempo.

2.1.2. Conceitos iniciais e breve histórico das *drag queens*

As *drag queens* têm uma história rica e diversificada que remonta a tempos antigos, em que se via homens realizando os papéis femininos em teatros, assim como nos teatros de Shakespeare. Outras trajetórias levam ainda à Grécia, França e outros países que foram disseminando e estabelecendo as *drag queens* assim como as conhecemos atualmente.

Destarte, ressalta-se a importância da diferenciação e definição de transexual, travesti e *drag queen*. A autora Berenice Bento (2006) discorre que a transexualidade é uma condição em que a identidade de gênero de uma pessoa difere do sexo

¹ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/uganda-e-mais-seis-quais-sao-os-paises-onde-ter-relacoes-homossexuais-e-punido-com-pena-de-morte/>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

atribuído no nascimento. Uma pessoa transexual pode se identificar como pertencente ao gênero oposto ao que foi designado com base em características biológicas.

Já o termo "travesti" é ancestral, pré-datando consideravelmente o conceito de "transexual", e, portanto, é amplamente utilizado e enraizado em nosso vocabulário, frequentemente com uma conotação pejorativa que o associa à ideia de "imitação", "falsidade" ou "representação enganosa". Infelizmente, as travestis têm sido alvo de intenso estigma social, enfrentando dificuldades na obtenção de emprego, mesmo quando possuem qualificações, e, em grande parte, sendo excluídas de ambientes escolares, repudiadas no mercado de trabalho formal e forçadas a subsistir à margem da sociedade, muitas vezes recorrendo à prostituição como meio de sobrevivência. Nesse contexto, entende-se que as travestis são pessoas que assumem papéis de gênero feminino, embora não se identifiquem como homens ou mulheres, mas sim como integrantes de um terceiro gênero ou não-binárias (JESUS, 2012).

Enquanto *drag queen* é um homem que se caracteriza como uma personagem feminina, utilizando diversos acessórios, maquiagem e figurinos elaborados, eles criam personagens associadas a padrões de beleza, elegância e sedução. Cada *drag queen* desenvolve sua própria persona feminina, com um nome artístico próprio. É importante destacar que, além de suas performances no palco, elas podem levar vidas cotidianas como homens e exercer outras profissões. A expressão como *drag queen* é uma forma de expressão artística e de explorar diferentes facetas da identidade de gênero, proporcionando entretenimento e celebração da diversidade (BENTO, 2006).

Ser *drag queen* está ligado à prática artística, na qual ela modifica seu corpo categorizado como masculino, transformando-o em diferentes formas, passando por um processo extenso de metamorfose. Nesse processo, são incorporadas características psicológicas e físicas de ambos os gêneros, gerando discussões sobre a rigidez do conceito de identidade existente na sociedade (BENTO, 2006).

Judith Butler, em seu livro "Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade", menciona que

A performance da *drag* brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. Se a anatomia do performista já é distinta de seu gênero, e se os dois se distinguem do gênero da performance, então a performance sugere uma dissonância não só entre sexo e performance, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e performance. Por mais que crie uma imagem unificada da

“mulher” (a que seus críticos se opõem frequentemente), a travesti também revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual. Ao imitar o gênero, a *drag* revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero — assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada (2019, p. 183-184).

No parágrafo mencionado, percebe-se que é explorada a complexidade da arte *drag* e como ela confronta as regras de gênero. Ressalta-se que a *drag* brinca com a diferença entre corpo, identidade de gênero e representação de gênero, revelando a desconexão entre esses aspectos. Ao fazer isso, ela questiona a relação entre sexo e gênero, evidenciando que a ligação entre eles é uma construção social e não algo natural e necessário. Assim, vê-se que a arte *drag*, ao imitar e exagerar os estereótipos de gênero, expõe a imitação presente na própria estrutura de gênero, desafiando a tradicionalidade heterossexual e enfatizando a incerteza dessas definições. Dessa maneira, a *drag* não apenas entretém, mas também estimula uma reflexão crítica sobre a artificialidade das normas de gênero impostas pela sociedade.

Consonante a isso, para facilitar o entendimento, pode-se criar uma pequena tabela para visualizar com maior clareza os conceitos acima elencados:

Tabela 2 – Conceito de transexual, travesti e *drag queen*

CONCEITOS	
Transexual	Identidade de gênero oposta ao que foi designado com base em características biológicas
Travesti	Identidade de gênero política. Assumem papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou mulheres, necessariamente.
<i>Drag queen</i>	Homem que se caracteriza como uma personagem feminina, cria-se uma nova persona.

Fonte: Adaptado de Jesus (2012).

Com as definições já estabelecidas, ressalta-se que independentemente de denominação, todas as pessoas descritas acima têm papel primordial na luta contra a LGBTfobia, sendo atores políticos essenciais no processo da conquista de direitos da população LGBT+ e não precisando ficar presas em estereótipos, sendo realizada a distinção apenas para o entendimento das peculiaridades de cada sujeito.

Dessa forma, é importante mencionar o histórico das *drag queens*. Ao longo do tempo, pode-se encontrar exemplos de homens que se vestiam como mulheres para fins de entretenimento e expressão artística. Na Grécia Antiga, durante as festividades em honra ao deus Dionísio, havia festivais teatrais nos quais os homens se vestiam de mulheres para interpretar papéis femininos. Essas performances, conhecidas como "tragédia satírica", incluíam elementos de tragédia e sátira. Ainda que não sejam exatamente comparáveis às *drag queens* contemporâneas, esses eventos teatrais antigos estabeleceram uma base para a exploração de gênero e para a quebra de normas sociais e de gênero (AMANAJÁS, 2014).

No Renascimento europeu, surgiram tradições teatrais nas quais os papéis femininos eram interpretados exclusivamente por homens, devido às restrições sociais que proibiam mulheres de atuar em palcos. Esses atores masculinos que desempenhavam papéis femininos podem ser considerados uma forma ancestral das *drag queens* contemporâneas. No entanto, essas performances eram predominantemente limitadas aos contextos teatrais e não eram uma expressão de identidade de gênero pessoal fora do palco (AMANAJÁS, 2014).

Foi no início do século XX que a cultura drag começou a se desenvolver em espaços noturnos de entretenimento, principalmente em Nova York, Paris, Berlim e Londres. Esses locais, muitas vezes associados à população LGBT+, tornaram-se refúgios seguros onde indivíduos poderiam explorar e expressar livremente sua identidade de gênero e sexualidade (AMANAJÁS, 2014).

Santos (2019) corrobora afirmando que o travestismo cênico passou a se apropriar dos elementos que o caracterizam contemporaneamente e transformá-lo em uma forma de entretenimento autônoma. Anteriormente, até o século XVII, atores travestidos eram uma solução para contornar a proibição da presença de mulheres nos palcos da Inglaterra. Depois disso, o travestismo se manteve presente em algumas peças teatrais como a personagem cômica da "dama pantomímica". A partir do século XX, porém, o travestimento deixou de ser uma ferramenta para construção de narrativas, e passou a ser a própria narrativa.

O movimento das *drag queens* realmente decolou a partir dos anos 1960, com o surgimento do movimento pelos direitos LGBT e a luta por igualdade e visibilidade. Nessa época, as *drag queens* começaram a desempenhar um papel significativo na construção de espaços de comunidade e representação para as pessoas LGBTQ+. Elas se tornaram figuras proeminentes em bares e clubes *gays*, onde realizavam performances extravagantes, desafiavam normas de gênero e forneciam entretenimento e alívio cômico para a comunidade (TREVISAN, 2004).

Uma figura icônica que emergiu no século XX nos Estados Unidos da América (EUA) foi Julian Eltinge, um ator que ficou conhecido por suas performances em palco interpretando personagens femininas. Eltinge ganhou fama internacional e foi uma das primeiras pessoas a popularizar o conceito de uma "transformista", um homem que se transforma em uma mulher por meio da arte da atuação e da caracterização. Sua popularidade e sucesso abriram portas para outras artistas *drag* do início do século XX (MEMÓRIAS CINEMATOGRAFICAS, 2020).

Figura 1 – Julian Eltinge



Fonte: Google (2023)

Já no Brasil, o fenômeno *drag* chegou por volta dos anos 1960, trazido por influências internacionais e pela disseminação do movimento de liberação *gay*. O Teatro Rival, no Rio de Janeiro, foi um dos primeiros espaços a abrigar apresentações de *drag queens* brasileiras, marcando o início de uma cena *drag* local. A partir daí, o movimento cresceu, espalhando-se por diferentes regiões do país e ganhando destaque em festas, desfiles e eventos culturais (TREVISAN, 2004).

Um dos marcos mais emblemáticos da cultura *drag* no Brasil é a figura de Rogéria. Considerada uma das primeiras *drag queens* profissionais do país, Rogéria

foi uma artista multifacetada que conquistou o público com seu talento e carisma, a partir da década de 60. Ela quebrou barreiras e abriu caminhos para gerações futuras de *drag* queens (SANTOS, 2019) mesmo que ela própria se apresentasse como a “travesti da família brasileira”

Figura 2 – Rogéria



Fonte: Google (2023)

Nos anos de 1970, tem-se situações raras, como no caso da transformista Laura de Vison. Laura (1939-2007) era o alter ego criado pelo professor Norberto Chucri David e, em suas próprias palavras, uma artista que se identificava como "*drag queen* - travesti - transformista" e que deixou uma marca na cena artística carioca. Com formação em Filosofia, ela lecionou história por 18 anos no Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha, na Ilha do Governador, até ser dispensada quando revelou sua homossexualidade (KER, 2020).

Ker (2020) menciona em sua matéria *online* à Revista Híbrida que

No palco, a artista entregava performances literalmente viscerais, chegando a comer miolos de animais (300g, para ser exato) em uma participação n'O Fantasma da Ópera. Em outras apresentações, revezava a troca de looks entre as peças de seu acervo, com mais de 100 vestidos, 40 perucas e 50 calçados. [...] Na década de 1970, durante a ditadura militar, Laura foi presa "simplesmente por ser gay". Nos anos seguintes, seu nome tornou-se sinônimo da noite carioca e ela chegou a conquistar até o estilista Jean Paul Gaultier, que ficou fascinado com o fato de que a artista também trabalhava como professor. No carnaval, ela chegou a ser homenageada com um carro alegórico no desfile da G. R. E. S. Estação Primeira de Mangueira, em 2018.

Figura 3 – Laura de Vison



Fonte: Google (2023)

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, durante a epidemia de HIV/AIDS, as *drag queens* tiveram um papel crucial na conscientização sobre a doença e no apoio às comunidades afetadas. Elas utilizavam suas performances para arrecadar fundos para pesquisas e ajudar pessoas que viviam com HIV/AIDS, demonstrando sua solidariedade e compaixão (AMANAJÁS, 2014).

Mais tarde, nos anos 90, a drag Kaka di Polly, por exemplo, trabalhava como psicóloga especialista em sexualidade durante o dia e à noite atuava como *drag*. Foi a *drag queen* que conseguiu com que a Primeira Parada Gay de São Paulo acontecesse, em 1997. Kaká, em entrevista ao *GayBlog*, sobre esse momento, relata que

Naquele ano, 1997, foram umas 2.000, 2.500 pessoas. Estávamos na Avenida Paulista, na altura do número 900, quando chegou a notícia para o Beto: um policial veio falar que o trio não iria sair porque havia permitido usar só uma mãozinha (via) da Paulista pra gente, só um ladinho ali, do lado da calçada. Então o trio não ia sair. O carro iria ficar parado ali, como uma manifestação. Aí o Beto me disse: “Kaká, vamos ficar parados aqui e vai terminar aqui, como se fosse uma manifestação”. E eu falei: “Não, não é isso que você combinou com a Prefeitura, não foi combinado que iria andar? Você não tem tudo certinho?”. E, então, ele disse que sim. Falei pra ele: “Fica fria, querida, eu vou ali na frente fazer um negócio e na hora que você vir um rebuliço acontecendo, você pega o carro, coloca o carro andando, que o povo vai atrás. Deixa que eu me viro lá”. Então eu fui pra ponta, esquina ali do Top Center, e simplesmente me embulhei na bandeira do Brasil como se tivesse com frio e fui andando. De repente fui cambaleando e “plaft”, me joguei no meio da Paulista. Mas me joguei bem nas outras vias onde os carros estavam passando. Aí parou o trânsito. Quando o Roberto de Jesus viu aquilo, ele disse: “Pronto, ela aprontou”. E pegou o carro e colocou pra andar naquela via que podia. Foi aí que o povo foi e invadiu. Quando começou a andar, me levantei fingindo que tinha passado mal. Queriam me levar para o hospital. Meu namorado disse: “Não, não, deixa que ela vai pra casa, ela é cardíaca, sou namorado dela”. Eu estava do lado da Eliana King Kong, que era uma negra enorme e gorda que nem eu. Fui me apoiando nela e perguntei: “Eliana,

já estamos bem longe da polícia já?”. E ela olhou pra trás e disse: “Já, velha, por quê?”. Então, eu falei: “Corre, querida”. E aí a gente saiu voada atrás da Parada que já tinha entrado na Paulista. Já tinha tomado três pistas da avenida com o povo todo. No final, os carros ficaram com uma pista só do lado do meio-fio da Paulista, ficando com uma via só da avenida pra eles, porque aquelas 2.500 pessoas saíram andando. Eu fui lá pra frente da Parada, onde eu desde então venho sempre, balançando a bandeira do Brasil com a minha amiga. Todo o mundo com os cartazes e faixas e nós descemos a Consolação até parar na Praça Roosevelt, onde dispersou a primeira Parada. E foi assim que aconteceu (ARAM, 2020).

Figura 4 – Kaká di Polly



Fonte: Google (2023)

A atuação das *drag queens* foi facilitada ao incorporarem um elemento lúdico e satírico, semelhante às caricatas do carnaval, o que permitiu que transitassem por áreas nunca imaginadas, como festas concorridas de *socialites*, *shows* beneficentes e colunas sociais de grandes veículos de imprensa. Muitas delas foram contratadas por boates como animadoras da noite, responsáveis por entreter o público com suas performances. Ficaram famosos, por exemplo, as gêmeas idênticos conhecidos como Dolly & Dolly, que começaram animando as noites na boate gay A LOca, em São Paulo (TREVISAN, 2004).

Figura 5 – Dolly & Dolly



Fonte: Google (2023)

A partir do início do século XXI, as *drag queens* experimentaram um notável aumento de visibilidade, impulsionado pelo advento da internet e das transformações das produções de televisão. Programas como "*RuPaul's Drag Race*" tornaram-se verdadeiros fenômenos culturais, levando a arte das *drag queens* para um público global e abrindo portas para que mais artistas pudessem seguir essa carreira (AMANAJÁS, 2014).

Figura 6 – RuPaul's



Fonte: Google (2023)

Hoje, as *drag queens* desempenham um papel fundamental na cultura LGBT+ brasileira. Elas se destacam não apenas como artistas de entretenimento, mas também como ativistas, modelos de visibilidade e defensoras dos direitos e da inclusão da comunidade. Com seu estilo único, performances artísticas e abordagem provocativa, as *drag queens* brasileiras continuam a desafiar normas de gênero, a quebrar estereótipos e a inspirar uma nova geração de artistas e ativistas. Salientam-se *drags* como Gloria Groove, Lia Clark, Aretuza Lovi, Kaya Conky, Pabllo Vittar (ênfatisada neste estudo), entre outras.

Como corrobora Louro (2004, p. 85),

a *drag* assume, explicitamente, que fabrica seu corpo; ela intervém, esconde, agrega, expõe. A *drag* propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas culturalmente identificadas como femininas.

Assim, nota-se que as *drag queens* evoluíram de antigas tradições teatrais até se tornarem uma força poderosa na luta por igualdade e representação da diversidade de gênero e sexualidade. Sua história e influência são testemunhos da resiliência e da capacidade de transformação cultural, abrindo caminho para um mundo mais inclusivo e acolhedor. Entretanto, destaca-se a importância de ter-se, cada vez mais, outras representatividades², inclusive na área artística, mencionada a seguir.

2.2 A emergência de artistas *queers* no Brasil - breves considerações

Sabe-se que o Brasil é um dos maiores países do mundo no quesito diversidade cultural, apresentando riqueza e variação em suas expressões regionais. Entre a diversidade de expressões, tem-se a música, que vem acompanhando a humanidade há séculos. Moraes menciona em seu estudo que

Sons e ruídos estão impregnados no nosso cotidiano de tal forma que, na maioria das vezes, não tomamos consciência deles. Eles nos acompanham diariamente, como uma autêntica trilha sonora de nossas vidas, manifestando-se sem distinção nas experiências individuais ou coletivas. Isso ocorre porque a música, a forma artística que trabalha com os sons e ritmos nos seus diversos modos e gêneros, geralmente permite realizar as mais variadas atividades sem exigir atenção centrada do receptor, apresentando-se no nosso cotidiano de modo permanente, às vezes de maneira quase imperceptível. Porém, é preciso levar em conta que, desde pelo menos as últimas três décadas, essa situação chegou ao paroxismo, pois vivemos envolvidos em um verdadeiro turbilhão de sons escutados indiscriminada e simultaneamente. Talvez por isso a escuta contemporânea ocidental obrigue o ouvinte a circunscrever a recepção a certos estilos e gêneros, ao mesmo tempo em que penetra por angústias, transformações e perturbações evidentes, repercutindo os abalos mais gerais (MORAES, 2000, p.204).

Entretanto, infelizmente a trajetória histórica da música surge como um elemento de reforço para a preservação de tabus, quase sempre servindo para motivar limitações e preconceitos. O contexto musical popular, por exemplo, é dono de um histórico repleto de esquecimento e quando é mencionado, destaca apenas

² É importante destacar que nem toda representatividade é positiva. Isto refere-se a indivíduos que, ao serem destacados na mídia ou em discursos públicos, reforçam estereótipos prejudiciais e preconceitos, contribuindo para a marginalização e estigmatização da comunidade LGBT+.

perspectivas românticas, nacionalistas e folclóricas. Isso acontece, de modo geral, pelo fato de estar marcado por um paradigma historiográfico tradicional, relacionado a uma visão temporal linear e ordenada, em que artistas, estilos, gêneros e escolas disseminam a reprodução de um comportamento conservador no quadro historiográfico contemporâneo (MORAES, 2000).

A música popular brasileira já completa mais de cem anos sendo modelo de produto e expressão cultural com muita relevância e identidade, sendo uma grande disseminadora de discursos diversos. Levando-se em consideração o tema da homossexualidade, percebe-se carência de bibliografia disponível, por ser pertencente à bolha de tabus que cercam a sociedade há anos, mostrando-se desde seu surgimento como reprodutora destas crenças sociais, ridicularizando e estereotipando personagens LGBTQ+ pertencentes ao gênero musical. Isso tudo, evoca a reflexão sobre a herança patriarcal e sexista-machista disseminada ao longo do tempo (SANTANA; SANTOS, 2018).

A escassez de respeito, entendimento e liberdade de expressão, mesmo no âmbito artístico, fez com que a temática fosse 'maldita' e os sujeitos chamados detentores de identidade 'desviante' não ousassem assumir sua sexualidade. Dessa maneira, no cenário historiográfico musical brasileiro, até a década de 70, tem-se o discurso LGBTQ+ praticamente inexistente, permitindo que raros cantores e compositores fossem livres para ser quem eram. Nessa perspectiva, é gerado um impasse: há quem alegasse que se os artistas assumissem suas identidades, promoveriam na diminuição de preconceitos e violências pela exposição do tema; outros afirmam que cabe a cada indivíduo essa escolha, ainda mais em um contexto totalmente preconceituoso, que não permitia o debate do assunto (SANTANA; SANTOS, 2018).

Com imagens e estabelecimento de ícones, a mídia se transforma em um imprescindível ator como outras instituições norteadoras na construção do gosto, raciocínio e valor na sociedade, como as instituições religiosas e de ensino, enunciando modelos comportamentais a partir de estilos de vida (MORAES, 2019).

Assim, o termo "pop" tem sido amplamente utilizado para categorizar diversos produtos, fenômenos, artistas, pensamentos e processos estabelecidos pela mídia. Em seu sentido mais abrangente, a noção de "pop" sempre esteve associada a formas de produção e consumo de bens orientados pelo funcionamento mercadológico, revelando os meandros da indústria cultural e propondo imitações, estilos de vida e

contribuindo para um panorama internacional de imagens, sons e sujeitos (SOARES, 2014). Entretanto, se estabelecer como LGBTQ+ neste contexto de tendências é difícil.

Neste sentido, menciona-se que

Os produtos culturais, hoje, têm em sua gênese, a ingerência de um sentido do capital, aquele atrelado ao marketing e às formas de posicionamento de marcas dentro de uma cultura. Empresas dos mais diversos segmentos apoiam, muitas vezes através de isenção fiscal, a realização de filmes, a edição de álbuns fonográficos, de livros, entre outros. Eventos ligados à cultura pop, os festivais de música, de cinema, as feiras literárias, entre inúmeros outros, também contam com apoios governamentais (seja de ordem municipal, estadual ou federal), mas são, sobretudo, as marcas que gerenciam, apontam e se ancoram na realização de eventos que são, em si, uma forma de experienciar tanto a cultura quanto um certo sentido imbuído pelas empresas (SOARES, 2014, p. 3-4).

Logo, percebe-se que por mais que o *pop* crie tendências e incentive outras pessoas, os artistas LGBTQ+ passam a não ser socialmente modelos que deveriam ser seguidos, segundo os preceitos sociais. A partir desta perspectiva, torna-se perceptível que artistas com letras musicais, cenários, figurinos, gênero ou sexualidade *queer* não são verificados com facilidade em quantidade expressiva - se comparados ao montante de artistas existentes - e com grandes números antes do início deste século nos canais de comunicação, gravadoras, programas televisivos, referências bibliográficas, entre outros. Entretanto, graças ao caminho trilhado ao longo da história por sujeitos que defendiam a população LGBTQ+, o cenário vem sendo alterado (SANTANA; SANTOS, 2018).

Assim, observa-se o movimento da música LGBTQ+ como um aglomerado de geração de artistas que se autointitulam dessa forma e que artisticamente abarcam diversos indivíduos e corpos, seja transgênero, travesti, bissexual, lésbica, *gay*, não-binário, *queer* e outros grupos e identidades relativas a gênero e sexualidade não-heteronormativas (WASSER, 2020). Na década de 70, vê-se o surgimento de Ney Matogrosso, importante artista para a população LGBTQ+.

Nascido em 1º de agosto de 1941, no estado de Mato Grosso do Sul, Ney se destacou na cena nacional como um farol de luz, iluminando cantos sombrios da sexualidade e da hipocrisia da sociedade brasileira. Julio Maria, autor de sua biografia publicada em 2021, oferece um relato consistente sobre a trajetória da vida e obra do cantor, revelado como vocalista andrógino do grupo Secos & Molhados, na década de 70. Ney Matogrosso se engajou na luta contra todas as formas de opressão e fez com

que sua voz andrógina se tornasse um veículo para expressar sentimentos e emoções que despertaram a ira dos conservadores (MARIA, 2021).

Julio Maria destaca que, além da censura, Ney enfrentou hostilidade de personalidades como o apresentador Chacrinha e o marqueteiro Carlos Imperial, que covardemente o atacaram por meio da imprensa. No entanto, Ney resistiu a todos esses ataques e superou todas as adversidades, chegando aos 80 anos como símbolo da liberdade de ser fiel somente a si mesmo, pagando o preço por essa liberdade até os dias atuais, em um Brasil polarizado (MARIA, 2021).

Flavio Queiroz compartilha, ademais, um relevante testemunho do cantor sobre esse assunto, no qual ele rememora uma experiência de sua infância.

Me tornei uma pessoa muito contrária a preconceitos. Sempre que avistava um preconceito, me manifestava contra. No ginásio, havia um menino japonês, que era homossexual, que todos infernizavam. Eu não tinha, ainda, a minha sexualidade definida, mas o defendia. Andava com o menino apenas para desafiar aquelas pessoas (QUEIROZ, 2009, p. 31).

Figura 7 – Ney Matogrosso



Fonte: Google (2023)

Ainda na década de 70, tem-se a artista Angela Ro Ro que é uma cantora e compositora brasileira, assumidamente lésbica. Nascida em 5 de dezembro de 1949, Angela Ro Ro – "a que não tem censura nem nunca terá". Sua voz singular e suas

músicas que abordam o amor, relacionamentos e experiências pessoais a tornaram uma figura icônica da música brasileira. Ela sempre defendeu abertamente a comunidade LGBTQ+ e sua identidade lésbica tem sido um elemento central em sua jornada artística e pessoal (FERREIRA, 2020).

Figura 8 – Angela Ro Ro



Fonte: Google (2023)

Na década de 80, surge Cazuza, artista que se destaca nas quebras de paradigmas sociais. Em sua música “O tempo não pára”, Cazuza canta:

*“Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro,
transformam o país inteiro em puteiro,
pois assim se ganha mais dinheiro”*

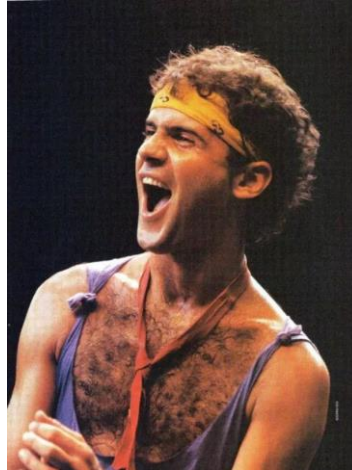
O Tempo Não Pára (Arnaldo Brandão/Cazuza)

Apresenta-se aqui uma interpretação: As categorias, como o ladrão, bicha e maconheiro, são como uma espécie de “depósito de lixo conceitual”, onde os fenômenos e condutas “estranhos” e desconhecidos são tentativamente colocados e “digeridos”. A percepção do novo e a sua tentativa de compreensão passam por um ato mental de manipulação e fragmentação em seus elementos mais simples (EEROLA, 2005).

Cazuza, assumidamente bissexual, destacou-se como um dos compositores mais talentosos e perspicazes da geração do *rock* dos anos 80, ao lado de Lobão, Herbert Viana (Paralamas do Sucesso), Arnaldo Antunes (Titãs) e Renato Russo (Legião Urbana). As letras irônicas e pós-modernas de Cazuza refletem de maneira

precisa o Brasil dos anos 80 e permanecem relevantes até os dias de hoje. Ele fazia uso de poderosas metáforas e se destacou como um dos maiores intérpretes brasileiros da oscilação cotidiana entre o êxtase e a depressão, "o céu e o inferno diários" (EEROLA, 2005).

Figura 9 – Cazuza



Fonte: Google (2023)

Renato Russo - cantor, compositor e músico brasileiro - também contribui na quebra de padrões ditados socialmente nas décadas de 80 e 90. De acordo com a coletânea "Renato Russo de A a Z: as ideias do líder da Legião Urbana", organizada pela jornalista Simone Assad e publicada em 2000, o músico não hesitava em explorar o submundo dos redutos homossexuais, frequentando bares *gays* em Nova York e San Francisco. Nessas cidades, Renato teria conhecido lugares como Christopher Street e Castro, que são conhecidos pontos de encontro *gay*. De acordo com as informações compiladas nessa coletânea, Renato Russo revelou sua homossexualidade para sua família e publicamente em 1979. Nas entrevistas, ele expressou sua identidade sexual, declarando: "Me considero pansexual, mas sou o que as pessoas chamariam de homossexual" (AMEDI, 2010).

Figura 10 – Renato Russo



Fonte: Google (2023)

Recentemente, o movimento traz artistas como Johnny Hooker, Mulher Pepita, Os Não Recomendados, além de Quebrada *Queer*, Linn da Quebrada, Majur, Liniker, Urias, Gloria Groove, Pablo Vittar, entre outros (WASSER, 2020).

Destarte, torna-se interessante discutir acerca dos artistas elencados, sendo que auxiliará a entender como é o contexto contemporâneo, que aos poucos vai permitindo que sejam rompidas barreiras heteronormativas e que, cada vez mais, artistas LGBTQ+ ganhem notoriedade nas mídias, disseminando a diversidade e respeito.

Johnny Hooker é uma das vozes deste movimento. Nascido em Recife, sempre foi rodeado por referências de androginia, ouvindo de Madonna a Caetano Veloso. Foi em 2015, com o álbum intitulado “Eu vou fazer uma macumba para te amarrar, maldito!” que o artista recebeu notoriedade, com um álbum político em um âmbito mais afetivo. Sempre lutou pela comunidade, acreditando na esperança de que dias melhores virão e que pode fazer a diferença (HOOKER, 2018).

Outro nome a ressaltar é Mulher Pepita, com o nome de Priscila Nogueira, nascida em Marechal Hermes, zona norte carioca. A artista, que é cantora de *funk* canta músicas com conotação sexual e é uma forte militante trans. Ela menciona que após sair seu primeiro videoclipe, recebeu inúmeros insultos, a chamando, inclusive de mutante e se pronuncia em uma matéria publicada pelo site Sapo Mag que “nem que seja a última coisa que faça, ainda vou ver minha bandeira respeitada” (PEPITA, 2017). Atualmente, em suas redes sociais, Pepita fala muito, também, sobre relacionamentos amorosos e a importância de ser feliz do seu jeito.

O grupo intitulado Os Não Recomendados, formado por Caio Prado, Daniel Chaudon e Diego Moraes, faz parte do cenário *underground* da música brasileira, sendo fortemente engajado na luta pela visibilidade, proteção e garantia dos direitos da população LGBTQ+. Silva e Sousa (2017) mencionam que em uma entrevista ao site Heloisatolipan, o trio afirma que se identificam como homens cisgêneros, ou seja, reconhecem seu gênero em alinhamento com o sexo biológico com o qual nasceram - suas características genitais - e são *gays*. Contudo, durante suas apresentações, eles incorporam elementos culturalmente associados ao feminino, conforme construído por meio dos discursos e das práticas sociais e culturais. Desse modo,

assumem uma aparência andrógina, encontrando inspiração em Ney Matogrosso, também cantor e compositor brasileiro.

O grupo Quebrada *Queer* também merece destaque, sendo composto por cinco jovens talentosos, originários de diferentes cantos da periferia de São Paulo. Entre interações mútuas nas redes sociais e bastidores de shows, os artistas de *hip-hop*, Harley, Murillo, Guigo, Boombeat e Tchelo, decidiram unir suas rimas. Esses *rappers gays* e *queers* formaram o poderoso e pioneiro coletivo chamado Quebrada *Queer*, que se tornou um fenômeno musical e cultural (COSTA, 2022).

A primeira música, com o mesmo nome do grupo, foi criada no formato conhecido como "cypher", uma marca registrada do Quebrada *Queer*, no qual cada rapper contribui com seus versos. São rimas que denunciam o racismo, a homofobia e outros ataques enfrentados pelas minorias. "Somos o primeiro coletivo de *rap* LGBTQ+ do Brasil, e talvez do mundo", afirmam em uníssono na entrevista à *Vogue* (COSTA, 2022).

Linn da Quebrada começou sua carreira em 2016 e também se tornou imensamente relevante para a população LGBTQ+. A artista apresenta distintas músicas que abordam a experiência da vigia e humilhação, que ocorre pelo Estado e pela violência civil que dissemina racismo, machismo e trans/homofobia, em que busca por meio de letras intensas e provocadoras promover reflexão. Wasser (2020) menciona que

[...] canções como "Bixa Preta" (2017) articulam uma política do corpo que, ao mesmo tempo, reverbera a luta contra a opressão e partilha o sentimento de empoderamento: apresentam a pele negra como um "manto de coragem" que permite à narradora da música (a própria figura artística Linn da Quebrada) "enviadescer" a mente heterobranca e criar vaidade para os que são vistos como abjetos. A música ainda prediz que ninguém irá mais rir da travesti negra da favela, quando a destruição contínua de "machos alfas" estiver concluída. (p. 60)

Em 2015, temos o início da carreira de Liniker com o single "Zero", na plataforma digital Youtube, em que a cantora volta sua intenção para uma voz comovente e reflexões acerca de seu corpo. Após o lançamento, a artista, oriunda de Araraquara, interior do estado de São Paulo, começa a ter certa notoriedade na mídia, promovendo-se tanto pela voz, como pela expressão considerada fluída de gênero e pela causa racial. Todavia, um espanto midiático é perceptível e pensamentos hegemônicos são abalados (WASSER, 2020).

Outro importante nome, Urias, uma talentosa artista brasileira, trilhou um caminho diversificado em sua carreira. Inicialmente, atuou como modelo, sendo reconhecida como um homem homossexual afeminado, até que sua identidade se consolidou como mulher transexual. Tempos depois, ela mudou-se para Uberlândia, onde cruzou o caminho da *drag queen* Pabllo Vittar. Naquela época, Pabllo ainda não desfrutava da fama, e ambas compartilhavam o fascínio pelo mundo da drag, o que as aproximou e consolidou uma amizade íntima. Com o sucesso ascendente de Pabllo, Urias tornou-se sua assessora e colaboradora (LOPES et. al., 2020).

Em 2018, Urias apresentou ao público uma audaciosa releitura da música "Meu mundo é o barro", originalmente cantada por um homem cisgênero negro, com críticas diretas ao tratamento social dos marginalizados. No entanto, na interpretação de Urias, toda a letra foi cantada no feminino, proporcionando novos significados às críticas e ampliando o foco para o universo das mulheres transexuais e travestis (LOPES et. al., 2020).

Essa audaciosa versão repercutiu amplamente, e em 2019, Urias lançou seu primeiro single intitulado "Diaba". A canção é permeada por uma estética única, repleta de referências ao cotidiano das mulheres transexuais e travestis, especialmente aquelas que enfrentam situações de vulnerabilidade social, além de trazer sutis alusões à Bíblia. Por meio de sua arte e música, Urias tem se tornado uma poderosa voz na luta pela representatividade e pelos direitos da população LGBTQ+, especialmente das mulheres transexuais e travestis, impactando de forma positiva o panorama musical brasileiro (LOPES et. al., 2020).

Outra importante figura do espaço *queer* é Gloria Groove. Daniel Garcia Felicione Napoleão, mais conhecido como Gloria Groove, é uma *drag queen* de 28 anos nascida em São Paulo, tendo sua carreira fortemente associada à *black music*, *rap*, *hip hop* e, também, ao *pop*. A decisão de se tornar uma *drag* veio após sua participação em diversos grupos e programas musicais, como o famoso "Balão Mágico" em 2002, o programa do apresentador Raul Gil, e a inspiração vinda do *reality show* de *drags* dos EUA - *RuPaul's Drag Race* (FILHO et. al., 2019).

A música "Dona" foi a primeira a ganhar reconhecimento em 2016, alcançando cerca de 4,3 milhões de visualizações em seu videoclipe no YouTube³. Posteriormente, ela teve a oportunidade de abrir os *shows* de duas ex-participantes

³ Atualmente, em julho de 2023, o clipe conta com 6,5 milhões de visualizações no Youtube.

do reality *RuPaul's Drag Race* - Adore Delano e Sharon Needles, vencedora da quarta temporada - em sua turnê intitulada Donatour. Além disso, em seu canal, Groove exibe trechos dessa turnê, assim como *covers* de artistas renomadas, como Erykah Badu e Beyoncé, que são referências do R&B e da música *pop* dos Estados Unidos (FILHO et. al., 2019).

No videoclipe de "Império", por exemplo, Gloria Groove surge com um visual ousado e exuberante, demonstrando preocupação em construir uma persona artística através de suas roupas e maquiagem, que se destaca pela extravagância. Por outro lado, no mesmo videoclipe, ela também se apresenta de forma desmontada, buscando transmitir a fluidez característica de ser uma *drag queen*, ao revelar-se sem os elementos que compõem sua persona *drag*. Essa dualidade entre a persona artística e a expressão pessoal contribui para a riqueza e autenticidade de Gloria Groove como artista *drag*, seguindo-a até a atualidade (FILHO et. al., 2019). Atualmente, a artista possui dois álbuns, distintos *singles* e colaborações com outros artistas, permitindo que permaneça na mídia e questione os padrões impostos pela binaridade.

Contudo, nota-se que pouco se discute sobre como a disputa moral e politicamente motivada pela "ideologia de gênero" tem impactado a indústria musical e do entretenimento desde 2017. À primeira vista, essa questão pode parecer contraditória diante do notável avanço do movimento musical LGBTQ+ em 2017, impulsionado, entre outros fatores, pelo sucesso comercial de artistas como Pabllo Vittar, ressaltada neste estudo. No entanto, é justamente nesse ponto que emergem os embates. O movimento musical LGBTQ+ não é unanimidade em sua aceitação. À medida que novas expressões de gênero na música desafiam estruturas de poder estabelecidas, como o patriarcado e a dicotomia de gênero, surgem tensões entre aqueles que defendem e se beneficiam dessas antigas hierarquias (WASSER, 2020).

A presença cada vez mais forte de *drag queens* e travestis na música popular representa um abalo nas normas tradicionais de gênero e provoca questionamentos públicos. Essa dinâmica cria um ambiente desafiador e, por vezes, hostil, enquanto o mundo da música continua a se transformar para acomodar uma diversidade de vozes e identidades (WASSER, 2020).

Dessa forma, se torna relevante conhecer quem é Pabllo Vittar e como conseguiu romper barreiras no chamado *mainstream*, que é tão segmentado e repleto

de normas que acabam beneficiando principalmente artistas fora do meio *queer*, devido a padrões impostos socialmente.

2.2.1. Pablo Vittar: um K.O. no preconceito

Pablo Vittar, cujo nome verdadeiro é Phabullo Rodrigues da Silva, nasceu em 1º de novembro de 1994 no estado do Maranhão. Em uma entrevista para a Revista Vogue, ela revelou ter tido uma infância difícil, tendo sido criada em uma casa simples, mas com liberdade e sem repressão. Quando ainda era criança, mudou-se com sua mãe e duas irmãs (Phamella e Pollyana) para Santa Izabel do Pará. Pablo nunca conheceu seu pai biológico e atribui sua formação à mãe, Dona Verônica, que a ajudou a se tornar quem é hoje (MERLO, 2020).

Em 2011, ela se mudou para Uberlândia, em Minas Gerais, onde atualmente vive, e começou a trabalhar como cantora e *drag queen* em uma casa de shows. Nesse mesmo ano, criou seu canal pessoal no Youtube, onde publicava versões de suas músicas favoritas (BARREIROS, 2020).

Figura 11 – Pablo e sua família em uma entrevista televisiva



Fonte: Google (2024)

Sua carreira oficial começou em 2015 com o lançamento do single "Open Bar", uma paródia de "Lean On" de Major Lazer, DJ Snake e Mø, que misturava ritmos brasileiros com pop internacional. Em dezembro do mesmo ano, ela lançou um EP com mais versões de músicas estrangeiras e começou a ganhar notoriedade, sendo

convidada a integrar o elenco fixo da banda do programa "Amor e Sexo" da Rede Globo (COSTA, BRAGANÇA, GOVEIA, 2017).

Em uma entrevista ao site F5, Pablo Vittar falou sobre o bullying que sofreu ao longo de sua vida:

Eu não tinha muita segurança com meu corpo quando era criança. Sofria muito bullying porque era afeminada e gordinha, e minha mãe não deixava meu cabelo grande porque eu tinha um probleminha de caspa. A cabeça raspada, gordinha e afeminada... Era um prato cheio para quem quer fazer bullying ou chacota dos outros (VILANOVA, 2019).

Pablo Vittar é uma artista que tem se destacado não somente pela sua música e performance, mas também pelo seu ativismo em prol da diversidade e igualdade. Ela tem utilizado sua visibilidade para dar voz a uma comunidade que ainda sofre com o preconceito e a discriminação, e inspirado muitas pessoas a serem mais tolerantes e respeitosas.

Durante uma entrevista, a *drag queen* lembrou que na época escolar, sofria constantes xingamentos e zombarias. Abalada, chegava em casa e recebia um abraço de sua mãe. Ela ressaltou a importância das famílias de pessoas LGBTQ+ acolherem seus filhos, pois isso os torna mais fortes e capazes de enfrentar o preconceito (BBC NEWS BRASIL, 2019).

Ao longo da mesma entrevista, Pablo Vittar afirmou que, ao ver comentários ofensivos na internet, ficava triste e chorava. Ela acredita que as pessoas que fazem esse tipo de comentário deveriam ter maior responsabilidade emocional, pois essas atitudes podem destruir vidas (BBC NEWS BRASIL, 2019).

Pablo Vittar aborda o tema do *bullying* que muitos adolescentes LGBTQ+ sofrem em seu videoclipe "Indestrutível", lançado em 10 de abril de 2018 no Youtube. No refrão da música, ela menciona que "E vou dizendo tudo vai ficar bem / E as minhas lágrimas vão secar / Tudo vai ficar bem / E essas feridas vão se curar", resgatando, além de sua história de vida, o aspecto de que tudo que os adolescentes LGBTQ+ sofrem, vai passar.

Em entrevista ao Jornal Correio 24 horas, a artista confessa que mesmo lutando diariamente pelo fim do preconceito, ainda não consegue lidar com o mesmo. Ela acredita que nunca aprendeu a lidar, pois é algo inconcebível e surreal que, no

século XXI, em um período de fácil acesso à informação, os indivíduos continuam tendo um senso comum vazio e com rótulos cruéis (RIBEIRO, 2019).

Pablo Vittar é bastante presente nas mídias e já participou de programas das maiores emissoras do país, como Domingão do Faustão, Caldeirão do Hulk, Fantástico, Conexão Repórter, Encontro com Fátima Bernardes, Eliana, Lady Night e Altas Horas (AIRES, 2019). Em 2018, a artista foi chamada para participar do desfile da escola de samba Beija-flor, que refletia sobre a temática da intolerância. Em entrevista ao site G1, ela argumenta que o carnaval é um momento em que se pode falar dos direitos e deveres dos sujeitos, além de mostrar que *gays*, independente de orientação sexual, possuem bom caráter e também podem alcançar seus sonhos (TEIXEIRA; BRANCO, 2018).

No mesmo ano, Pablo Vittar foi a primeira *drag queen* a ser indicada ao Grammy Latino na categoria melhor interpretação urbana/fusion com a música "Sua Cara", parceria da artista com Anitta e Major Lazer (AIRES, 2019). Em 2019, ela foi a primeira artista brasileira a realizar uma apresentação no MTV EMA (*Europe Music Awards*), que além da performance, conquistou a estatueta na categoria de Melhor Artista Brasileiro (ALVES, 2020).

Pablo Vittar já representou seu país na ONU, em Nova York, sendo convidada pela embaixada britânica para realizar um *pocket show* em um evento privado da organização que celebrava os 93 anos da Rainha Elizabeth II. Também já foi eleita pela revista *Times* como "uma das dez líderes, ativistas e pessoas influentes da nova geração", já foi convidada a participar de grandes festivais como *Coachella*, na Califórnia, *Lollapalooza* no Chile e Argentina, *Rock in Rio*, no Brasil e ainda, fez turnê em festivais internacionais específicos à população LGBTQ+ nos Estados Unidos da América e Canadá (BARREIROS, 2020).

Os números da artista também impressionam. Pablo, em julho de 2023, é a *drag queen* mundial com os maiores números de seguidores no *Instagram* (atualmente cerca de 12,6 milhões), no *X* (com mais de 3,7 milhões de seguidores), no *Youtube* (7,75 milhões de inscritos no canal) e também possui números surpreendentes no *Spotify* (3,1 milhões de ouvintes mensais).

E é assim que Phabullo Rodrigues da Silva é conhecido: como um ser plural. Ao mesmo tempo em que é *drag queen*, cantora e *performer*, ela surge "desmontada", em registros feitos pelo celular circulando livremente pelas ruas. Um menino, que em

alguns momentos é uma diva maquiadora e em outros, um simples garoto de sobrancelhas raspadas e cabelo curto (ROCHA; POSTINGUEL, 2017).

Figura 12 – Phabullo Rodrigues e Pabullo Vittar



Fonte: Google (2024)

Pabullo cita em suas entrevistas o quanto gosta da possibilidade de ser menino e menina ao mesmo tempo, o mesmo diz que quando está vestido como *drag queen* sente-se como se tivesse um escudo, que naquele momento ninguém consegue lhe atingir, sentindo-se com mais poder e confiança. A mesma já conquistou muita visibilidade nas mídias, além de estrear sucessos musicais, trouxe em evidência questões sobre sexualidade e gênero. É um homem *gay* que levanta a bandeira das causas LGBT's, mostrando que está tudo bem e que não há problema nenhum em se mostrar às vezes como menino e às vezes como uma mulher cheia de poder (MOREIRA; SANTANA, 2018).

Em outra entrevista, Pabullo Vittar descreve-se como um homem *gay* que é uma *drag queen*, afirmando que: “sou uma *drag queen* só quando tem que ser. É igual chapéu: coloco e tiro na hora em que preciso. Não sou *drag* 24 horas. Eu amo ser Pabullo desmontado e sair de camisa e boné na rua” (CARMO, 2017).

A cantora Pabullo Vittar é uma das fortes lideranças pela luta LGBTQ+, a mesma relata em suas entrevistas, que sempre imaginava e acreditava que conseguiria chegar onde está, realizando seus objetivos. Em um trecho de uma entrevista com Merlo (2020), Pabullo diz: “*agradeço todas as noites pelo que tenho e pelo que faltou, porque me fez correr atrás*”. Além disso, Pabullo Vittar relata que sempre contou com o apoio de sua mãe e traz a importância de aceitar-se e amar-se, para que com isso,

as pessoas ao nosso redor também aprendam a amar e respeitar as diversidades sexuais.

2.3 Teoria *Queer*, preconceito e representatividade LGBTQ+

Nos últimos dois séculos, a sexualidade emergiu como um objeto de intenso escrutínio por parte de cientistas, religiosos, psiquiatras, antropólogos e educadores, transformando-se efetivamente em uma 'questão'. Ao longo desse período, a sexualidade tem sido descrita, compreendida, explicada, regulamentada, educada e normatizada a partir de diversas perspectivas. Se, nos dias atuais, continua sendo alvo de vigilância e controle, observa-se uma ampliação e diversificação nas formas de regulação. Multiplicaram-se as instâncias e instituições que assumem a autoridade para ditar normas, definir padrões de pureza, sanidade ou insanidade, e delimitar os saberes e práticas considerados pertinentes, adequados ou condenáveis (LOURO, 2001).

Além das instituições tradicionais, como o Estado, as igrejas e a ciência, agora outras instâncias e grupos organizados reivindicam para si o direito de estabelecer verdades e ética sobre a sexualidade. Esse fenômeno reflete uma complexidade crescente na regulação e no entendimento da sexualidade, com múltiplos agentes e perspectivas exercendo influência sobre a construção social e moral dessa dimensão humana (LOURO, 2001).

Não é raro presenciar cenas que defendem o binarismo como o certo a ser seguido. Pedro HMC (2016, p. 33) em sua obra 'Um livro para ser entendido' traz vários exemplos de como acontece isso no dia a dia e relata em um trecho que "quando era criança, a frase 'homem não chora' era normal entre os meninos da escola. Hoje, parece não ser uma verdade tão absoluta. Mas ainda são muitas atividades 'para homem' e 'para mulher'. Precisamos parar com isso".

A pressão para que os meninos gostem de coisas de meninos e as meninas gostem de coisas de meninas é imensa e acaba causando segregação e comportamentos são pré-estabelecidos, deixando à margem quem, por ventura, sair destes estereótipos propostos pela sociedade. Dessa forma, se torna essencial o debate sobre a teoria *Queer*, que muito agrega a se desvincular deste pensamento excludente.

Antes deste debate ressalta-se Louro (2004), que em seu livro “Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*”, traz diversas considerações acerca da temática sexualidade e sua comparação com uma viagem. Segundo ela, a estabilidade da ordem social não se dá de forma definitiva e irrevogável, sendo necessário um constante reforço, de maneira sutil ou enérgica, de maneira explícita ou velada. Mesmo com regras estipuladas, planejamentos elaborados, estratégias e táticas delineadas, sempre haverá indivíduos que desafiam tais normas, ultrapassando os arranjos preestabelecidos. A imprevisibilidade é inerente ao trajeto social, assemelhando-se a uma jornada na qual desviar da rota planejada de uma viagem, por exemplo, se revela estimulante, proporcionando experiências inusitadas no terreno do desconhecido. Viver de maneira arriscada implica aventurar-se por trilhas não previamente determinadas.

Como exploradores da era pós-moderna, aqueles que vivenciam a multiplicidade de gêneros e sexualidade podem encarnar uma força propulsora para a mudança. O viajante perturba o estado de comodidade, abalando a sensação de segurança e apontando para o desconhecido e o estrangeiro. Seus métodos podem ser não convencionais, transgressores, distintos dos padrões familiares. O seu lugar transitório nem sempre oferece conforto, mas, em certa medida, pode ser considerado um local privilegiado que proporciona uma visão única, incitando outros a enxergarem arranjos, práticas e destinos sociais que aparentemente são universais, estagnados e indiscutíveis, de maneira inédita. Não se trata, portanto, de tomar a figura do viajante como um padrão, mas de compreendê-la como uma força desestabilizadora das certezas estabelecidas e provocadora de novas perspectivas (LOURO, 2004).

Mesmo com precauções pensadas de forma minuciosa, é incontestável que alguns sujeitos terão a audácia de subverter as normas estabelecidas. Esses, por conseguinte, se tornarão alvos prioritários das pedagogias corretivas e das medidas de reabilitação ou punição. A sociedade reserva para esses indivíduos penalidades, sanções, reformas e até mesmo exclusões, apesar dos esforços empreendidos para manter a ordem vigente (LOURO, 2004).

A teoria *Queer*, assim chamada por Teresa de Lauretis - feminista italiana residente nos Estados Unidos - surge no final da metade do século XX e desafia toda essa lógica. O nome se dá após apropriação do termo *queer* pela população LGBTQ+, que era constantemente xingada dessa forma e, devido a ser uma palavra inglesa,

seu significado, que parte de “estranho”, “esquisito”, foi reformulado (MISKOLCI, 2014).

Louro, grande estudiosa da temática desde a década de 90, afirma que

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004, p.7-8).

Assim, a apropriação do termo *queer* se torna fundamental para a população LGBT+. A presente teoria, em síntese, destaca de maneira crítica sobre como a heterossexualidade vem sendo um regime político-social que regulamenta a vida de todos os indivíduos. Ela questiona as normas sexuais e de gênero impostas que estimulam desigualdades, especialmente no reconhecimento político e de direitos dos sujeitos cuja sexualidade e/ou gênero entram em desacordo com essas regras sociais (MISKOLCI, 2014).

Dessa maneira, a abordagem *Queer* surge como uma análise abrangente das diversas formas de expressão do desejo entre pessoas do mesmo sexo, permeando várias manifestações como música, cinema e literatura. Essa perspectiva crítica é direcionada ao sistema convencional de compreensão de sexo e gênero. Ao explorar os conceitos essenciais para a compreensão do *Queer*, surgem discussões relevantes, incluindo o debate sobre a construção da homossexualidade em contraposição à heterossexualidade. Ambas são consideradas construções moldadas pelo conhecimento (através de discursos, história, cultura e sociedade), e não como identidades naturalmente inerentes, conforme previamente destacado (PAGNAN, 2020).

Nesse cenário, a análise se aprofunda na construção da homossexualidade e sua oposição à heterossexualidade, ambas sendo percebidas como construções culturais moldadas por discursos, história e sociedade, ao invés de identidades intrinsecamente descobertas. Tais reflexões são fundamentadas no pensamento foucaultiano, em que Tamsin Spargo examina as práticas homossexuais. Notavelmente, ela destaca como, entre o final do século XIX e o início do XX, o homossexual foi transformado em uma figura patológica, considerada um desvio

aberrante da norma heterossexual. Isso ocorreu devido à necessidade da sociedade da época de categorizar os seres humanos como parte de uma "espécie" e defini-los com base em sua sexualidade (PAGNAN, 2020).

A filósofa norte-americana Judith Butler emerge como fenomenal teórica de gênero e teoria *queer*. Ela redefine o gênero como uma construção cultural, dissociando-o do simples determinismo biológico e questionando sua suposta rigidez. Butler argumenta que as normas comportamentais associadas a diferentes sexos ou gêneros são, na verdade, fabricações culturais, desafiando a noção de sua solidez. A heterossexualidade compulsória, conforme destacado por Butler, é um mecanismo que impõe e normaliza tais construções culturais na sociedade (FREITAS, 2021).

A teoria *queer*, derivada dessas ideias, representa uma crítica à normatividade cisheterossexual na sociedade ocidental contemporânea. Este paradigma busca desconstruir as normas sociais que reforçam a dicotomia de gênero e a hegemonia da heterossexualidade como a única orientação sexual legítima e natural. Ao desafiar essas normas, a teoria *queer* propõe um discurso de aceitação das identidades frequentemente marginalizadas, rotuladas como "estranhas". O termo "*queer*", originalmente pejorativo, é reapropriado como uma forma de autoidentificação e resistência, rejeitando as categorias convencionais de sexualidade e gênero (FREITAS, 2021).

O termo "*queer*", embora tenha sido cunhado no contexto do Norte Global, surge como uma resposta audaciosa das comunidades marginalizadas frente a uma ordem regulatória imposta sobre corpos, sexualidades e subjetividades. Esta ordem, enraizada em valores burgueses e uma perspectiva eurocentrada, exclui e recusa reconhecer arranjos sexuais e de gênero que não se conformem com sua moralidade preconcebida (PELÚCIO, 2014).

Ao desafiar essas normas, o *queer* não se limita a uma geografia específica, mas transcende fronteiras, tornando-se uma forma de resistência global. Sua essência desafia a imposição de uma moralidade burguesa que busca regular e uniformizar experiências sexuais e identidades de gênero, destacando a importância de aceitar e celebrar a diversidade de manifestações identitárias que fogem aos padrões tradicionais (PELÚCIO, 2014).

Sobre a origem da Teoria *Queer*, Tamsin Spargo traz algumas informações relevantes acerca da temática. A autora britânica Spargo é uma destacada historiadora, escritora e docente de História Cultural, ocupando o cargo de diretora na

Escola de Artes, Crítica e Mídia da Universidade de John Moores em Liverpool, Reino Unido. Dentre suas publicações notáveis estão "Reaching the Past", "Wanted Man" e sua obra mais recente, "John Bunyan" (PAGNAN, 2020).

Em seu livro "Foucault e a Teoria *Queer*", Spargo explora a contribuição do filósofo francês Michel Foucault para o desenvolvimento do pensamento que deu origem à teoria *queer*. Ela destaca que o pensamento designado como *queer* tanto se inspira em Foucault quanto se posiciona de maneira crítica em relação a ele. Spargo argumenta que o trabalho de Foucault não foi o único impulsionador da teoria *queer*, e a teoria em si não representa o destino final do pensamento foucaultiano. Em vez disso, ela sugere que a teoria *queer* se amplia à medida que outros acadêmicos aplicam as ideias de Foucault, desenvolvendo novos conhecimentos e gerando novas perspectivas (PAGNAN, 2020).

O livro de Michel Foucault, "História da Sexualidade", é reconhecido por Spargo como uma obra que suscitou questões *queer* e continua a inspirar novas pesquisas à medida que outros autores e pesquisadores exploram e expandem suas teorias, resultando na criação de novas ideias no campo (PAGNAN, 2020).

Pelúcio destaca que

[...] quando os estudos *queer* chegaram ao Brasil ele não entraram pela via das demandas e debates dos movimentos sociais, como nos Estados Unidos, mas pelas portas da academia. Chegaram aqui por meio da literatura dura e desafiante de Judith Butler, essa filósofa difícil de traduzir. Para compreendê-la em toda sua radicalidade era preciso sanar nossas lacunas como cientista sociais relativas a leituras de autores como Lacan e Freud; rever Lévi-Strauss e Foucault, sofrendo, mas, ao mesmo tempo se deslumbrando com o que aquela mulher extraordinária fazia com aqueles homens (PELÚCIO, 2014, p. 28).

Spargo aborda o conceito de gênero proposto por Judith Butler como sendo um efeito performativo, originado discursivamente a partir dos padrões comportamentais preexistentes. Nessa perspectiva, os indivíduos vivenciam uma identidade como se esta fosse intrinsecamente natural. A autora inicia uma investigação que percorre o caminho desde Foucault (1970) até Butler (1990), destacando que o estudo de gênero, em qualquer contexto, inevitavelmente incorpora os conceitos propostos por Butler (PAGNAN, 2020).

"Problemas de Gênero" foi originalmente lançado em 1990, refletindo descobertas provenientes de pesquisas realizadas na década de 1980. Este livro

surge como uma resposta aos grupos feministas associados à "segunda onda do feminismo", que, desde os anos 1960, advogam por uma concepção mais restrita e menos abrangente de mulher e gênero. A resposta de Butler visa incorporar outras perspectivas e experiências, incluindo as das mulheres lésbicas, travestis, transexuais/transgênero e das mulheres negras. Dessa forma, ela busca ampliar e enriquecer o entendimento sobre gênero, desafiando as concepções mais restritas advogadas por certos segmentos do movimento feminista (PAGNAN, 2020).

Neste cenário, observa-se um notável avanço e consolidação nos estudos de gênero nos últimos anos, com a produção de relevantes trabalhos acadêmicos. Destacam-se como principais referências na divulgação desse tema no país a UFSC, por meio do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero e da Revista de Estudos Feministas, a UNICAMP, que assume a responsabilidade pela publicação dos Cadernos Pagu, e a UFBA, que se destaca com o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (FREITAS, 2021).

No que concerne à abordagem *queer*, sua introdução no contexto brasileiro está intrinsecamente ligada à experiência da pesquisadora Guacira Lopes Louro. Essa conexão teve origem, especialmente, por meio do contato inicial com renomados estudiosos de gênero, como Pierre Bourdieu e Joan Scott. Adicionalmente, durante uma viagem a Nova York, Louro teve seu primeiro contato com a obra "Gender Trouble" de Judith Butler. Em 1998, Louro publicou o artigo "A escola e a produção das diferenças sexuais e de gênero", no qual incorporou conceitos como "desviante", "binarismos", "normalidade", "sexualidades" e "diferença". No ano subsequente, 1999, lançou o livro "O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade", que compila diversos artigos pouco disseminados no Brasil, incluindo traduções inéditas, como o texto de Butler intitulado "Bodies That Matter: on the discursive limits of sex" (FREITAS, 2021).

2.3.1 Teoria *Queer* e contribuições para a ascensão de artistas como a Pablo Vittar

É imprescindível salientar que a performance de gênero, conforme delineada por Judith Butler, transcende a mera execução de atos artísticos ou performáticos em apresentações e shows. Em vez disso, refere-se à repetição estilizada de determinados comportamentos corporais, gestos, linguagem e movimentos

específicos, todos fundamentados em signos moldados pelo conceito normativo da heteronormatividade. A utilização de acessórios associados ao universo feminino, como unhas longas, esmaltes, maquiagem, saias e salto alto, exemplifica os signos que sustentam uma performance de gênero em sintonia com a concepção socialmente estabelecida da mulher em nossa sociedade (PAGNAN, 2020).

A *drag queen* dentro da teoria *queer* desempenha esse papel de subverter, ultrapassar os limites de gênero e parodiar a ideia de um gênero original feminino (ou masculino, no caso de *drag kings*) dentro do sistema binário heteronormativo. O discurso da *drag* perturba o conceito do gênero como natural a determinados corpos, ele subverte as marcas do corpo que designariam um gênero e/ou sexo e expõe a natureza cultural de ambos (PEREIRA, 2019).

E assim, é visto que a visibilidade dessas questões provoca efeitos contraditórios. De um lado, observamos uma crescente aceitação da diversidade sexual em alguns segmentos sociais, acompanhada do consumo de produtos culturais que a refletem. Por outro lado, setores mais tradicionais renovam e intensificam seus ataques, promovendo desde campanhas de resgate dos valores familiares tradicionais até manifestações de extrema agressão e violência física (LOURO, 2004).

O confronto em si demanda atenção especial de estudiosos culturais e educadores. Contudo, o que amplia ainda mais a complexidade é a constante transformação e instabilidade desse fenômeno. O grande desafio não se resume apenas em reconhecer a multiplicidade de posições de gênero e sexualidade, e que lidar com elas através de esquemas binários é inviável. É igualmente crucial admitir que as fronteiras estão em constante movimento, e o que torna a situação ainda mais intrincada é que alguns indivíduos habitam exatamente nesses limites sociais em constante reconfiguração (LOURO, 2004).

Dessa forma, Miskolci (2014, p. 14) menciona que

O olhar mais crítico à hegemonia heterossexual fez circular entre nós termos como heterossexismo, heteronormatividade e matriz heterossexual. De forma muito geral, heterossexismo explicita quando a heterossexualidade é tomada como um dado pressuposta ou esperada em teorias, normas jurídicas ou mesmo em relações sociais cotidianas. Heteronormatividade se refere às normas sociais que impõem não necessariamente a heterossexualidade em si, mas seu modelo a outras relações, inclusive entre pessoas do mesmo sexo. A matriz heterossexual designa a expectativa social de que os sujeitos terão uma coerência linear entre sexo designado ao nascer, gênero, desejo e práticas sexuais. Assim, por exemplo, alguém com vagina teria que – obrigatoriamente – ser feminina,

ter desejo por pessoas com pênis/masculino e ser passiva sexualmente. Sobretudo, são três conceitos *queer* que permitem criticar aspectos normalizadores presentes na vida social e que antes eram tidos como “naturais” ou inquestionáveis. Também constituem um olhar mais sociológico para a sexualidade como um dos eixos de organização política e hierarquização coletiva.

Nessa perspectiva, observa-se que *drag queen* está intrinsecamente conectada a uma persona, diferenciando-se de uma personagem com roteiro predeterminado que segue uma estrutura convencional de começo, meio e fim. Uma *drag queen* baseada em um roteiro seria, portanto, apenas uma personagem feminina, suscetível à interpretação por qualquer ator ou atriz. Ela não é uma personagem com roteiro definido; ao contrário, é uma persona inscrita discursivamente, politicamente, historicamente e socialmente no tecido do mundo. Qualquer tentativa de (re)interpretá-la resultaria, inevitavelmente, em uma caricatura, uma releitura de signos atribuídos à compreensão cultural do feminino (PAGNAN, 2020).

Consonante a isso, destaca-se que

Homossexuais e dissidentes de gênero passaram a ser vistos como uma ameaça contaminante à ordem social estabelecida, leia-se heterossexual, reprodutiva e assentada no modelo familiar tradicional. Tornavam-se, portanto, *queer*, abjetos, pessoas com relação às quais muitos não escondiam sentir nojo e até mesmo esperarem que fossem eliminados. Compreende-se, assim, como o uso do termo *queer* para denominar uma linha de pensamento e pesquisa foi um ato político de resignificação da injúria. Autodenominar-se *queer* era fazer de um termo negativo e que deveria causar vergonha uma forma de combate às forças normalizadoras cujo intuito de exclusão e até mesmo eliminação de dissidentes sexuais e de gênero era patente (MISKOLCI, 2014, p. 9-10)

Assim sendo, uma *drag* é alguém que transcende as limitações tradicionais de gênero em prol de uma performance e/ou entretenimento, frequentemente utilizando exagero e intenções cômicas em aspectos como vestimentas, comportamentos e linguagem — daí o termo “montar-se” ou “montação”. Essa expressão busca destacar o que é percebido como “artificial” na construção social da identidade feminina. Ao romper com essas barreiras, as drags provocam uma crise na compreensão convencional do gênero, desafiando a concepção predominante de que este é algo natural e inalterável (PAGNAN, 2020).

Dessa maneira, ao observar as drags, surge a oportunidade de questionar o conhecimento pré-estabelecido e naturalizado que temos sobre o gênero. A análise desse fenômeno revela que aquilo que geralmente é percebido como realidade é, na verdade, uma construção social e cultural. Ao desafiar as normas de gênero de forma tão expressiva, as drags convidam a sociedade a repensar e reconceituar suas ideias sobre o que é considerado "real" no âmbito da identidade de gênero (PAGNAN, 2020).

Refletindo sobre alguns anos atrás, a memória associada às *drag queens* frequentemente as caracterizava como homens vestidos de mulheres, adornados com plumas e paetês, dedicados principalmente à sátira. A percepção predominante era de que as *drag queens* estavam vinculadas ao humor, muitas vezes sendo vistas como a própria piada, envoltas em cores vibrantes e ostentando a bandeira do movimento LGBTQ+. Essas artistas eram comumente associadas ao cenário noturno e, de certa forma, compartilhavam uma marginalização social semelhante à enfrentada pelas transexuais. Eram consideradas algo distante da realidade cotidiana, como se fosse improvável encontrá-las em espaços comuns utilizados por todos. Na mídia, especialmente, as *drag queens* eram retratadas predominantemente no contexto humorístico, sem ocupar destaque por outros talentos, e dificilmente sendo reconhecidas em manchetes por suas habilidades distintas (MATTOS; CÉ, 2018).

No entanto, vale ressaltar que essa perspectiva limitada não reflete completamente a riqueza e a diversidade das experiências das *drag queens*, o que mostra a importância do *queer*. Ao longo do tempo, houve uma evolução significativa na compreensão e representação dessas artistas. À medida que a sociedade evoluiu, as *drag queens* passaram a romper limites, exibindo uma ampla variedade de habilidades para além do humor, ocupando espaços mais variados e desafiando preconceitos. Essa mudança gradual colaborou para uma narrativa mais ampla e inclusiva sobre as *drag queens*, reconhecendo sua relevância não apenas como forma de entretenimento, mas também como agentes de transformação na percepção social e na aceitação da diversidade de expressão de gênero (MATTOS; CÉ, 2018).

O *queer* ultrapassa a mera representação de gênero e se aprofunda na crítica ativa das normas sociais estabelecidas, questionando padrões enraizados. Por meio de suas performances, as drag queens não apenas entretêm, mas também destacam a maleabilidade e a natureza social da identidade de gênero, contribuindo para um debate mais amplo sobre quem somos, aceitação e diversidade. Em última análise,

sua expressão artística vai além da superfície, levantando reflexões sobre as nuances do gênero e sua visibilidade na sociedade atual (MATTOS; CÉ, 2018).

3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Os segmentos precedentes foram dedicados à exposição de informações acerca da homossexualidade, *drag queens* e reflexões sobre a importância de emergir artistas *queers* no Brasil, além da pauta associada à teoria *Queer*, constituindo o embasamento teórico que sustenta este trabalho.

Este capítulo se destina a contextualizar a origem das indagações e desafios desta pesquisa, que aborda a investigação das vivências de pessoas ao se assumir *gay* e promover reflexão sobre as influências que a *drag queen* Pablio Vittar têm neste contexto e/ou em como a pessoa lida com sua identidade sexual e de gênero, assim, destacando as perspectivas dos participantes envolvidos no tema abordado.

3.1 As entrevistas

A etapa da entrevista foi organizada em três fases distintas: inicialmente, com a seleção criteriosa dos entrevistados. É importante destacar que para este momento foram realizadas duas postagens em cada rede social do pesquisador (*Instagram* e *X*) durante o período de quinze dias, sendo uma publicação semanal em cada uma das redes. As pessoas que visualisassem as publicações poderiam comentar sugestões de fã clubes para participar da entrevista.

Com essa lista, os fã clubes foram selecionados a partir dos seguintes critérios, sendo filtrados cinco fã clubes de cada uma das redes sociais. Para ser selecionado, o fã clube teve que se enquadrar nas questões abordadas a seguir:

- Ser brasileiro e maior de 18 anos de idade;
- Ser indivíduo LGBTQ+;
- Já ter se assumido parte da comunidade LGBTQ+;
- Estar entre os cinco maiores número de seguidores do *Instagram* ou cinco maiores do *X*, de acordo com a lista de sugestões;
- Estar entre os cinco maiores tempos de atuação no fã clube do *Instagram* ou os cinco maiores do *X*, que será verificado de acordo com a criação da conta nas redes;
- Frequência mínima semanal de postagens, nos últimos 90 dias, demonstrando-se ativos na rede social e em contato frequente com informações sobre

a artista, podendo responder as perguntas com maior propriedade e riqueza de detalhes.

Posteriormente, segue o modelo da publicação realizada e também duas tabelas para a seleção dos fã clubes, seguindo os aspectos abordados acima, sendo que X representa que cumpre o requisito.

Figura 13 – Publicação realizada nas redes sociais do autor



Fonte: Construção do autor (2024)

Tabela 3 - Sugestões de Fã Clubes (*Instagram*)

Fã-Clube	BR +18*	Ser LGBT+ Assumido	Nº Seguidores	Tempo de Atuação	Frequência Semanal
1	X	X	159 mil	out/20	X
2	X	X	150 mil	jul/17	X
3	X	X	30,7 mil	jul/17	X
4	X	X	30,7 mil	mai/22	X
5	X	X	30,6 mil	jun/18	X
6	X	X	18,9 mil	fev/17	-

7	X	X	29,9 mil	dez/17	-
8	X	X	12 mil	ago/20	X
9	X	X	6892	abr/19	-
10	X	X	688	mar/22	-
11	X	X	208	jun/23	-

*BR: brasileiro; +18: maior de 18 anos.

Fonte: Elaboração do autor (2024)

Seguindo os critérios de forma rigorosa, os administradores dos fãs clubes 1 ao 5 receberam contato do autor, obtendo um retorno positivo apenas do 2 e 5. Em seguida, entrou-se em contato com o número 8, que segundo os critérios, preenchia todos os requisitos e não foi recebido retorno. Após, seguiu-se a ordem dos que não continham o requisito final (de publicações semanais), sendo chamado o 6 com retorno positivo e os demais, sem retorno positivo com justificativas de timidez, sem respostas às mensagens enviadas pelo autor ou até mesmo estarem com muita demanda em seu cotidiano e não conseguindo participar da entrevista. O administrador do fãs clube número 11 também aceitou fazer parte da entrevista. Dessa maneira, os administradores 2, 5, 6 e 11 foram os selecionados para a entrevista e serão chamados de E1, E2, E3 e E4, respectivamente, sendo que E significa entrevistado. A sigla foi criada também para respeitar os requisitos éticos previstos nesta dissertação, que guarda sob sigilo as informações individuais de cada entrevistado, sendo confidenciais.

Tabela 4 - Sugestões de Fãs Clubes (X)

Fãs-Clube	BR +18*	Ser LGBTQ+ Assumido	Nº Seguidores	Tempo de Atuação	Frequência Semanal
1	X	X	81,5 mil	jan/17	X
2	X	X	16,9 mil	abr/17	X
3	X	X	16,2 mil	mai/20	X
4	X	X	9781	mar/20	X

5	X	X	7226	mai/20	X
6	X	X	7614	nov/19	X
7	X	X	4648	abr/20	X
8	X	X	1691	set/22	-
9	X	X	747	dez/20	X
10	X	X	489	fev/19	-
11	X	X	107	dez/22	-
12	X	X	97	jan/23	X

*BR: brasileiro; +18: maior de 18 anos.

Fonte: Elaboração do autor (2024)

Seguindo novamente os critérios preestabelecidos, foram chamados os administradores dos fã clubes pertencentes às posições 1 a 5, inicialmente. Destes, apenas o 3 e o 4, quiseram participar, tendo retornos similares aos que aconteceram no *Instagram* dos demais administradores. Em seguida, foi enviada mensagem para os fã clubes 6, 7, 9 e 12, que preenchiam também todos os requisitos, mas apenas o número 9 retornou. Nas outras chamadas, em que foram considerados os que não haviam realizado publicações semanais nos últimos 90 dias, não foram obtidos retornos positivos à participação. Assim, participaram da entrevista representando o X, os administradores dos fã clubes de número 3, 4 e 6, que serão chamados de E5, E6 e E7, respectivamente.

Posteriormente à seleção dos entrevistados, enviou-se uma mensagem explicando os próximos passos que antecederam a entrevista. O modelo da mensagem encontra-se abaixo:

Deixa te explicar os próximos passos: inicialmente, nos próximos dias estarei enviando um termo de livre concordância da participação e sua permissão para gravar a entrevista, material que ficará sob extremo sigilo. Tendo feito isto, já marcamos a entrevista. Inclusive, você terá acesso às perguntas com antecedência para se programar também. Alguma dúvida? (mensagem do autor).

É relevante ressaltar que as entrevistas foram conduzidas com os participantes que previamente aceitaram colaborar com a etapa da entrevista e sua gravação, conforme mencionado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após

enviado o documento e este recebido devidamente assinado, foi enviado um documento em PDF contendo os blocos de perguntas que seriam realizadas ao longo da entrevista (o mesmo bloco que consta na metodologia deste estudo) e marcado um dia que fosse possível a realização da mesma.

3.2 Perfil dos Entrevistados

A participação em pesquisas é de extrema importância, pois pode validar ou refutar hipóteses e dados, além de moldar toda a estrutura do estudo. As entrevistas foram realizadas com o total de sete pessoas, com idades entre 20 a 29 anos, entre os dias 22 e 30 de março de 2024. Importante ressaltar que todos são indivíduos com a nacionalidade brasileira e administradores de Fã Clube para a artista Pabllo Vittar com atuação de um a sete anos no portal, sendo que alguns acompanham o trabalho dela desde o início de sua carreira.

Em relação ao gênero dos entrevistados, os sete são do sexo masculino. Quanto à(s) letras do LGBTQ+ que se identifica(m) todos se identificaram como homens gays, isto é, o G da sigla. Sobre os estados que moram, notou-se uma diversidade cultural, tendo moradores desde São Paulo até Rio Grande do Norte. Abaixo, encontra-se uma tabela com os principais dados coletados na entrevista para montar o perfil dos mesmos.

Tabela 5 - Perfil dos Entrevistados

Fã-Clube	Idade	Sexo	Identificação LGBTQ+	Cidade	Estado
E1	20	Masculino	G (gay)	Cerro Corá	Rio Grande do Norte
E2	19	Masculino	G (gay)l	Goiânia	Goiás
E3	22	Masculino	G (gay)	Belo Horizonte	Minas Gerais
E4	26	Masculino	G (gay)	Fortaleza	Ceará
E5	22	Masculino	G (gay)l	Jandira	São Paulo
E6	19	Masculino	G (gay)	São Miguel Arcanjo	São Paulo
E7	29	Masculino	G (gay)l	João Pessoa	Paraíba

Fonte: Elaboração do autor (2024)

3.3 Constituição das categorias da Análise de Conteúdo

A investigação do conteúdo desta pesquisa foi realizada conforme a metodologia da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). É essencial, portanto, detalhar cuidadosamente o processo de determinação das categorias nesta análise.

O estágio preliminar, conhecido como pré-análise, visa organizar as primeiras ideias do referencial teórico e fornecer diretrizes para a interpretação dos dados coletados. Nesta etapa, é realizada uma leitura completa do material selecionado para análise, sendo que no caso de entrevistas, estas já devem estar transcritas. De forma geral, a organização do material a ser estudado é essencial para orientar as próximas etapas de análise. De acordo com Bardin (1977), esta fase inclui:

- a) *Leitura exploratória*: representa o início da interação com os materiais da pesquisa, fase em que se inicia a familiarização com os documentos, entrevistas e outras fontes a serem estudadas.
- b) *Seleção de documentos*: envolve a escolha do conjunto de textos a serem analisados;
- c) *Elaboração das suposições e metas*: com base na análise inicial dos dados;
- d) *Desenvolvimento de métricas*: para compreender os dados obtidos;

Depois de conduzir as entrevistas e transcrevê-las, o pesquisador fez uma leitura flutuante para compreender melhor o conteúdo. Em seguida, com a seleção dos documentos, que incluem as transcrições das entrevistas e a análise das gravações (*corpus*), foi estabelecido o objetivo, que está alinhado com o propósito deste estudo de investigar se a presença da cantora Pablio Vittar influencia as pessoas a assumirem sua identidade LGBTQ+ e/ou a lidar com sua identidade de gênero ou sexual. Dentre os indicadores identificados estão temas como discriminação, autoaceitação, influência da arte na aceitação de si mesmo, entre outros, os quais serão explorados na próxima fase do trabalho.

Após finalizar a etapa inicial, como explicado anteriormente, ocorre a fase de exploração do conteúdo, que representa a segunda parte do procedimento. Essa exploração consiste na elaboração das ações de codificação, que envolvem a divisão dos textos em unidades de análise, a definição de critérios para contagem, e a categorização e agrupamento das informações em temas ou símbolos. De acordo com Bardin (1977), a codificação é o procedimento de conversão por meio de

fragmentação, organização e enumeração, com base em diretrizes específicas sobre as informações textuais que refletem as particularidades do assunto.

Dessa forma, a análise do material permitiu a elaboração das etapas de codificação, dividindo os textos em unidades de registro (URs), de acordo com as orientações estabelecidas. As URs foram então agrupadas em unidades temáticas (UTs), que exploravam diferentes aspectos das experiências e percepções dos administradores de fã clubes em relação ao impacto da Pablo Vittar na população LGBTQ+. Por fim, as UTs foram classificadas em categorias de análise (CAs), o que possibilitou uma compreensão mais aprofundada dos dados coletados e ajudou na identificação de padrões e temas recorrentes nas respostas dos entrevistados.

Tabela 6 - Apresentação geral das categorias, unidades temáticas e unidades de registro

Categorias	Unidades temáticas (UT)	Unidades de Registro (UR)
Assumir-se gay nunca é fácil	Concepções do local em que residem	UR1, UR2, UR3, UR4, UR5, UR6, UR7
	Assumir-se gay+	UR8, UR9, UR10, UR11, UR12, UR13, UR14
	Arte, figuras públicas e influências para a comunidade	UR15, UR16, UR17, UR18, UR19, UR20, UR21
Minha história com Pablo Vittar	Concepções, motivações e papel do fã clube	UR22, UR23, UR24, UR25, UR26, UR27, UR28
	Influências da Pablo Vittar ao assumir-se e/ou lidar com identidade sexual ou de gênero	UR29, UR30, UR31, UR32, UR33, UR34, UR35

Fonte: Elaboração do autor (2024)

No apêndice B desta pesquisa, está exposto de forma sistemática e organizada o conjunto de dados empíricos obtidos através da coleta de informações. Essa tabela engloba informações sobre os participantes do estudo, os registros coletados, as temáticas identificadas e as categorias de análise definidas. Os exemplos apresentados consistem em trechos escolhidos das falas dos gestores durante as entrevistas conduzidas, consideradas registros relevantes para o estudo em foco.

3.4 Interpretação das categorias de análise

No modelo de análise de conteúdo elaborado por Bardin (1977), a inferência exerce uma função essencial. Nesta fase, ocorre a interpretação e a assimilação dos dados coletados de maneira a ir além do que está explicitamente exposto. Por meio da inferência, o pesquisador busca identificar significados subjacentes, padrões e estabelecer conexões entre as informações com o intuito de responder às questões de pesquisa e alcançar os objetivos propostos. Ao empregar a inferência, o pesquisador vai além dos dados observáveis e busca compreender o contexto mais abrangente e as repercussões das informações obtidas, o que possibilita uma análise mais aprofundada e abrangente dos fenômenos estudados.

Com objetivo central de analisar a influência da cantora Pabllo Vittar na autoaceitação e na abordagem da sexualidade e identidade de gênero, este estágio do estudo procura discutir e avaliar as perspectivas dos dirigentes dos fã-clubes. Para tanto, será realizada uma análise dos dados levantados, que abrangem diversas categorias identificadas, inclusive suas subcategorias, a fim de alcançar os propósitos específicos da pesquisa.

3.4.1 Categoria 1 - “Assumir-se gay nunca é fácil”

Nesta categoria, investigou-se a complexidade do processo de assumir-se gay, considerando as perspectivas dos administradores de fã clubes da artista Pabllo Vittar. A partir das respostas dos entrevistados, abordou-se três tópicos distintos: a) o preconceito no contexto local; b) as concepções sobre o assumir-se gay; e c) o papel da arte, figuras públicas e influências para a comunidade. Assim, se reconhece que cada um desses aspectos desempenha um papel significativo na vida dos entrevistados e na forma como eles percebem e lidam com sua identidade sexual ou de gênero, destacando a importância de explorar esses temas para um entendimento mais amplo da influência de Pabllo Vittar em suas vidas.

3.4.1.1 Preconceito no contexto local

A análise das respostas individuais recebidas nas perguntas “Em que cidade você mora? Percebe muito preconceito no local?” permitiu-nos identificar as

perspectivas e entendimentos dos administradores de fã clubes entrevistados acerca de como concebem o preconceito no local que residem.

Abaixo, segue uma tabela com as Unidades de Registro pertencentes a este tema:

TABELA 7 - Unidades de Registro do tema: “O preconceito e o contexto local”

E1	UR1: <i>“Vai muito realmente de família, sabe? Eu acredito que vai muito realmente de família mesmo, de tipo uma determinada família ter vamos se dizer que um conhecimento maior sobre o assunto que outra família”. (E1)</i>
E2	UR2: <i>“A cidade é bastante conservadora, Goiânia assim por ser uma cidade grande, não deveria ter esse preconceito da forma que tem”. (E2)</i>
E3	UR3: <i>“BH já tá, vamos se dizer um pouco mais evoluído sabe tipo em questão de essas coisas de preconceito”. (E3)</i>
E4	UR4: <i>“eu não tenho nem como ter uma base porque vou ser bem sincero contigo, os lugares que geralmente eu ando, são lugares mais LGBT’s.” (E4)</i>
E5	UR5: <i>“percebo que não é uma cidade de tanto preconceito, mas não tem muitas coisas que falam sobre o movimento LGBT, não é uma pauta falada aqui.” (E5)</i>
E6	UR6: <i>“Eu acho que a maioria tem um preconceito com pessoas (LGBT+), mas aqui tem sim bastante.” (E6)</i>
E7	UR7: <i>“Mas no geral é Nordeste, sempre tem caso, né? (de preconceito).” (E7)</i>

Fonte: Elaboração do autor (2024).

De acordo com algumas pessoas entrevistadas, conforme destacado na UR1, a discriminação pode ser influenciada pela família e pelo convívio em casa. Isso ressalta a relevância da socialização inicial na construção de crenças e valores, indicando que diferentes famílias podem promover diferentes níveis de aceitação e compreensão em relação à diversidade de orientação sexual e identidade de gênero.

Além da pessoa entrevistada na UR1, outros indivíduos também destacaram a importância do ambiente familiar na construção de conceitos sobre diversidade sexual e de gênero. Esse padrão indica que as visões e posturas em relação ao preconceito

podem ser influenciadas pelas vivências familiares, ressaltando a relevância dos lares na promoção da inclusão e compreensão da diversidade.

Da mesma forma, as considerações feitas pelos participantes na UR4 e UR5 evidenciam a relevância do ambiente social específico na vivência do preconceito. Enquanto um entrevistado menciona uma sensação de inclusão e identificação em locais LGBTQ+, outro aponta a ausência de debates acerca de temáticas relacionadas à diversidade sexual e de gênero em seu local de convívio. Estas distintas visões ressaltam a multiplicidade de vivências dentro de uma mesma comunidade e a importância de abordagens empáticas e contextualizadas para lidar com o preconceito.

Neste contexto, é importante ressaltar que ao longo da história o planejamento urbano em praticamente todas as cidades, senão em todas, foi marcado por uma reestruturação que resultou em configurações urbanas com separações fixas com base em diferenças socioeconômicas, étnicas, de gênero ou orientação sexual. Essa abordagem teve repercussões significativas em diferentes segmentos da sociedade, refletindo-se em disparidades espaciais nas esferas do convívio social, influenciando a maneira como as pessoas interagem em áreas residenciais, comerciais, de lazer e nos padrões de deslocamento e ocupação desses espaços (PAGNAN, 2020).

Nos últimos anos, surgiram novos atores sociais que se apropriaram de conceitos espaciais, abrindo caminhos e subvertendo a ordem social por meio de propostas libertadoras que afetam a expressão de todos os tipos de corpos. Dessa forma, emergem espaços permeados por dúvidas e ambiguidades, lugares de diferenças, nos quais se percebe que o desejo não é determinado biologicamente nem restrito a papéis sociais predefinidos. Nesse contexto, surge a possibilidade de questionar a existência de um espaço queer (PAGNAN, 2020). Espaços estes que se encarregam assim como a teoria *queer* de delimitar padrões.

A UR2 destaca a cidade de Goiânia como um ambiente conservador, apesar de sua natureza urbana. Isso sugere que, mesmo em contextos urbanos, o preconceito ainda pode ser prevalente, indicando a complexidade das dinâmicas sociais e culturais que contribuem para sua perpetuação. Essa percepção reforça a importância de considerar não apenas o tamanho ou a localização geográfica de uma cidade, mas também sua história, valores culturais e estruturas sociais na compreensão do preconceito local.

Resposta que se relaciona aos administradores de fã clubes que deram as respostas relativas à UR6 E UR7, que acreditam que a coexistência de atitudes preconceituosas e a presença de uma comunidade LGBTQ+ ativa destacam a complexidade das dinâmicas sociais e das interações entre diferentes grupos dentro do contexto local. Essa interconexão entre atitudes preconceituosas e esforços de resistência e ativismo ressalta a importância de abordagens inclusivas na promoção da igualdade e da justiça social.

Assim, reivindicar um espaço *queer* (geograficamente falando), provavelmente, está associado a uma ideia de "contra-arquitetura". Isso implica que qualquer pessoa pode adaptar e expandir o significado e a essência de um espaço, independentemente de sua natureza. Essa abordagem visa criar uma arquitetura mais equilibrada entre aqueles que a concebem e aqueles que a utilizam, buscando promover uma mudança de mentalidade em relação a um espaço específico. Para concretizar essa visão, seria necessário abandonar as distinções binárias tradicionais que organizam a convivência social, como dentro e fora, artificial e natural, seguro e violento, entre outras. Para um arquiteto, essa abordagem envolve desfazer, danificar ou desconstruir edifícios, o que representa uma declaração contra os princípios tradicionais da arquitetura e do urbanismo, já que destruir em vez de construir desafia a doutrina arquitetônica funcional e carrega consigo uma forte carga política ao penetrar em estruturas consolidadas (PAGNAN, 2020).

Para aqueles interessados em um espaço *queer*, um "anarquitecto", por assim dizer, poderia afirmar que, dado um espaço existente, tudo o que é necessário fazer é provocar uma ação, sugerir um acontecimento, posicionar um objeto de forma diferente ou instigar uma dúvida em relação a esse espaço. Nesse contexto, todas as possibilidades se abrem. Assim, um espaço *queer* seria caracterizado por não ter uma moral pré-estabelecida, nenhum propósito específico e concreto, existindo unicamente para experiências e apropriação de códigos urbanos para subvertê-los (PAGNAN, 2020).

Portanto, um espaço *queer* seria aquele que não se propõe a ter uma função moral ou utilitária definida, mas sim a viver para as experiências, adotando uma abordagem sensual situada entre corpo e tecnologia. Esse espaço se recusaria a aceitar uma condição fixa e estaria aberto à ideia de estar em constante trânsito, existindo no meio, no inacabado. Em resumo, podemos considerar um espaço *queer*

muito mais como uma atitude de apropriação de um lugar na cidade do que como um local que pode ser construído de forma convencional (PAGNAN, 2020).

Felizmente, em contrapartida ao preconceito, a UR3 aponta para uma percepção de progresso em relação a este tema em Belo Horizonte, sugerindo uma maior abertura e aceitação em comparação com outras localidades. Essa percepção pode refletir a influência de fatores como políticas públicas, ativismo social e exposição a diferentes perspectivas. No entanto, é importante reconhecer que mesmo em cidades consideradas mais progressistas, ainda existem desafios e lacunas na promoção da igualdade e no combate ao preconceito, como evidenciado por outras respostas dos entrevistados.

Portanto, ao analisar as percepções dos entrevistados nas UR2 e UR3, observa-se a diversidade de experiências e realidades dentro de diferentes contextos locais. Enquanto algumas cidades podem ser caracterizadas por uma maior tolerância e inclusão, outras ainda enfrentam desafios significativos em relação ao preconceito e à discriminação. Essas nuances destacam a importância de abordagens sensíveis e contextualizadas para lidar com questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, reconhecendo a complexidade das dinâmicas sociais e culturais em jogo.

3.4.1.2 As concepções sobre assumir-se gay

Nesta parte, investigou-se as experiências e percepções dos administradores de fã clubes da artista Pablio Vittar em relação ao processo de assumir-se *gay*. A partir das respostas dos entrevistados, observamos diferentes aspectos desse processo, incluindo os desafios enfrentados, as reações familiares, a aceitação pessoal e o papel do tempo na evolução dessas experiências.

As URs fornecidas revelam a complexidade e a diversidade de experiências envolvidas no processo de assumir-se *gay*, como pode-se observar abaixo:

TABELA 8 - Unidades de Registro do tema: “As concepções sobre assumir-se *gay*”

E1	UR8: <i>"a gente tem que se aceitar primeiro, né?."</i>
E2	UR9: <i>"é uma época um pouco tenebrosa."</i>
E3	UR10: <i>"foi um tempo, foi um processo. Tudo feito por processo."</i>
E4	UR11: <i>"No meio dessa confusão que eu me assumi, dizendo que eu sim, eu era gay. "</i>
E5	UR12: <i>" Nossa, foi um reboliço enorme em casa enorme, enorme. E aí não foi nada legal, não foi nada confortável."</i>
E6	UR13: <i>"Falei só que não foi uma notícia assim, para eles não foi uma notícia tão boa assim no começo. Mas depois passou acho que uns três ou quatro anos, eles se acostumaram e tudo, aí hoje é bem melhor, não 100%, acho que uns 50% só."</i>
E7	UR14: <i>"No começo não tanto, teve seus problemas, mas depois foi melhorando a parte dessa parte da superproteção."</i>

Fonte: Elaboração do autor (2024).

Uma das questões centrais é a importância da aceitação pessoal e do processo de autoaceitação. Como destacado na UR8, o processo de assumir-se envolve não apenas a aceitação pelos outros, mas também uma jornada interna de compreensão e aceitação da própria identidade sexual ou de gênero.

Seguindo o relato da UR8, feita pelo E1, ele afirma que

[...] em 2019, foi que realmente ocorreu essa aceitação comigo mesmo. Sabe, daí eu parei, pensei, realmente me aceitei, eu vi que era muito melhor para mim. Até porque também a gente vive hoje em uma onda de estar muitas vezes rodeado de pessoas que têm esse preconceito, tem essa homofobia. Então isso acaba que acarreta que prejudica a gente e a gente acaba prejudicado. Nós também temos essa dificuldade da própria aceitação e acaba que vai desenvolver outros problemas. Então, em 2019, foi que ocorreu essa aceitação dentro de mim. E de primeira mão, eu compartilhei com amigos e falei que eu tinha me aceito, mas que eu estava me descobrindo, foi com amigos próximos e só em 2022, foi que foi realmente contar para a família porque eu nunca tive medo da sociedade em si, mas sim da família. Porque a família que tá com você é toda hora desde criança sempre é a família. (Transcrição da gravação, E1).

Além disso, as unidades de registro 9, 12 e 13 falam sobre os problemas e dificuldades que enfrentamos nessa jornada. O participante da unidade 9 descreve esse momento como "um período sombrio", revelando sentimentos de insegurança, receio ou apreensão sobre a identidade LGBTQ+. As unidades 12 e 13 mostram as reações negativas da família e falta de apoio nesse começo, mostrando como muitas pessoas LGBTQ+ enfrentam dificuldades emocionais e sociais ao assumirem quem são.

As URs 11, 13 e 14 falam sobre como as famílias aceitam LGBTQ+ depois que descobrem sua identidade. No relato da unidade 11, o entrevistado descreve o momento em que revelou ser *gay*, ressaltando a coragem necessária para encarar a revelação. As unidades 13 e 14 tratam das reações familiares ao longo do tempo, apontando uma transição gradual da rejeição inicial para uma aceitação mais abrangente e uma diminuição na superproteção. Esses relatos mostram a importância do apoio familiar na autoaceitação e os efeitos positivos da aceitação para a vida de uma pessoa LGBTQ+.

Judith Butler (2019) nessa perspectiva, questiona as ideias que definem o que é "comum" ou "apropriado". Isso nos faz lembrar que as ideias que as pessoas têm sobre o que é "comum" ou "apropriado" podem ser questionadas e mudadas. As reações das famílias diante das revelações identitárias são uma encenação das normas de gênero e sexualidade, onde as expectativas sociais influenciam as reações dos familiares.

Quando estuda-se a performatividade de gênero e a construção social da identidade, podemos entender como as famílias lidam com essas regras sociais. Quando sua família teve um grande tumulto na casa, isso pode ser uma resposta às expectativas sobre o que é "apropriado" ou "convencional".

Adicionalmente, a teoria *queer* destaca a maleabilidade e diversidade das identidades de gênero e sexuais, desafiando qualquer forma de classificação restrita e imutável (BUTLER, 2019). Isso pode auxiliar na compreensão das mudanças nas atitudes familiares ao longo do tempo, conforme citado em alguns estudos, nos quais os participantes descrevem uma progressão gradual das percepções familiares em relação à sua identidade LGBTQ+. Essa transformação pode ser interpretada como uma quebra das normas de gênero e sexualidade previamente internalizadas, à medida que a família se ajusta e reestrutura seus pontos de vista para acolher a diversidade e singularidade de seus integrantes.

Dessa forma, ao considerar essas distintas visões, é evidente a valorização da aceitação própria, do suporte da família e da passagem do tempo na jornada de formação de uma identidade verdadeira e contente. Essas histórias não só demonstram os obstáculos encontrados, mas também as chances de evolução e mudança que aparecem durante o processo de assumir-se como LGBTQ+.

3.4.1.3 O papel da Arte, figuras públicas e influências para a comunidade

Esta etapa analisou as percepções e experiências dos administradores de fã clubes em relação ao significado da Arte, das figuras públicas e dos impactos na população LGBTQ+. Com base nas entrevistas realizadas, procurou-se compreender como figuras do campo artístico e da vida pública influenciam a população LGBTQ+ e promovem aceitação e autoconhecimento.

Foi investigada a opinião dos participantes sobre a importância da representação na sociedade e influência de figuras públicas sobre os indivíduos para fortalecer a autoaceitação e a identidade. Esta análise ajuda a compreender como a Arte e essas figuras públicas podem desempenhar um papel central na criação de um ambiente seguro e acolhedor que promova a mudança social e cultural na procura da igualdade e do respeito pela diversidade. Seguem as URs contempladas:

TABELA 9 - Unidades de Registro do tema: “O papel da Arte, figuras públicas e influências para a comunidade”

E1	UR15: <i>"Não precisa necessariamente o artista ser da comunidade LGBTQ para ele lutar pela causa ."</i>
E2	UR16: <i>"Elas (figuras públicas e Arte) desempenham um papel muito intermediador, né? Esse papel é muito importante porque a maioria dos artistas utilizam da visibilidade deles para dar voz à causa LGBTQ ."</i>
E3	UR17: <i>"não precisa ser um artista muito grande para chegar e tocar nas pessoas com as suas músicas e letras, sabe?."</i>
E4	UR18: <i>"hoje, decorrente dos tempos, as pessoas são mais flexíveis em algumas coisas, em começar depois de bater muito na tecla, falar muito, elas (as pessoas) comecem a pensar, a pesquisar e saber o que realmente está por trás ou não."</i>

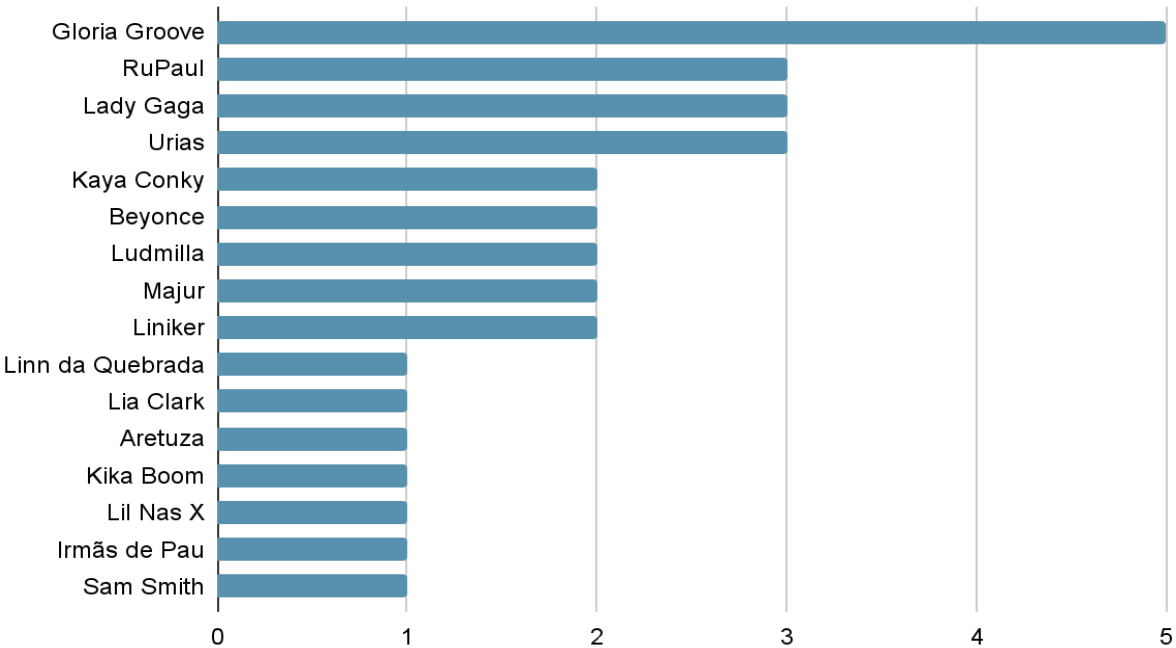
E5	UR19: " <i>Elas (figuras públicas) mostram uma arte e eu acho que muito da Arte é aquilo que você é. Por exemplo, elas mostram aquilo que elas são, elas mostram um pouco daquilo que passaram.</i> "
E6	UR20: " <i>acho que a Arte é política.</i> "
E7	UR21: " <i>A Arte e o artista sempre pode levantar discussões e questões da sociedade.</i> "

Fonte: Elaboração do autor (2024).

Ao analisar as respostas dos entrevistados à luz da teoria *queer*, pode-se observar como a Arte, as figuras públicas e as influências culturais desempenham papéis cruciais no processo de assumir-se LGBTQ+ e na luta pelos direitos dessa comunidade, conforme argumentado por Judith Butler (2019) e Guacira Lopes Louro. A ideia de que a identidade de gênero e a sexualidade são construções sociais ganha relevância ao considerarmos as percepções dos entrevistados, que enfatizam a importância da representação e visibilidade na mídia e na cultura popular (UR15).

O gráfico abaixo foi construído segundo as respostas dos entrevistados sobre os/as artistas que conhecem/consomem e que colaboram positivamente para a população LGBTQ+:

GRÁFICO 1 - Artistas que colaboram positivamente para a comunidade LGBTQ+



No gráfico, é possível observar artistas como Gloria Groove, RuPaul, Kaya Conky, Lia Clark, Aretuza e Kika Boom (que também são *drags*), uma artista transexual, que é a Urias e três que se consideram travestis: Linn da Quebrada e Irmãs de Pau, entre outros nomes que, segundo os entrevistados, são importantes e auxiliam no movimento LGBTQ+.

É importante salientar que todos os indivíduos têm o potencial de apoiar a luta pelos direitos da comunidade, sem importar quem sejam ou como se identifiquem, como apontado por uma das pessoas ouvidas. Essa perspectiva reflete as ideias de Butler (2019) em relação à forma como o gênero é exercido e à relevância da representação política, demonstrando que o apoio e solidariedade em relação a essa causa não se limitam à população LGBTQ+.

A expressão artística e a cultura popular são ferramentas eficazes para conscientizar e ensinar sobre temas relacionados ao gênero e à sexualidade, como foi destacado por um entrevistado, que frisou que não é necessário ser um artista de renome para influenciar as pessoas com sua música e poesia (UR17) A Arte pode ser uma forma acessível e impactante de incentivar a igualdade e a diversidade.

Outro ponto relevante é a relação entre a Arte e a autenticidade pessoal, como foi mencionado por um entrevistado que disse que "uma grande parte da Arte representa quem você é" (UR19) Essa perspectiva concorda com os conceitos apresentados por Louro (2001) sobre a expressão da identidade e subjetividade através da atuação de gênero, demonstrando como a arte pode ser uma forma de validação e comemoração das experiências pessoais.

Adicionalmente, a concepção de que "A Arte é política" (UR20) ecoa a perspectiva da escritora Louro (2001) acerca da transgressão das convenções sociais através da manifestação artística. Dessa forma, a Arte não só espelha a sociedade atual, mas também confronta e interpela as hierarquias estabelecidas, permitindo o surgimento de novas formas de narrativas e identidades.

O entrevistado 4 em determinado momento da entrevista ressalta inclusive a contribuição de Érika Hilton, que é a primeira mulher transexual eleita deputada federal no Brasil. Ele afirma que

Érika tem um poder hoje, [...] e uma pessoa que não acredita no seu potencial, ver um político, um artista LGBTQ+ no nível que tá hoje, como a própria Érika, ela vai passar a acreditar em si, passar a ter mais coragem, a falar, correr atrás, pesquisar e lutar pela sua vida [...]

Ao adentrar mais profundamente nesta análise, é importante notar a intrincada relação entre a presença LGBTQ+ na Arte e a construção de identidades individuais e coletivas. Butler (2019) ressalta sempre como a performance de gênero e a expressão artística não apenas espelham, mas também influenciam as noções sociais de identidade e sexualidade.

Dessa forma, as personalidades públicas desempenham um papel fundamental como agentes de mudança cultural, ao empregar suas plataformas para desafiar padrões e estereótipos de gênero. Conforme mencionado por um dos entrevistados (UR16), "Elas exercem uma influência mediadora significativa", demonstrando como as figuras públicas podem utilizar sua visibilidade para amplificar a voz em prol da população LGBTQ+.

A influência da Arte vai muito além de simplesmente retratar, incluindo também a habilidade de criar oportunidades para discussões e reflexões sobre questões LGBTQ+. Por meio de diferentes formas de expressão, como performances, exposições, música e cinema, os artistas conseguem abordar temas relacionados à identidade, diversidade e inclusão, impactando tanto de maneira individual quanto social. A intersecção entre arte e ativismo fica evidente em movimentos culturais como a Arte *Queer*, que questiona as normas estabelecidas e busca dar visibilidade a experiências marginalizadas. Como mencionado por um dos entrevistados (UR21), "A arte e os artistas têm o poder de provocar discussões e questionamentos na sociedade."

Entretanto, é essencial ressaltar que o potencial transformador da Arte não está disponível de forma igual para todos na sociedade. Obstáculos estruturais, tais como a escassez de apoio financeiro e representatividade para artistas LGBTQ+, podem restringir a abrangência e impacto da expressão artística. Estas questões estruturais ecoam as reflexões de Guacira a respeito das interseções entre sexualidade, gênero e disparidades sociais, realçando a necessidade de uma abordagem interseccional ao analisar a representação LGBTQ+ no campo (LOURO, 2001).

As análises sobre a conexão entre arte, originalidade e engajamento político (UR19, UR20, UR21) também estão presentes nas reflexões de Butler (2019) e Louro (2001) acerca do caráter questionador da expressão artística. Ao apresentar uma arte que espelha suas próprias vivências e características, os artistas não apenas legitimam suas próprias histórias, mas também estimulam o público a participar de diálogos mais abrangentes sobre temas sociais e políticos. Essa intersecção entre Arte, identidade e ativismo é fundamental para compreender a arte como uma ferramenta de oposição e mudança social, conforme analisado por Butler.

É imprescindível também pensar na variedade de vivências presentes na comunidade e como isso influencia a Arte e a cultura. Enquanto algumas histórias são mais valorizadas e aparecem em evidência, outras ficam à margem e pouco representadas. Isso gera questionamentos sobre quem tem o direito de compartilhar suas narrativas e quem fica de fora do diálogo predominante. Dessa forma, é fundamental realizar uma análise crítica da representação LGBTQ+ nas artes considerando tais desigualdades e buscando dar voz e visibilidade às diferentes experiências.

Em última instância, ao compreender o potencial da Arte como um meio de resistência e mudança, também é fundamental reconhecer as barreiras e obstáculos que ela enfrenta. A busca por uma representação mais abrangente e genuína na arte é constante e necessita do envolvimento não apenas dos artistas e personalidades públicas, mas de toda a comunidade. Apenas por meio do diálogo, da cooperação e do comprometimento com a igualdade e a justiça podemos almejar alcançar uma representação verdadeiramente ampla e inclusiva no campo artístico e cultural.

3.4.2 Categoria 2 - “Minha história com Pablo Vittar”

3.4.2.1 Concepções, motivações e papel do fã clube

Neste momento, serão analisadas as visões dos administradores de fã clubes sobre a dinâmica desses ambientes comunitários. Ao analisar-se as opiniões dos entrevistados, consegue-se compreender de forma mais aprofundada a importância dos fã clubes na promoção da aceitação e do autoconhecimento dentro da população LGBTQ+.

A análise das concepções e experiências dos administradores permite compreender como esses espaços são valorizados não apenas para celebrar a Arte e artistas famosos, mas também para estabelecer laços sociais, compartilhar experiências e criar um sentimento de pertencimento. Segue abaixo a tabela com as URs utilizadas para embasar esta análise.

TABELA 10 - Unidades de Registro do tema: “As concepções de fãs clubes”

E1	UR22: <i>"um porto seguro não só para o artista como também para os outros fãs, é de uma grande importância. Tem a família que a gente forma dentro de um fã clube também porque hoje eu tenho amigos que eu considero grandes amigos que eu levo para a vida toda e que eu conheci dentro do fã clube da Pablla."</i>
E2	UR23: <i>"Ele (fã clube) não tá aqui só para mostrar amor. Não só para isso, mas também a gente trabalha nessa causa de mediar, de contribuir também para o conhecimento das outras pessoas."</i>
E3	UR24: <i>"Eu considero um cantinho de amor, sabe? Aonde eu posso deixar tudo, o amor que eu sinto pela Pablla de algum jeito, foto, por vídeo, texto."</i>
E4	UR25: <i>"é importante para expandir e direcionar o conteúdo certo e verídico para as pessoas, para elas saberem o que que está acontecendo."</i>
E5	UR26: <i>"o fã clube aproxima mais as pessoas que estão ali na bolha (da comunidade LGBT+), inseridas e também com as pessoas que não estão inseridas naquilo, serve para puxar mais pessoas para gostarem e verem o trabalho desse artista."</i>
E6	UR27: <i>"Compartilhar (no fã clube) a música da Pablla é fazer que a arte dela seja mais reconhecida, cresça mais e que mais pessoas ouçam e escutem ela. Acho que é o objetivo é demonstrar admiração pela artista e compartilhar cada vez mais."</i>
E7	UR28: <i>"um lugar, um templo para enaltecer o artista ou banda, enfim, de divulgar, de mostrar o quanto ela é importante na vida das pessoas, principalmente daquele fã clube."</i>

Fonte: Elaboração do autor (2024).

Ao analisar as ideias apresentadas sobre os fãs clubes nas diferentes unidades de registro, é perceptível que os entrevistados enxergam esses locais como algo muito além de simples grupos de admiradores de um artista. Em uma dessas unidades, um

dos entrevistados descreve o fã clube como um local de acolhimento e proteção, destacando a importância dos vínculos estabelecidos dentro dessa comunidade e a sensação de pertencimento encontrada entre os membros.

Essa concepção de união e carinho está em consonância com as teorias discutidas por Butler em sua obra "Problemas de Gênero" (2019), na qual ela defende que as identidades de gênero são resultado de construções sociais e podem ser questionadas e refeitas por meio das relações interpessoais. A autora ressalta que os espaços de convívio desempenham um papel fundamental na criação e na expressão de identidades fora do padrão, oferecendo um ambiente seguro para aqueles que desafiam as normas vigentes em relação ao gênero e à sexualidade.

Outras Unidades de Registro, como a UR2 e UR3, enxergam o fã clube como um local de luta e engajamento, onde os admiradores não só expressam seu carinho pela artista, mas também se esforçam para promover a inclusão e o entendimento da diversidade. Essas concepções estão de acordo com os princípios de resistência e subversão (BUTLER, 2019). Assim, as práticas performáticas de gênero podem ser interpretadas como estratégias de resistência contra as normas preponderantes, e os fãs podem se envolver nesses atos de resistência ao desafiar as expectativas sociais sobre o que é considerado "padrão".

Ademais, as URs também reafirmam a relevância do fã clube como um espaço criado para compartilhar conteúdo e divulgar a arte da artista, conforme evidenciado em diversas situações. Essa função educativa dos fãs está alinhada com as ideias expostas por Louro (2001) que afirmam que "hoje, as chamadas 'minorias' sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores." Destaca-se que o acesso à informação é imprescindível para desafiar preconceitos e promover uma sociedade mais inclusiva.

Além disso, destaca-se o papel dos fãs clubes na criação de ambientes acolhedores para a população LGBTQ+. Esses ambientes oferecem um espaço onde os indivíduos podem se expressar de forma autêntica e encontrar apoio mútuo, questionando as estruturas sociais que excluem e oprimem as identidades não-conformistas.

A noção de pertencimento e comunidade está associada com as ideias discutidas por Pelúcio em que menciona a teoria *queer* como um campo de articulação e luta, isto é, união. Ela afirma que

É interessante que até mesmo as pessoas que se colocaram contra o *queer* assumiram, de certa forma, seu vocabulário. Rapidamente termos como heterossexualidade compulsória, regime heteronormativo, abjeção, performatividade passaram a ocupar fóruns políticos, arenas acadêmicas, páginas de comportados periódicos científicos. Em uma análise diletante, acho que isso tem a ver com essa busca da qual eu falava há pouco, por novos referentes, por um léxico torcido, fresco o suficiente para não estar marcado pelo peso dos saberes psi, médicos e jurídicos (2014, p. 13)

Em consonância a isso, abaixo, estão algumas das respostas dos administradores associadas ao papel que acreditam que o fã clube possui na sociedade

[...]a gente também ao divulgar a própria Pablla e seu trabalho, o que ela defende, também, automaticamente, a gente tá defendendo a comunidade (LGBT+). A gente tá trazendo a bandeira para a gente. (Transcrição da gravação, E1)

Então, a gente também contribui para essa redução de preconceitos, para essa redução da discriminação, porque às vezes a pessoa ela entra num fã clube e ela vai ver um trecho de uma entrevista que pode ser interessante para ela, ela vai ver um cover de uma música que ela gosta [...] e às vezes ela pode se encantar (Transcrição da gravação, E2)

[...]influencia as pessoas de fora de uma forma que elas veem aquilo como uma forma verídica, [...] então por isso que a gente toma muito cuidado sobre o que a gente posta, sobre o que a gente fala (Transcrição da gravação, E5)

[...]quando a gente divulga os feitos dela, no meu caso especificamente da Pablla, é uma forma de mostrar o quanto ela é importante, o quanto ela muda e pode mudar tanto na indústria da música, quanto em vários outros sentidos (Transcrição da gravação, E7).

Assim, ao examinar as impressões dos entrevistados nas URs, identificou-se uma concordância de opiniões que enfatizam a relevância do fã clube como um local de conexão, compartilhamento de informações e resistência. Essa percepção é clara nas narrativas dos entrevistados sobre o fã clube como um espaço de carinho, intercâmbio de vivências e estabelecimento de relações de amizade que perduram. A interação de suporte mútuo dentro do grupo é decisiva para muitas pessoas LGBT+, que encontram na comunidade, sendo como um ambiente acolhedor, em que podem ser quem são de verdade e se sentir acolhidos.

3.4.2.2 *Influências da Pabllo Vittar ao assumir-se e/ou lidar com identidade sexual ou de gênero*

Esta etapa analisou as percepções e experiências dos administradores de fã clubes em relação às influências que a artista Pabllo Vittar tem quando o sujeito se assume parte da comunidade LGBTQ+ e/ou a forma como lida com sua identidade sexual ou de gênero. Com base nas entrevistas realizadas, procurou-se compreender de que forma e como acontece esse processo. Esta análise ajuda a assimilar qual a importância de representatividades em nossa sociedade e como elas podem fornecer subsídios nesse processo - que para alguns pode ser bem doloroso. Abaixo, encontram-se as Unidades de Registros selecionadas para este tema.

TABELA 11 - Unidades de Registro do tema: “Influências da Pabllo Vittar ao assumir-se e/ou lidar com identidade sexual ou de gênero”

E1	UR29: “ela ajuda dando <i>um conselho, um choque de realidade que ela dá na gente, que a gente precisa ter essa necessidade grande de ser quem realmente a gente é então, eu acho que ela usa muito isso 24 horas por dia na cara dela, sabe? do tipo de estar influenciando a gente a ser quem a gente é, a seguir nossos próprios sonhos.</i> ”
E2	UR30: “ <i>Ela me salvou. Eu falo toda vez que eu encontro com ela, falo: ‘cara, você me salvou.</i> ”
E3	UR31: “ <i>ela me ajudou bastante nessa questão de me assumir e também me reconhecer como drag queen [...]ela me ajudou bastante em questão de ter força, de ter garra, coragem.</i> ”
E4	UR32: “ <i>tem algumas frases, tem algumas coisas da Pabllo que eu levo para a vida, algumas músicas que tipo me ajudam muito em relação a superar alguns momentos.</i> ”

E5	UR33: <i>"Eu ficava com medo das pessoas, do que iam achar de mim, do que as pessoas pensavam de mim. Aí naquele momento (das consequências de se assumir) é muito difícil, foi quando eu comecei a acompanhar um pouco mais ela, e ela me confortou bastante porque ela não estava nem aí, ela era quem ela era."</i>
E6	UR34: <i>"ela (Pablo) me passou segurança, ela me ensinou a ser eu mesmo."</i>
E7	UR35: <i>"se ela é um gay de peruca e tá fazendo sucesso na televisão e tá falando com todo mundo, então, eu posso ser eu mesmo também e mostrar minha arte, mostrar quem eu sou, sem precisar cortar nenhum pedaço meu."</i>

Fonte: Elaboração do autor (2024).

Dentro do cenário de visibilidade e representatividade LGBTQ+, Pablo Vittar se destaca como uma importante influência na mídia e cultura do Brasil. Conforme explicado por Louro (2001), a visibilidade da comunidade pode gerar diversos impactos contraditórios na sociedade. A fama da *drag queen*, ao mesmo tempo que promove aceitação e celebração da diversidade, também pode provocar resistências e hostilidades por parte de grupos conservadores. Essa dinâmica demonstra um ambiente complexo no qual a presença de personalidades LGBTQ+ abertamente se torna tanto um símbolo de avanço quanto alvo de conflitos culturais e sociais.

O impacto de Pablo nas narrativas dos responsáveis pelos fã clubes destaca essa dicotomia. Conforme mencionado nas Unidades de Registro e nas conversas, a artista atua como uma fonte de motivação e fortalecimento. Sua bravura e originalidade encorajam seus admiradores a abraçarem suas próprias essências com determinação, enfrentando discriminações e questionando padrões inflexíveis de gênero e sexualidade.

Nessa perspectiva, torna-se relevante debater a experiência individual dos administradores ao se assumirem e/ou lidar com sua identidade sexual ou de gênero. Dessa forma, sobre o percurso realizado pelo entrevistado 1 até assumir-se LGBTQ+, é ressaltado que inicialmente, teve que lidar com a autoaceitação, pois durante um tempo não aceitava quem era. Foi em 2019, com 15 anos, que decidiu contar para alguns amigos próximos sobre sua orientação sexual. Em 2022, decide de fato contar para sua família e diz que seu maior medo era esse, afinal, a família é sempre quem está por perto quando precisa. A recepção ao exposto não foi perfeita, entretanto,

sente-se respeitado e afirma que hoje a situação está melhor. Sobre esse fato, E1 aborda

[...]apesar de minha aceitação ter sido legal, mas nem sempre vai ser mil maravilhas, né? E não foi. Sempre vai ter uma pessoa que vai ter uma piada, que vai ter uma coisa contra, que vai ter um pé atrás, mas é isso, a gente é uma coisa que infelizmente por enquanto sempre vai ter e a gente vai estar lutando para isso, né? Para isso que a gente tá aqui, é para isso que a gente defende e é por isso que a gente coloca a cara muitas vezes a tapa, como se diz o ditado. Por pessoas que são preconceituosas homofóbicas e para a gente estar realmente reeducando outras pessoas também que aceitam a gente e que realmente estão ouvindo, estão dispostas a seguir o que a gente tem para falar, sabe? Seja na política, seja na sociedade, seja na escola, seja no trabalho, seja onde for. (Transcrição da gravação, E1).

Nesta perspectiva, Louro traz uma reflexão enriquecedora sobre o cenário LGBT+

Sua visibilidade tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física (LOURO, 2001, p.542).

Posteriormente, sobre a trajetória do E2, menciona que até se descobrir um homem gay, que o processo todo ocorreu entre os 12 aos 17 anos e até essa idade se considerava bissexual. Conta que recebeu a ajuda de algumas pessoas que possibilitaram que se conhecesse cada vez mais e se aceitasse, inclusive a Pablllo Vittar, que conhecia desde seus 12 anos de idade. Relacionado a ela e sua influência neste processo, o entrevistado afirma que

[...]ela quebra paradigmas. Ela traz questionamentos. As pessoas até hoje, muitas não entendem o que ela é. Ah, ela é uma travesti, ela é homem, ela é... as pessoas não sabem até hoje porque ela é uma artista que deixa aquela incógnita. Sabe então, por isso ela é muito importante porque ela num país tão homofóbico como o Brasil, um país tão preconceituoso, ela conseguiu ser uma das maiores representantes da música brasileira e também da causa LGBT (Transcrição da gravação, E2).

O terceiro entrevistado diz que seu processo de assumir-se iniciou com o conhecimento de RuPaul, *drag queen* norte-americana, em 2014, dizendo que amava acompanhar o *reality show* desenvolvido por ela. Em 2016, conheceu a Pablllo e se

apaixonou, pois naquele momento, menciona que não tinham tantas referências *drags* no Brasil. A partir daí, foi se descobrindo cada vez mais e, como diz a UR31, descobriu até seu desejo em fazer *drag*. *Sobre a luta de Pablllo contra o preconceito, conta que se sente motivado e sobre esse assunto corrobora dizendo que*

[...] ela está literalmente na linha de frente, sabe? Desde quando eu conheci ela, ela botou muita cara a tapa, foi em televisão, entrevista, em rádio e só dela fazer isso, hoje em dia dá para ver o quanto as coisas mudaram (Transcrição da gravação, E3).

O quarto administrador de fã clube afirma que no momento de se assumir, assistia muito RuPaul Drag Race e que isso fortificou esta etapa de sua vida. Admite que quando conheceu a Pablllo, posteriormente a se assumir, não gostou muito dela não. Fala que foi em uma oportunidade de show que conheceu realmente o trabalho da Pablllo Vittar e se encantou a partir deste momento. Foi a partir daí que entendeu seu trabalho e sua importância para a representatividade aqui no Brasil. Conta que algumas músicas, como “Não vou deitar”⁴ e “Irregular”⁵ auxiliaram a lidar com as consequências de ser um homossexual no país.

Sobre o papel da artista neste processo, afirma que

Ela tem um papel altamente importantíssimo, a Pablllo chegou em um momento muito importante em que o Brasil estava precisando de uma diva pop, da gente, do nosso Brasil, uma que veio de baixo, que lutou que sofreu, para a gente se inspirar (Transcrição da gravação, E4).

Dessa forma, a concepção *queer*, segundo abordada por Butler (2019), está em sintonia com o trabalho de Vittar ao defender uma política pós-identitária que coloca em questão as classificações rígidas e valoriza a flexibilidade e diversidade da vivência humana. Pablllo Vittar, ao transitar entre identidades e manifestações,

⁴ Trecho da música Não vou deitar: “Falei, senti/Não foi a primeira vez que eu chorei, sofri/Talvez seja melhor não mais te ter aqui/Agora eu quero voltar a sorrir, a sorrir/Eu não vou deixar/Você me controlar/Não vou voltar/Eu não vou mais te procurar/Eu não vou deitar/Você pode até tentar/Eu não vou deitar”

⁵ Trecho da música Irregular: “Não adianta mais fingir/Dizer que não aconteceu/Eu sei/Na verdade que eu acreditei/Na dor que você me fez/Mas agora tudo vai mudar/Porque você já me perdeu/E a culpada não fui eu /Não dá mais pra mudar”.

evidencia de forma concreta essa desconstrução de regras e modelos, incentivando seus seguidores a reavaliar e reestruturar suas próprias histórias pessoais.

Além disso, os relatos de vivências pessoais pelos entrevistados demonstram o impacto positivo da arte e influência de Pablllo na criação de um espaço acolhedor para a população LGBTQ+. As canções de Vittar e suas aparições em público servem como fontes de apoio e resistência, proporcionando um abrigo simbólico e uma maneira de enfrentar os desafios sociais e familiares que são comuns ao se assumir para muitos indivíduos.

Louro explica melhor o contexto do desenvolvimento da teoria *queer* no artigo “Teoria *queer* – uma política pós-identitária para a educação”, publicado em 2001 na Revista de Estudos Feministas. Segundo ela a homossexualidade é uma invenção do século XIX, o que antes era visto como um ato “indesejável ou pecaminoso” passa a ser descrito como um desvio da norma e condenada pelos grupos conservadores. Esse tipo de discurso permanece até os anos 1970, momento em que movimentos homossexuais começam a se organizar, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra. É essa organização que segue até hoje por parte da comunidade e permite que cada vez mais novos direitos sejam conquistados.

O próximo entrevistado, de número cinco, menciona que na época que se assumiu conversava muito com os amigos pelo *whatsapp*, já que o aplicativo era novidade na época. Alega que ficava o dia todo no celular e seu pai começou a desconfiar, até que um dia seu pai, escondido, levou o celular dele em seu trabalho para averiguar o que estava acontecendo e acabou descobrindo nessas conversas que o filho era *gay*. Diz que ocorreu um rebuliço enorme em sua casa devido a isso, mas que com o passar do tempo, as coisas melhoraram já que seu pai e sua mãe se separaram e ele se aproximou muito da mãe. Durante a entrevista, o administrador faz um relato comovente em relação a um acontecimento relativo à Vittar que o inspirou muito naquele momento

Tem uma coisa também que eu postei na minha conta pessoal, que é um vídeo antigo dela e do Silvio Santos em que ela estava (sendo mencionada) naquele jogo dos Três Pontinhos em que colocaram os nomes: Gominho, David Brasil e Pablllo Vittar para saber o que tinham em comum. Aí foi perguntado para a plateia e o pessoal da plateia falou gay e ele falou que não, aí a pessoa falou que é homossexual, ele falou não, que errou. Até que veio uma senhora e falou: bixa e ele falou que acertou. Porque o bixa naquele tempo era algo muito pejorativo, como um insulto muito grave, que

as pessoas não gostavam de ser chamados. Alguns dias depois a Pabllo Vittar fez uma entrevista para jornalistas e o jornalista perguntou como lidar com as críticas e ela falou: Ah, como lidar com as críticas é muito fácil, as pessoas estão aí nos xingando, querendo nos calar, nos xingam de bixinha, mas a gente não liga, pois eu sou bixa, sou bixinha, sou bixérrima. Lembro que teve muito impacto essa entrevista (Transcrição da gravação, E5).

O sexto entrevistado conta que foi aos quatorze anos que começou o processo de descobrir-se gay. Fala que contou inicialmente para uma amiga e posteriormente para sua família. Segundo ele, o processo ainda não está fácil, mesmo já se passando uns 4 anos desde que se assumiu e até mesmo ele apresentou muita resistência durante esse processo todo, tendo até mesmo depressão por medo do que a sociedade pensaria. Hoje, afirma que se sente mais seguro, inclusive, devido à Pabllo Vittar, que segundo suas próprias falas, menciona quanto o ajudou

ela me ensinou a ser eu mesmo, ela sempre fala seja você mesmo, vai curte, barbariza e tem tanta gente que se assumiu e tá feliz hoje então eu quero isso também, acho que a Pabllo ajudou bastante, principalmente com as músicas dela e com as letras que eu já disse e acho que me ajudou bastante a ter principalmente segurança e perder a timidez porque eu era muito tímido (Transcrição da gravação, E6).

O último entrevistado, revelou que teve que se assumir aos 14 anos de idade, quando voltava de uma festa, por pressão de sua mãe. No primeiro momento se assumiu bissexual e depois se assumiu como um homem gay. Menciona que teve alguns problemas mais relacionados à superproteção, ao medo familiar em relação ao seu futuro e sua orientação sexual. Segundo suas palavras sobre o processo de aceitação familiar, comenta que “no começo não tanto, teve seus problemas, mas depois foi melhorando a parte da superproteção (familiar). Mas no geral, a gente começou a se acertar e hoje em dia a gente é muito mais próximo (Transcrição da gravação, E7).

Assim, as vivências compartilhadas pelos administradores destacam a relevância da diversidade na mídia. Pabllo Vittar, ao marcar presença em ambientes majoritariamente heterossexuais quebra barreiras e estabelece conexões. Cada vez que se expõe publicamente, lança uma música ou emite uma declaração, Pabllo Vittar não só expressa artisticamente, mas também realiza atos políticos que aumentam a visibilidade LGBTQ+ e estimulam a sociedade a progredir. Essa relação entre a

representação midiática e a percepção social das identidades LGBTQ+ é fundamental para o avanço dos direitos e para a construção de uma sociedade mais justa e empática.

Contudo, os relatos dos administradores dos fã clubes da Pablo Vittar demonstram claramente o impacto significativo que uma figura pública pode ter sobre pessoas que lidam com desafios relacionados à aceitação de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Por meio das palavras dos entrevistados, percebe-se que Pablo não apenas é um exemplo de artista que luta pelos direitos da comunidade, mas também representa um suporte e fonte de motivação em momentos difíceis e de angústia. Seja por meio de suas músicas com mensagens de empoderamento e liberdade, seja pela sua postura de enfrentamento diante de uma sociedade muitas vezes hostil, Pablo Vittar impacta positivamente a vida de muitas pessoas, encorajando-as a se expressarem e celebrarem suas verdadeiras identidades.

CONCLUSÃO

A dissertação em questão teve como objetivo principal analisar as experiências vividas por indivíduos ao revelarem sua identidade como integrantes da comunidade LGBTQ+ e avaliar de que forma a presença da *drag queen* Pabllo Vittar impacta nesse processo. Durante a realização deste estudo, foram estabelecidos três objetivos específicos: em primeiro lugar, traçar um panorama histórico da homossexualidade e das *drag queens*, ressaltando os fatores que contribuem para a persistência da discriminação nos dias atuais; em segundo lugar, investigar as vivências pessoais de pessoas *gays* ao se assumirem, analisando o papel de Pabllo Vittar como influência nesse cenário; por fim, questionar as atitudes preconceituosas direcionadas à população LGBTQ+ à luz dos princípios da teoria *queer*.

O primeiro objetivo específico foi alcançado por meio de uma investigação minuciosa da história, que mostrou como as visões da sociedade sobre a homossexualidade e as *drag queens* evoluíram ao longo dos anos. Foi constatado que, apesar dos avanços na aceitação de diversas formas de identidade de gênero e orientação sexual, ainda existem antigas discriminações e preconceitos, muitas vezes reforçados por instituições sociais, culturais e políticas. A trajetória das *drag queens*, em especial, demonstra uma luta pela resistência e fortalecimento que corrobora de forma marcante nos dias atuais, especialmente por meio de personalidades públicas, como Pabllo Vittar.

Em relação ao segundo objetivo específico, que consistiu em coletar e analisar relatos de pessoas que passaram pela jornada de aceitação *gay*, os relatos obtidos ressaltaram a significativa influência de Pabllo Vittar, não apenas como uma artista, mas como um símbolo de poder e inclusão. Vittar, com sua visibilidade, representa um exemplo positivo que estimula a coragem e a autenticidade dos administradores de fã clubes entrevistados, proporcionando um processo de identificação e estímulo à autoaceitação, principalmente no âmbito de *gays* jovens, de onde deriva seu maior público. Seus admiradores a enxergam como uma fonte de inspiração para superar obstáculos e se aceitarem plenamente, evidenciando como uma personalidade pública pode impactar profundamente a autoimagem e o bem-estar de indivíduos marginalizados.

No que diz respeito ao terceiro objetivo, este estudo utilizou a teoria *Queer* para analisar as posturas e organizações que promovem a intolerância em relação à população LGBTQ+. A teoria em questão, com sua reflexão sobre as convenções de gênero e sexualidade, apresenta uma visão crítica fundamental para compreender e questionar as formas veladas e evidentes de discriminação. Por meio desta avaliação, percebeu-se que Pablo Vittar não apenas confronta tais convenções por meio de sua expressão artística e presença pública, mas também estimula discussões que podem resultar em uma maior conscientização e transformação social.

Os estudos e pesquisas efetuados demonstraram que a tolerância à variedade sexual e de identidade de gênero ainda é um desafio importante em nossa comunidade. Pablo Vittar, ao se revelar sem reservas e comemorar sua própria identidade em um cenário público, atua como um agente influente de transformação. Ela tem uma função essencial na batalha contra a discriminação, não apenas por meio de suas canções e apresentações, mas por ser ela própria, uma representação vívida de luta pelos direitos LGBTQ+.

O debate sobre o impacto de Pablo Vittar destaca a relevância da diversidade na mídia e no mundo do entretenimento. Quando artistas como Vittar conquistam reconhecimento e êxito, eles ampliam os limites do que é visto como padrão e comum na cultura. Essa exposição pode mudar pontos de vista, desconstruir preconceitos e estimular uma compreensão mais ampla das diferentes realidades da comunidade.

Por fim, o estudo destaca a importância de incentivar ativamente a inclusão e o respeito. As narrativas e pesquisas demonstram a necessidade urgente de políticas mais abrangentes e de apoio contínuo à população LGBTQ+, de modo que todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual, possam desfrutar de liberdade e segurança. Combater a discriminação não é apenas uma questão de direitos civis, mas também um compromisso ético e humanitário.

Em resumo, o estudo acrescentou ao conhecimento já existente ao apresentar novas concepções sobre as vivências de indivíduos *gays* e ao ressaltar o impacto positivo de Pablo Vittar nesse cenário. A expectativa é que esta pesquisa estimule novas investigações e iniciativas que promovam a integração plena da diversidade de orientação sexual e identidade de gênero, abrindo caminho para uma sociedade em que cada pessoa possa expressar sua verdadeira essência, sem receios ou medos.

REFERÊNCIAS

- AIRES, J. T. **A visibilidade de Pablo Vittar na mídia**. 2019. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda). Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas - FATECS, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/14041/1/21603827.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2024.
- AMANAJÁS, Igor. *Drag Queen: Um Percurso Histórico pela Arte dos Atores Transformistas*. **Revista Belas Artes**, São Paulo, 16ª ed. set-dez. 2014. Disponível em: <<https://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=drag-queen-um-percursohistorico-pela-artedos-atores-transformistas>>. Acesso em: 18. jun. 2023.
- AMEDI, Nathália da Costa da. **Mais do mesmo**: as invencionices de um certo Renato. In: CEREZER, Osvaldo Mariotto; FANAIA, João Edson de Arruda; RIBEIRO, Renilson Rosa al. *Escrita da História*. Mato Grosso: Editora UNEMAT, 2010. Disponível em: <http://www.unemat.br/reitoria/editora/downloads/eletronico/escrita_da_historia.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- ANTUNES, P. P. S. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. São Paulo: Tese de doutorado em Psicologia Social. Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Social; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.
- BARAD, Karen. Performatividade *Queer* da natureza, **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 11, p. 300-346, mar. 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/350757467_Performatividade_queer_da_natureza>. Acesso em: 20 mai. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- BENEVIDES, B. G. NOGUEIRA, S. N. B. (Orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/12/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contrapessoas-trans-em-2018.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2021.
- BBC NEWS BRASIL. **Pablo Vittar**: “Baby, ele chegou atrasado. Brasil é paraíso gay. É o nosso país”. Youtube, 03 mai. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KL_6b_HsJis>. Acesso em: 01 mai. 2024.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência

transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. Disponível em: <<https://dspace.unisa.br/server/api/core/bitstreams/fea1830f-13e7-4307-b1b1-5de1441a93f2/content>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei 9.278, de 10 de maio de 1996. **Regula o §3º do art. 226 da Constituição Federal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9278.htm>. Acesso em: 16 mai 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 16 mar. 2024.

BRASIL. Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013. **Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo**. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2024.

BORGES, K. **Terapia afirmativa: uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais**. São Paulo: GLS, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira, 2019. Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CARMO, Sidney Gonçalves do. **Como um garoto que cresceu sofrendo bullying se tornou Pablo Vittar**. Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/08/1907427-como-um-garoto-que-cresceu-sofrendo-bullying-no-ma-se-tornou-pablo-vittar.shtml>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

COSTA, Ana Paula; BRAGANÇA, Lucas; GOVEIA, Fábio. Tipificando o atípico: a performance de gênero de Pablo Vittar no Instagram, **Revista Mídia e Cotidiano**, v.11, n. 3, dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9849/6979>>. Acesso em: 01 mai. 2024.

FAZENDA, I. (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Homossexualidade e Educação Sexual: Construindo o respeito à diversidade**. Londrina: Ed. UEL, 2007. Disponível em: <<http://www.maryneidefigueiro.com.br/pdf/homossexualidade-educacaoosexual.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2024.

FILHO, Jorge Cardoso et. al. Pablo Vittar, Gloria Groove e suas performances: fluxos audiovisuais e temporalidades na cultura pop. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 03, p. 81-105, dez. 2018/ mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/19455/pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

FREITAS, Ananda Cristina de. **Fazendo e desfazendo gênero**: uma mirada sobre os trabalhos *queer* em eventos acadêmicos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, V, *on-line*, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_09122021214323.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2024.

GARCIA, José Carlos. **Problemáticas da identidade sexual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GODOY, Arilda Schimidt. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa, **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 3, n. 2, p. 81-89, mai./ago. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/gestaoorg/article/view/21573/18267>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

HMC, Pedro. **Um livro para ser entendido**. São Paulo: Outro Planeta, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes De. **Orientações sobre identidade de gênero**: Conceitos e termos. 2. ed. Brasília: Publicação online, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANEROCONCEITOS-E-TERMOS.pdf>> Acesso em: 23 jun. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

LOPES, Luísa Ferreira et. al. Diaba: as semiosferas do cotidiano das travestis brasileiras. **Revista Discente**, v. 1, n. 1, jul./dez. 2020. Disponível em: <<http://www.revistas.uniflu.edu.br:8088/seer/ojs-3.0.2/index.php/discente/article/view/306/201>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *Queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, jul./dez. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/#>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MATTOS, Isabela; CÉ, Otávia. Identificação e representatividade: um estudo de caso sobre o vídeo “Opinião sobre Pablo Vittar”. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, n. 19, Paraná, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1646-1.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MARIA, Julio. **Ney Matogrosso: a biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MARQUES, Luciana. Homossexualidade, cultura e representações sociais: um breve percurso sobre a história de sua (des)patologização, **Poliantea (Bogotá)**, Colômbia, v.10, n.18, p. 227-267, jan./jun., 2014. Disponível em: <<https://journal.poligran.edu.co/index.php/poliantea/article/view/534/479>>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MEMÓRIAS CINEMATOGRAFICAS. **A ambiguidade misteriosa de Julian Eltinge, “o homem atriz”**. 2020. Disponível em: <<https://memoriascinematograficas.com.br/2020/10/a-ambiguidade-misteriosa-de-julian-eltinge-o-homem-atriz.html>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MEZAN, R. **Tempo de muda: ensaios de Psicanálise**. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISKOLCI, Richard. **Crítica à hegemonia heterossexual**. In: Dossiê Teoria *Queer*: o gênero sexual em discussão. Revista Cult, ano 17, n. 193, p. 32-35, 2014. Disponível em: <<https://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/issue/view/4>>. Acesso em: 26 nov.2023.

MORAES, J. G. V. de. História e música: canção popular e elemento histórico. **Revista Brasileira de História**, v. 20, n. 39, p. 203-221, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882000000100009>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

MORAES, R. **Pablo Vittar veio à tona, foi K.O.: a cultura drag na mídia e no mercado musical brasileiro**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/16359/MORAES%2C%20Rafael.%20PABLO%20VITTAR%20VEIO%20%20C3%80%20TONA%2C%20FOI%20K.O.%20A%20CULTURA%20DRAG%20NA%20M%20C3%8DDIA%20E%20NO%20MERCADO%20MUSICAL%20BRASILEIRO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 mar. 2023.

MOREIRA, Camila Maria Santos Meira; SANTANA, Paulo Henrique Basilio. **Pablo Vittar e o Acionamento de Traços do Contemporâneo**. Universidade Fed. De Minas Gerais, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0683-1.pdf>>. Acesso em: 09 Maio 2024.

MOTT, Luiz. A revolução homossexual: o poder de um mito, **Revista USP**, São Paulo, n.49, p. 40-59, mar./mai, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32907/35477>>. Acesso em: 16 mai. 2020.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar**: família, filhos e desafios [online]. São Paulo: Editora UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-03.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2024.

OSÓRIO, L.C.; VALLE, M.E.P.do. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAGNAN, Redson. De Foucault à Butler: como a teoria *queer* contamina os discursos, **Revista Rua**, v. 26, n. 2, p. 741-747, 2020. Disponível em: <<https://labeurb.unicamp.br/rua/rua2/imagens/revistas/16/resenha/16.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PELÚCIO, Larissa. **Breve história afetiva de uma teoria deslocada**. In: Dossiê Teoria *Queer*: o gênero sexual em discussão. Revista Cult, ano 17, n. 193, p. 32-35, 2014. Disponível em: <<https://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/issue/view/4>>. Acesso em: 07 jan.2024.

PEREIRA, Livia. Que femininos são esses? O “anti-camp” das *drag queens* brasileiras na música. In: **Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação**, n. 42, Belém, 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0455-1.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

QUEIROZ, Flávio de Araújo. **Ney Matogrosso**: sentimentos de contramão, transgressão e autonomia artística. 2009. 271 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1218>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SANTANA, Gilvan da Costa; SANTOS, Elza Ferreira. **Música queer brasileira**. In.: Conferência Internacional de Estudos Queer. 11, 12 e 13 de abr. de 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/40233>>. Acesso em 02 mar. 2023.

ROCHA, Rose de Melo; POSTINGUEL, Danilo. K.O.: O nocaute *remix* da *drag* Pablo Vittar, **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 20, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/1416/951>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

SANTOS, T. H. R. dos. Prazer, eu sou arte, meu querido: apontamentos historiográficos para uma genealogia da travestilidade drag queen. **Revista Periódicus**, v.2, n.11, p. 17–44, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28252>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SILVA, Jéssica Leal de Moraes; SOUSA, Nathalia Guimarães e. Não Recomendados: uma ode ao amor e à liberdade. **Revista Eletrônica de Ciências**

Sociais, n. 23, p. 315-326, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17506/8873>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SOARES, Thiago. Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop. **LOGOS 41: Cidades, Culturas e Tecnologias Digitais**, v. 2, n. 24, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14155/10727>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade, 6ª ed. São Paulo: Record, 2004.

WASSER, N. O movimento musical LGBT e seus contramovimentos, **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 8, n. 20, p. 50-77, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5957/595765946003/595765946003.pdf>>. Acesso em 03 mar. 2023.

Material On-line

ALVES, Victória. **#SemanaElodeOrgulho: A maior drag queen do mundo é do Brasil**. 2020. Disponível em: <<https://elojornal.com.br/semanaelodeorgulho-a-maior-drag-queen-do-mundo-e-do-brasil/>>. Acesso em: 08 mai. 2024.

ARAM, André. **Kaká di Polly**: “Duvido que vocês publiquem esta entrevista na íntegra. *GayBlog*, 2020. Disponível em: <<https://gay.blog.br/entrevistas/kaka-di-polly-duvido-que-voces-publiquem-esta-entrevista-na-integra/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BARREIROS, Fábio. **Como Pablo Vittar se tornou a cantora drag mais popular do mundo?** 2020. Disponível em: <<https://observatoriodemusica.uol.com.br/noticia/como-pablo-vittar-se-tornou-a-drag-queen-mais-popular-do-mundo>>. Acesso em: 08 mai. 2024.

BBC NEWS BRASIL. **Pablo Vittar**: “Baby, ele chegou atrasado. Brasil é paraíso gay. É o nosso país”. Youtube, 03 mai. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KL_6b_HsJis>. Acesso em: 01 mai. 2024.

CARMO, Sidney Gonçalves do. **Como um garoto que cresceu sofrendo bullying se tornou Pablo Vittar**. Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/08/1907427-como-um-garoto-que-cresceu-sofrendo-bullying-no-ma-se-tornou-pablo-vittar.shtml>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

COSTA, Bruno. **Conheça o Quebrada Queer, coletivo de rap LGBTQIA+ que lança primeiro disco ‘Holoforte’**. Vogue, 2022. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/Musica/noticia/2022/04/conheca-o-quebrada-queer-coletivo-de-rap-lgbtqia-que-lanca-primeiro-disco-holoforte.html>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

EEROLA, Toni. **“Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro...: Preconceito, Xenofobia e a Categorização do ‘Estranho’ na Cultura Brasileira”**. In: Revista Xaman. 2005.

FERREIRA, Mauro. **Angela Ro Ro, ‘a que tudo sentiu, disse e fez’, chega em forma aos 70 anos**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/12/05/angela-ro-ro-a-que-tudo-sentiu-disse-e-fez-chega-em-forma-aos-70-anos.ghtml>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

HOOKE, J. **O manifesto de Johnny Hooker**. Bozinoski, M., 2018. Acesso em: <<https://www.vogue.pt/o-manifesto-de-johnny-hooker>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

KER, João. **Biblioteca em homenagem a Laura de Vison é inaugurada no Rio**. 2020. Disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/historia-queer/biblioteca-em-homenagem-a-laura-de-vison-e-inaugurada-no-rio/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MERLO, Paula. **Pablo Vittar: “Agradeço todas as noites pelo que tenho e pelo que faltou, porque me fez correr atrás”**. 2020. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/10/pablo-vittar-agradeco-todas-noites-pelo-que-tenho-e-pelo-que-faltou-porque-me-fez-correr-atras.html>>. Acesso em: 01 mai. 2024.

PEPITA. **De Mulher Pepita a Linn da Quebrada: Ser trans no Brasil, uma causa que vai além de gênero musical**. Sapo Mag, 2017. Disponível em: <<https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/de-mulher-pepita-a-linn-da-quebrada-ser-trans-no-brasil-uma-causa-que-vai-alem-do-genero-musical>>. Acesso em: 1 mai. 2023.

RAATZ, Luiz. **Uganda e mais seis: quais são os países que preveem pena de morte de homossexuais**. Estadão, 2023. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/uganda-e-mais-seis-quais-sao-os-paises-onde-ter-relacoes-homossexuais-e-punido-com-pena-de-morte/>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

RIBEIRO, Naiane. **‘Nunca aprendi a lidar com o preconceito’, diz Pablo Vittar**. 2019. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nunca-aprendi-a-lidar-com-preconceito-diz-pablo-vittar/>>. Acesso em: 08 mai. 2024.

TEIXEIRA, Patrícia; BRANCO, Gabriel Castelo. **Pablo Vittar desfila na Beija-flor com transparência: ‘Esse carnaval ainda não beijei ninguém’**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia/pablo-vittar-desfila-como-destaque-na-beija-flor.ghtml>>. Acesso: 08 mai. 2024.

VILANOVA, Beatriz. **Pablo Vittar lembra de bullying sofrido na infância: ‘Tinha muito receio de sair na rua’**. 2019. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/09/pablo-vittar-lembra-de-bullying-na-infancia-tinha-muito-receio-de-sair-na-rua.shtml>>. Acesso em 01 mai. 2024.

VITTAR, Pablo. **Indestrutível** (Vídeoclipe Oficial). 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww>>. Acesso em: 08 mai. 2024.

APÊNDICE A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Campus Erechim

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: **Teoria queer e preconceito ao LGBTQIA+: a importância da drag queen Pablo Vittar no processo de assumir-se sob a perspectiva de administradores de fã clubes da artista**

Prezado participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **Teoria queer e preconceito ao LGBTQIA+: a importância da drag queen Pablo Vittar no processo de assumir-se sob a perspectiva de administradores de fã clubes da artista**.

Esse trabalho é desenvolvido pelos pesquisadores: Mateus Eduardo da Rocha, Prof. Dr. Reginaldo José de Souza, ambos vinculados à UFES.

O objetivo central deste estudo é: Investigar as vivências de pessoas ao se assumir LGBTQIA+ e promover reflexão sobre as influências que a drag queen Pablo Vittar têm neste contexto e/ou em como a pessoa lida com sua identidade sexual e de gênero.

Justifica-se a pertinência da pesquisa, que tem caráter qualitativo, para disseminação de informações acerca da temática e para a reflexão sobre a importância que representantes da comunidade LGBTQIA+ podem ter em períodos delicados, como o de assumir-se uma pessoa pertencente à comunidade.

Ao todo, serão entrevistados dez administradores de fã clubes da artista Pablo Vittar. Esse número se justifica pelo fato da pesquisa se caracterizar como qualitativa e dessa forma o número de dez entrevistas consegue possibilitar dados satisfatórios para a análise de dados da pesquisa.

O pesquisador postará em suas redes sociais (*Instagram* e *X*) duas publicações em cada rede social durante o período de quinze dias, sendo uma publicação por semana em cada uma das redes mencionadas. Na publicação, pedirá para que seus seguidores mencionem o nome de fã clubes da artista Pablo Vittar, pertencentes ao *Instagram* e ao *X*. Com essa lista, os dez fã clubes serão selecionados a partir dos seguintes critérios, sendo filtrados cinco fã clubes de cada uma das redes sociais. Para ser selecionado, o fã clube deve se enquadrar nas questões abordadas posteriormente.

Assim, o convite de sua participação para a entrevista se deve a: -Menção na lista de sugestões de fã clubes sugeridas por pessoas com acesso às publicações do pesquisador em suas redes sociais; -Ser brasileiro e maior de 18 anos de idade; -ser indivíduo LGBTQIA+; -já ter se assumido parte da comunidade LGBTQIA+; Estar entre os cinco maiores número de seguidores do *Instagram* ou cinco maiores do *X*, de acordo com a lista de sugestões; - Estar entre os cinco maiores tempos de atuação no fã clube do *Instagram* ou os cinco maiores do *X*, que será verificado de acordo com a criação da conta nas redes; -Frequência mínima semanal de postagens, nos últimos 90



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Campus Erechim

dias, demonstrando-se ativos na rede social e em contato frequente com informações sobre a artista, podendo responder as perguntas com maior propriedade e riqueza de detalhes. Os critérios serão seguidos de forma rigorosa, levando-se em consideração que, em caso de similaridade de dados em determinados itens, prevalecerá o primeiro item sendo como o mais importante e responsável como desempate, mantendo-se o empate, o segundo item se torna desempate e assim consecutivamente. Se algum fã clube permanecer em empate mesmo com todos os itens abordados, as vagas restantes serão selecionadas por meio de sorteio. Será feita uma tabela que demonstrará de forma organizada todo o processo de seleção e anexada na Dissertação. Os critérios de exclusão se darão pelo fato de não responder aos critérios de inclusão elaborados para a entrevista ou não responder aos contatos do pesquisador na rede social do fã clube.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Primeiramente, os riscos dizem respeito à evocação de memórias íntimas e de momentos difíceis, além do desconforto ao citá-las. Medidas que visam reduzir os riscos é a promoção de um ambiente acolhedor e privativo, possibilitando conforto aos participantes; estar atento aos sinais verbais e não-verbais de desconforto para impedir que problemas se agravem; liberdade em interromper a participação, possibilidade de recusa a responder a qualquer pergunta, permitindo, assim, a integridade dos participantes; sigilo dos dados, utilização de nomes fictícios ou outra forma de manutenção do anonimato, assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades e não expor imagens que possibilitem a identificação do participante, seguindo preceitos éticos. Esta condição de cuidado com os dados será devidamente apresentada para cada entrevistado no início da formalização do contato e por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, documentando todos estes critérios de redução de riscos a partir dos relatos pessoais do entrevistado. Ressalta-se também que o mestrando é psicólogo e poderá utilizar técnicas advindas da Psicologia, como a escuta especializada e olhar atento aos comportamentos. Caso algum dos riscos se concretizem, as instituições envolvidas serão informadas sobre o ocorrido.

Destaca-se que após o consentimento para gravar as entrevistas, o material constituído será armazenado em local seguro. As gravações em vídeo das entrevistas e as transcrições correspondentes serão armazenadas em arquivos digitais (computador pessoal e drive online) sendo ambos protegidos por senha, disponíveis apenas para o pesquisador e o orientador. Esses materiais permanecerão arquivados por um período máximo de cinco anos, conforme normativa do comitê de ética e pesquisa da UFFS e normatização superior, após esse período serão excluídos em sua totalidade.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Campus Erechim

Quanto à realização das entrevistas, serão propostas entrevistas virtuais por meio de videochamadas via ferramenta *Google Meet*, que permitirão reserva e tranquilidade durante as conversas. A entrevista será executada pelo pesquisador Mateus Eduardo da Rocha e deve ser realizada em local privativo e sem perturbação sonora, da preferência do participante, já que é uma entrevista virtual. Será realizada em data e hora proposta pelo participante, de acordo com sua disponibilidade, em até três meses após aprovação em Comitê de Ética do projeto. A sua participação quanto entrevistado consistirá em fazer parte de uma entrevista individual, dividida em quatro blocos, com temáticas associadas ao assumir-se LGBTQIA+ e como lida com sua identidade sexual e/ou de gênero, além de perguntas de foro pessoal e outras sobre seu fã clube da artista Pablo Vittar e sua relação com a *drag queen*.

Os benefícios se encontram na promoção da inclusão sobre a temática LGBTQIA+ no meio acadêmico; ressalva da importância que um fã clube de uma artista da comunidade LGBTQIA+ possui na sociedade, levando-se em consideração as normas cisheteronormativas presentes na atualidade; compreensão de que o que cada administrador de fã clube faz, também é um ato político e auxilia na redução de preconceitos e discriminações associadas ao público LGBTQIA+.

Durante a realização da entrevista é garantido o direito do entrevistado em não responder.

O registro do consentimento se dará, efetivamente, durante o primeiro contato via rede social (*Instagram ou X*) do fã clube selecionado a partir dos critérios de inclusão e exclusão deste estudo, a fim de apresentar a pesquisa e verificar interesse em participar da entrevista. Diante disso, será disponibilizado por *e-mail* o termo de consentimento TCLE para a assinatura digital ou será requisitada impressão e assinatura do entrevistado e reenvio ao pesquisador. Neste momento, também, serão tiradas as dúvidas sobre a pesquisa e a entrevista. Será garantido o anonimato, utilizando, também, pseudônimos na apresentação dos dados.

Antes da realização das entrevistas o participante terá direito de acesso ao teor do conteúdo, referente aos tópicos que serão perguntados, antes de responder às perguntas, de maneira que possa se antecipar em suas decisões. Entretanto, o acesso às perguntas será disponibilizado apenas depois que o participante firmar seu consentimento para a entrevista.

Durante a realização da entrevista é garantido o direito do entrevistado em não responder qualquer questão sem, necessariamente, precisar se justificar para isso.

Será apresentada a devolutiva do resultado da pesquisa aos entrevistados através de mensagem eletrônica (*e-mail*). Os resultados obtidos a partir das entrevistas serão divulgados em dissertação, eventos e/ou publicações científicas. Os entrevistados serão convidados a assistirem à banca de defesa pública do Mestrado. Para a UFES, será realizada a devolutiva por meio de entrega de dissertação e defesa pública.

Portanto, caso concorde participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será mantida pelo/a pesquisador/a com a sua assinatura. É importante que o entrevistado mantenha em seus arquivos uma cópia do documento de entrevista, que será enviado após sua transcrição. Receberá também, ao final do estudo, uma devolutiva sobre os resultados dos dados, que serão enviados pelo *e-mail* do participante. Da mesma forma, é importante guardar a cópia do termo de consentimento (TCLE) caso surjam dúvidas sobre o acordo estabelecido para esta participação.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Campus Erechim

Assinale a seguir conforme sua autorização:

[x] Autorizo a gravação [] Não autorizo a gravação

Desde já agradecemos sua participação.

Erechim, 22 de março de 2024.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

Mateus Eduardo da Rocha (pesquisador)

Contato profissional com o pesquisador responsável:

Tel: (54) 99694-9742

e-mail: psicomateusrocha@gmail.com

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira
Sul, Campus Erechim, ERS 135, Km 72, número 200 - 99700-970
Erechim, RS - Caixa Postal 764



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Campus Erechim

Equipe do Projeto de Pesquisa:

Mateus Eduardo da Rocha (docente da UFES)

Dr. Reginaldo José de Souza (docente da UFES)

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFES:

Telefone e Fax - (49) 2049 3745

E-Mail: cep.ufes@ufes.edu.br

Página online: <https://www-mgm.ufes.edu.br/institucional/pro-reitorias/pesquisa-e-pos-graduacao/pesquisa/comite-de-etica-em-pesquisa/apresentacao>

Endereço para correspondência do Comitê de Ética em Pesquisa da UFES

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFES)

Comitê de Ética em Pesquisa da UFES

Rodovia SC 484 Km 02

89815 899 - Chapecó - Santa Catarina – Brasil

CAAE -

Parecer de aprovação CEP/UFES e/ou CONEP:

Data de aprovação: ____/____/____/



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Campus Erechim

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do participante:

Assinatura: _____

Nome completo do(a) pesquisador(a): Mateus Eduardo da Rocha

Assinatura: _____

Erechim, 22 de março de 2024.

APÊNDICE B – Apresentação detalhada da construção das URs, UTs e CAs

Apresentação detalhada da construção das URs, UTs e CAs

Participantes	Unidades de Registro	Unidades Temáticas	Categorias
E1	UR1: <i>"Vai muito realmente de família, sabe? Eu acredito que vai muito realmente de família mesmo, de tipo uma determinada família ter vamos se dizer que um conhecimento maior sobre o assunto que outra família"</i> .	O preconceito no contexto local	Assumir-se LGBT+ nunca é fácil
E2	UR2: <i>"A cidade é bastante conservadora, Goiânia assim por ser uma cidade grande, não deveria ter esse preconceito da forma que tem"</i> .		
E3	UR3: <i>"BH já tá, vamos se dizer um pouco mais evoluído sabe tipo em questão de essas coisas de preconceito"</i> .		
E4	UR4: <i>"eu não tenho nem como ter uma base porque vou ser bem sincero contigo, os lugares que geralmente eu ando, são lugares mais LGBT's."</i>		
E5	UR5: <i>"percebo que não é uma cidade de tanto preconceito, mas não tem muitas coisas que falam sobre o movimento LGBT, não é uma pauta falada aqui."</i>		
E6	UR6: <i>"Eu acho que a maioria tem um preconceito com pessoas (LGBT+), Mas aqui tem sim bastante."</i>		
E7	UR7: <i>"Mas no geral é Nordeste sempre tem caso, né? (de preconceito)."</i>		

E1	UR8: <i>"a gente tem que se aceitar primeiro, né?"</i>	Concepções ao assumir-se gay	Assumir-se gay nunca é fácil
E2	UR9: <i>"é um época um pouco tenebrosa."</i>		
E3	UR10: <i>"foi um tempo, foi um processo. Tudo feito por processo."</i>		
E4	UR11: <i>"No meio dessa confusão que eu me assumi, dizendo que eu sim, eu era gay. "</i>		
E5	UR12: <i>" Nossa, foi um reboiço enorme em casa enorme, enorme. E aí não foi nada legal, não foi nada confortável."</i>		
E6	UR13: <i>"Falei só que não foi uma notícia assim, para eles não foi uma notícia tão boa assim no começo. Mas depois passou acho que uns três ou quatro anos, eles se acostumaram e tudo, aí hoje é bem melhor, não 100% , acho que uns 50% só."</i>		
E7	UR14: <i>"No começo não tanto, teve seus problemas, mas depois foi melhorando a parte dessa parte da superproteção."</i>		
E1	UR15: <i>"Não precisa necessariamente o artista ser da comunidade LGBT para ele lutar pela causa ."</i>		
E2	UR16: <i>"Elas (figuras públicas e Arte) desempenham um papel muito intermediador, né? Esse papel é muito importante porque a maioria dos artistas utilizam da visibilidade deles para dar voz à causa LGBT ."</i>		

E3	UR17: <i>"não precisa ser um artista muito grande para chegar e tocar nas pessoas com as músicas e letras, sabe?."</i>	O papel da Arte, figuras públicas e influências para a comunidade	Assumir-se gay nunca é fácil
E4	UR18: <i>"hoje, decorrente dos tempos, as pessoas são mais flexíveis em algumas coisas, em começar depois de bater muito na tecla, falar muito, elas (as pessoas) comecem a pensar, a pesquisar e saber o que realmente está por trás ou não."</i>		
E5	UR19: <i>"Elas (figuras públicas) mostram uma arte e eu acho que muito da Arte é aquilo que você é. Por exemplo, elas mostram aquilo que elas são, elas mostram um pouco daquilo que passaram."</i>		
E6	UR20: <i>"acho que a Arte é política."</i>		
E7	UR21: <i>"A Arte e o artista sempre pode levantar discussões e questões da sociedade."</i>		
E1	UR22: <i>"um porto seguro não só para o artista como também para os outros fãs, é de uma grande importância. Tem a família que a gente forma dentro de um fã clube também porque hoje eu tenho amigos que eu considero grandes amigos que eu levo para a vida toda e que eu conheci dentro do fã clube da Pablo."</i>	Concepções, motivações e papel do fã clube	Minha história com Pablo Vittar
E2	UR23: <i>"Ele (fã clube) não tá aqui só para mostrar amor. Não só para isso, mas também a gente trabalha nessa causa de mediar, de contribuir também para o conhecimento das outras pessoas."</i>		

E3	UR24: <i>"Eu considero um cantinho de amor, sabe? Aonde eu posso deixar tudo, o amor que eu sinto pela Pablo de algum jeito, foto, por vídeo, texto."</i>	Concepções, motivações e papel do fã clube	
E4	UR25: <i>"é importante para expandir e direcionar o conteúdo certo e verídico para as pessoas, para elas saberem o que que está acontecendo."</i>		
E5	UR26: <i>"o fã clube aproxima mais as pessoas que estão ali na bolha (da comunidade LGBTQ+), inseridas e também com as pessoas que não estão inseridas naquilo, serve para puxar mais pessoas para gostarem e verem o trabalho desse artista."</i>		
E6	UR27: <i>"Compartilhar (no fã clube) a música da Pablo é fazer que a arte dela seja mais reconhecida, cresça mais e que mais pessoas ouçam e escutem ela. Acho que é o objetivo é demonstrar admiração pela artista e compartilhar cada vez mais."</i>		
E7	UR28: <i>"um lugar, um templo para enaltecer o artista ou banda, enfim, de divulgar, de mostrar o quanto ela é importante na vida das pessoas, principalmente daquele fã clube."</i>		Minha história com Pablo Vittar

E1	UR29: “ela ajuda dando <i>um conselho, um choque de realidade que ela dá na gente, que a gente precisa ter essa necessidade grande de ser quem realmente a gente é então, eu acho que ela usa muito isso 24 horas por dia na cara dela, sabe? do tipo de estar influenciando a gente a ser quem a gente é, a seguir nossos próprios sonhos.</i> ”	Influências da Pabllo Vittar ao assumir-se e/ou lidar com identidade sexual ou de gênero	
E2	UR30: “ <i>Ela me salvou. Eu falo toda vez que eu encontro com ela, falo: ‘cara, você me salvou.’</i> ”		
E3	UR31: “ <i>ela me ajudou bastante nessa questão de me assumir e também me reconhecer como drag queen [...]ela me ajudou bastante em questão de ter força, de ter garra, coragem.</i> ”		
E4	UR32: “ <i>tem algumas frases, tem algumas coisas da Pabllo que eu levo para a vida, algumas músicas que tipo me ajudam muito em relação a superar alguns momentos.</i> ”	Influências da Pabllo Vittar ao assumir-se e/ou lidar com identidade sexual ou de gênero	
E5	UR33: “ <i>Eu ficava com medo das pessoas, do que iam achar de mim, do que as pessoas pensavam de mim. Aí naquele momento (das consequências de se assumir) é muito difícil, foi quando eu comecei a acompanhar um pouco mais ela, e ela me confortou bastante porque ela não estava nem aí, ela era quem ela era.</i> ”		Minha história com Pabllo Vittar
E6	UR34: “ <i>ela (Pabllo) me passou segurança, ela me ensinou a ser eu mesmo.</i> ”		

E7	<i>UR35: “se ela é um gay de peruca e tá fazendo sucesso na televisão e tá falando com todo mundo, então, eu posso ser eu mesmo também e mostrar minha arte, mostrar quem eu sou, sem precisar cortar nenhum pedaço meu.”</i>		
----	---	--	--